

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

NELSON VIEIRA TORRES

A REDUÇÃO DA INDISCIPLINA E DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: um olhar a partir da
prática da Educação Física na escola - limites e possibilidades.

Paranaíba – MS

2015

NELSON VIEIRA TORRES

A REDUÇÃO DA INDISCIPLINA E DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: um olhar a partir da
prática da Educação Física na escola - limites e possibilidades

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elson Luiz de Araújo

Paranaíba – MS

2015

T646r

Torres, Nelson Vieira

A redução da indisciplina e da violência escolar: um olhar a partir da prática da educação física na escola – limites e possibilidades / Nelson Vieira Torres. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2015.

140f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Elson Luiz de Araujo.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Violência escolar. 2. Indisciplina. 3. Educação física. I. Torres, Nelson Vieira. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Mestrado em Educação. III. Título.

CDD – 370.19

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

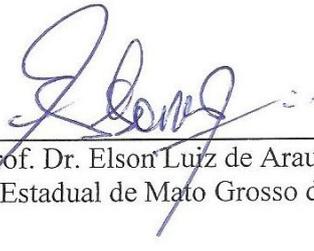
NELSON VIEIRA TORRES

**A REDUÇÃO DA INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA ESCOLAR: um olhar a partir da
prática da Educação Física na escola – limites e possibilidades**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 14 de agosto de 2015

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Elson Luiz de Araujo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Profa. Dra. Rosane Michelli de Castro
Universidade Estadual Paulista/Marília (UNESP)



Profa. Dra. Maria Silvia Rosa Santana
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Dedico este trabalho à minha esposa, Maria Oneida, fiel e
Companheira em todos os momentos; e aos meus filhos Rafael,
Mateus, Natan e Moisés, por serem o capítulo mais importante da
minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela grandeza de Sua presença em minha vida, pelas conquistas realizadas até o momento e por fazer parte de todas elas.

À minha família, Dona Arlinda minha mãe e meus irmãos Nei, Márcio, Mariana, Bruniele e José Vieira Junior.

Ao meu pai, José Vieira Torres (*in memoriam*), que nos deixou recentemente neste ano de 2015-pelos ensinamentos e pelo incentivo na minha vida estudantil, e a quem dedico mais esta conquista.

Ao Prof. Dr. Elson Luiz de Araújo, pelo privilégio de tê-lo como amigo orientador e mestre, pela confiança em mim depositada, pela dedicação e paciência e principalmente pelos ensinamentos durante essa jornada.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), aos docentes do Mestrado em Educação e funcionários, sem os quais este trabalho não se concretizaria.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ser bolsista no Observatório da Educação (OBEDUC).

A todos os colegas de trabalho, em especial ao professor de Educação Física Carlos Alberto Espelocin Gonçalves, pela parceria ao longo de 20 anos de trabalho, às professoras Michela e Rúbia pelo encorajamento no início dessa caminhada.

Aos diretores, coordenadores, professores e alunos das escolas pesquisadas, pela simpatia com que se dispuseram a colaborar para a coleta de dados para a pesquisa.

Às professoras Profa. Dra. Rosane Michelli de Castro e Dra. Maria Silvia Rosa Santana, membros da banca de qualificação e defesa, pelas valiosas sugestões no aperfeiçoamento do trabalho.

Aos colegas do mestrado, pela união e companheirismo durante todo o período de cumprimento das disciplinas.

Uma das coisas importantes da não violência é que não busca destruir a
pessoa, mas transformá-la.

Martin Luther King

RESUMO

A indisciplina e a violência escolares têm preocupado os educadores, bem como a sociedade, na medida em que vandalismo, agressões físicas, verbais e incivilidades ocorrem com frequência nas relações sociais. A escola convive com atitudes de indisciplina e violência que geram na comunidade escolar um clima de insegurança, e ao mesmo tempo, de desconfiança quanto ao papel das autoridades na manutenção da tranquilidade e da ordem social. No ambiente escolar são inúmeras as atuais ocorrências de atitudes de incivilidade, depredação do patrimônio, agressão física entre os estudantes, ameaças a professores e funcionários, agressão verbal, furtos, influência do narcotráfico, reflexos da sociedade atual que tem preocupado os pais e todos os segmentos sociais. A pesquisa teve como objetivo analisar o papel da disciplina de Educação Física como uma das alternativas para desenvolver a autonomia do aluno, a cooperação, o respeito às regras, à ética e à solidariedade, sobrepondo às situações de conflitos e violência em meio escolar. Para isso faz-se necessário analisar a relação professor-aluno e as relações de sociabilidades estabelecidas com os professores das diversas áreas. Trata-se de pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizada com estudantes e professores de Educação Física dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio da Rede Pública Estadual. Os dados possibilitaram identificar e compreender os aspectos que envolvem a indisciplina e violência; os tipos de violência no espaço escolar; a relação professor de Educação Física e alunos em comparação com o relacionamento dos professores das outras disciplinas e alunos no enfrentamento das questões relativas à indisciplina e à violência em meio escolar. Concluímos que a pesquisa nos forneceu elementos para a compreensão das possibilidades de atuação da Educação Física escolar no desenvolvimento das ações educativas que podem facilitar as relações interpessoais e favorecer as mudanças de comportamento no sentido de coibir todo ato considerado indisciplinado e violento.

Palavras-chave: Educação. Educação Física. Indisciplina. Violência escolar.

ABSTRACT

The indiscipline and school violence have worried educators and society, insofar as vandalism, physical attacks, verbal and incivilities occur frequently in social relations. The school lives with attitudes of indiscipline and violence that generate in the school community an atmosphere of insecurity, and at the same time, distrust of authorities' role in maintaining peace and social order. In a school setting are numerous current instances of incivility attitudes, depredation of property, physical aggression among students, threats to teachers and employees, verbal aggression, theft, influence of drug trafficking, reflections of contemporary society that has worried parents and all social segments. The research aimed to analyze the role of Physical Education as an alternative to develop student autonomy, cooperation, respect for rules, ethics and solidarity, overlapping situations of conflict and violence in schools. For this, it is necessary to analyze the teacher-student relationship and the relations of sociability established with teachers of different areas. It is a qualitative study with semi-structured interviews conducted with students and physical education teachers of 6 and 9 years of elementary school and 3rd year of high school at the State Public School. The data made it possible to identify and understand the aspects involved in indiscipline and violence; types of violence at school; the relation professor of Physical Education and students compared to the relationship of other disciplines teachers and students in addressing issues relating to indiscipline and violence in schools. We conclude that research has provided us with elements to understand the possibilities of School Physical Education role in the development of educational activities that can facilitate interpersonal relations and promoting behavioral changes in order to curb any act considered unruly and violent.

Keywords: Education. Physical education. Indiscipline. School violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - Porcentagem de resposta dos professores de Educação Física sobre o que consideram indisciplina e violência.....	76
GRÁFICO 2 - 100% dos professores adotam diálogo para resolver problemas de indisciplinas e violência durante as aulas.....	77
GRÁFICO 3 - Opinião dos docentes de Educação Física em relação às dificuldades dos professores de outras disciplinas.....	80
GRÁFICO 4 - Como a Educação Física na Escola contribui para redução da indisciplina e da violência.....	82
GRÁFICO 5 - Diferenças de relacionamento interpessoal do professor da disciplina de Educação Física demais professores.....	84
GRÁFICO 6 - Questionados sobre eventos realizados na escola no ano de 2014.....	86
GRÁFICO 7 - Questionados sobre como ocorrem as relações interpessoais entre os professores e alunos.....	88
GRÁFICO 8 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão do questionário.....	89
GRÁFICO 9 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 1 do questionário.....	90
GRÁFICO 10 - Respostas dos alunos do 3º ano Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 1 do questionário.....	91
GRÁFICO 11 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 2 do questionário.....	93
GRÁFICO 12 - Respostas dos alunos do 9º das escolas 1 e 2 à questão 2 do questionário.....	94
GRÁFICO 13 - Respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 2 do questionário.....	95
GRÁFICO 14 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 3 do questionário.....	97
GRÁFICO 15 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 3 do questionário.....	98
GRÁFICO 16 - Respostas dos alunos do 3º ano do Ensino médio das escolas 1 e 2 à questão 3 do questionário.....	98
GRÁFICO 17 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 4 do questionário.....	100

GRÁFICO 18 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 4 do questionário.	101
GRÁFICO 19 - Respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 4 do questionário.	102
GRÁFICO 20 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 5 do questionário.	104
GRÁFICO 21 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 5 do questionário.	105
GRÁFICO 22 - Respostas dos alunos do 3º ano do ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 5 do questionário.	106
GRÁFICO 23 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 6 do questionário.	108
GRÁFICO 24 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 6 do questionário.	109
GRÁFICO 25 - Respostas dos alunos do 3º ano ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 6 do questionário.	110
GRÁFICO 26 - Resposta dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 7 do questionário.	112
GRÁFICO 27 - Resposta dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 7 do questionário.	113
GRÁFICO 28 - Resposta dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 7 do questionário.	114
GRÁFICO 29 - Resposta dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 8 do questionário.	117
GRÁFICO 30 - Resposta dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 8 do questionário.	118
GRÁFICO 31 - Resposta dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 8 do questionário.	118
GRÁFICO 32 - Resposta dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 9 do questionário.	121
GRÁFICO 33 - Resposta dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 questão 9 do questionário.	121
GRÁFICO 34 - Resposta dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 9 do questionário.	122

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 - Característica dos professores.	45
QUADRO 2 - Conteúdos da disciplina Educação Física.	55
QUADRO 3 - Jogos competitivos e jogos cooperativos.	67
QUADRO 4 - Caracterização do espaço físico da escola 1.	70
QUADRO 5 - Caracterização do espaço físico da escola 2.	71
QUADRO 6 - Demonstrativo dos sujeitos-professores de Educação Física participantes da pesquisa.	73
QUADRO 7 - Que cursos de aperfeiçoamento realizou sobre a temática da indisciplina e violência na escola?	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 DISCIPLINA, INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA ESCOLAR	20
1.1 Disciplina e indisciplina na escola	20
1.2 Violência escolar	25
2 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR/ALUNO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ALUNO.	35
2.1 Violência e Indisciplina nas aulas de Educação Física	35
2.1.2 Espaço Físico e Educação Física	36
2.1.3 O material Pedagógico e a Educação Física	38
2.1.4 Superlotação das turmas	39
2.1.5 Aulas pouco motivadoras	40
2.1.6 Valorização excessiva da competição	42
2.2 Relação professor e aluno	43
2.3 Relação professor de Educação Física e aluno.	46
3 CARACTERIZAÇÃO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PRODUÇÕES SOBRE O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA	51
3.1 Educação Física e os PCN	51
3.2 O currículo escolar e a disciplina de Educação Física	55
3.3 O professor de Educação Física	62
3.4 A Educação Física e estudos de combate à indisciplina e violência em meio escolar.	63
4 COLETA DE DADOS E DISCUSSÕES	69
4.1 Procedimentos de coleta de dados	69
4.2 Caracterização dos espaços físicos e pedagógicos das escolas pesquisadas.	69
4.3 Caminhos metodológicos.	72
4.4 Apresentação dos resultados da pesquisa e análise dos dados	73
4.4.1 - Professores	73
4.4.2 Quanto às respostas dos Alunos	89
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS	128

APÊNDICES	136
APÊNDICE A - Questionário aplicado aos alunos das escolas 1 e 2.	136
APÊNDICE B - Questionário aplicado aos professores de Educação Física das escolas 1 e 2.	139

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida, cujos resultados ora são apresentados, teve como objetivo analisar o papel da disciplina Educação Física como uma das alternativas para desenvolver a autonomia do aluno, a cooperação, o respeito às regras, à ética e à solidariedade, sobrepondo às situações de conflitos e violência em meio escolar. Para isso faz-se necessário analisar a relação professor-aluno e as relações de sociabilidades estabelecidas com os professores das diversas áreas.

Durante a prática profissional como professor de Educação Física da rede estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, houve sempre a preocupação em atender aos objetivos próprios da disciplina, sempre na busca por informações teóricas e metodológicas, no sentido de melhor atender aos alunos, assim como contribuir com a melhoria no processo de ensino e de aprendizagem por meio dos conteúdos relacionados com a cultura corporal. Surgia também a necessidade de entender os comportamentos de indisciplina e violência em meio escolar que aconteciam com frequência, não só no momento das aulas, como também na entrada, no recreio e na saída da escola.

A inquietação em procurar entender os motivos que levam os alunos a praticarem atos de indisciplina e violência em meio escolar é uma preocupação que faz parte do cotidiano escolar e também durante as aulas de Educação Física, na medida em que esse tipo de comportamento dificulta a condução de um trabalho pedagógico significativo, com impacto negativo nas relações entre professores e alunos e acaba por acarretar desgaste emocional em ambos.

A oportunidade de aprofundar cientificamente nesta questão surgiu quando ingressei no Observatório da Educação (OBEDUC)¹, participando do Observatório da Violência nas Escolas, um projeto de pesquisa da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, que desenvolve ações e estudos voltados à problemática da indisciplina e da violência em meio escolar. Surge então, a partir das discussões e dos estudos abordados no Observatório e no

¹Programa criado pelo Decreto Presidencial nº 5.803/2006, uma parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) objetiva propiciar a articulação entre a pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica, com melhorias na qualidade do ensino e formativa dos alunos.

Grupo de Estudos, Pesquisas e Práxis Educacionais (GEPPE), o interesse em ingressar no programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação² dessa mesma universidade, como intuito de pesquisar as questões relativas à indisciplina e à violência em meio escolar a partir da disciplina de Educação Física e visualizar quais as suas possíveis contribuições para compreender e posteriormente tentar sanar o problema, ou, pelo menos, minimizá-lo.

Sendo assim, este estudo torna-se relevante na medida em que procura analisar: a indisciplina e a violência em meio escolar e a prática da Educação Física na escola; a relação professor e aluno, que acontece em um ambiente diferenciado das demais disciplinas, ou seja, a quadra poliesportiva; e por fim entender como, na prática, essa relação se distingue daquela estabelecida com os professores das outras áreas.

Ao analisarmos o fenômeno da violência em meio escolar, os fatores internos e externos têm que ser levados em conta, pois o ambiente escolar sofre o impacto de uma sociedade violenta, cuja prática de atos delituosos tem adentrado os muros da escola e reverbera a mesma sensação de insegurança ocorrida. Esses fatores são assim caracterizados por Abramovay (2003 p. 24-25):

Entre os aspectos externos (chamados pelos especialistas de variáveis exógenas), é preciso levar em conta, por exemplo: questões de gênero (masculinidade/feminilidade); relações raciais (racismo, xenofobia); situações familiares (características sociais das famílias); influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais, etc.) espaço social das escolas (o bairro, a sociedade). Entre os aspectos internos (chamados de variáveis endógenas), deve-se levar em consideração: a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes; as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições; o comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral.

Quanto à percepção da violência em meio escolar, segundo Abramovay e Rua (2002), há uma mudança entre o que havia no passado, quando as análises sobre a violência e direcionavam para os atos dos professores contra os alunos, na utilização de punições e castigos corporais, em contraposição ao momento atual, quando especialistas das mais diversas áreas têm como foco a violência praticada por alunos entre seus iguais, contra os professores, contra a escola, assim como a praticada por professores contra os alunos.

A violência em meio escolar gera insegurança nos diversos segmentos da sociedade, que ainda preserva a imagem da escola como um ambiente de transmissão de conhecimento.

² Área de Concentração – Educação, Linguagem e Sociedade – Linha de pesquisa: Teorias e Práticas Educacionais.

Diante da perspectiva apresentada, é necessário um novo olhar para fazer frente à problemática da violência em meio escolar, se forem considerados os aspectos atuais, inexistentes no passado, tais como o cyberbullying, a presença de gangues, o narcotráfico e a circulação de usuários de drogas dentro do espaço da escola.

Violência social e indisciplina, de acordo com Dayan (2008, p. 24), não são sinônimas. Para a autora, “[...] não há como comparar a agressão física ou vandalismo com as condutas indisciplinadas na sala de aula”.

Sendo assim, há a necessidade de se considerar a distinção entre indisciplina e violência, observar as especificidades existentes em cada uma delas, para que os encaminhamentos das intervenções por parte do professor tenham como objetivo a busca por soluções.

Quanto à indisciplina, Aquino (1996) afirma que por serem incipientes as pesquisas referentes à problemática, a mesma configura-se um tema de difícil abordagem. Para o referido autor, a indisciplina escolar não é exclusividade somente da escola pública, pois a mesma também se faz presente nas instituições particulares.

Com relação ao problema da indisciplina, a preocupação, segundo Dayan (2008), é a maneira com que essa se apresenta na sala de aula, pois de acordo com a autora, a indisciplina não se manifesta sempre da mesma maneira; há comportamentos particulares de resistência às atividades propostas pelo professor e também à participação de grupos que adotam condutas de ruptura em sala de aula.

Diante do contexto, a Educação Física escolar considerada como disciplina que trata do conhecimento produzido pela cultura corporal, a qual inclui os esportes, as danças, os jogos, as brincadeiras, a ginástica, apresenta-se como componente curricular, cujo importante papel é o de encaminhar ações pedagógicas que contribuam com a formação integral do aluno nos seus aspectos motores, cognitivos e afetivo-sociais. Nessa perspectiva, a contribuição das aulas de Educação Física é inquestionável na questão da minimização das questões que envolvem a indisciplina e a violência em meio escolar. De acordo com Kaminsky (2008, p. 4),

Neste sentido os conteúdos de Educação Física podem propiciar aos alunos momentos de reflexão, estimulando-os a pensar e a repensar nas suas atitudes durante as aulas. Cabe a Educação Física assumir também um papel social e transformador, de uma educação que se preocupa com a formação de atitudes e valores, para que desta forma o homem possa viver em sociedade sem agredir ou prejudicar o outro. Desta forma estará contribuindo para a formação de um sujeito crítico e emancipado, possibilitando um novo olhar na forma de ser, ver e intervir no mundo [...].

No primeiro capítulo, realizamos a fundamentação teórica por meio da revisão bibliográfica relativa ao conceito de disciplina, violência e sua influência no processo de ensino e de aprendizagem. Neste capítulo, apresentamos também os conceitos sobre indisciplina na escola, procuramos compreender alguns fatores gerais que contribuem para o surgimento desse tipo de comportamento em sala de aula e a sua implicação na relação professor-aluno, bem como a sua influência negativa no âmbito escolar que tem prejudicado o processo de ensino e de aprendizagem. Abordamos os diferentes tipos de violência, de que maneira elas se manifestam e quais as implicações para o dia a dia da escola, bem como os aspectos prejudiciais no âmbito pedagógico, afetivo e social dos estudantes.

No segundo capítulo, abordamos as questões relacionadas à indisciplina e à violência recorrentes durante as aulas de Educação Física, e quais os principais fatores que influenciam o surgimento desse tipo de comportamento. Nesse sentido, analisamos a influência do espaço físico para as aulas de Educação Física, o material pedagógico disponível, a superlotação das turmas, as aulas pouco motivadoras e a valorização excessiva da competição.

Apresentamos também neste capítulo, as relações que acontecem no ambiente escolar, primeiramente com o professor e o aluno de maneira geral e posteriormente, a relação entre professor de Educação Física e aluno.

No terceiro capítulo, abordamos a disciplina Educação Física diante dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o currículo escolar relacionado com essa disciplina e o professor responsável por ela, e por fim, apresentamos algumas produções de livros, artigos científicos e dissertações que tratam da Educação Física e suas contribuições, no sentido de interferir para a minimização dos problemas relacionados com a temática da indisciplina e da violência em meio escolar.

O quarto capítulo é dedicado às questões metodológicas, e nele optamos pela pesquisa qualitativa, com a aplicação de questionário, com o objetivo de conhecer e analisar o entendimento sobre questões de indisciplina e violência no espaço escolar vivenciada por professores e alunos. Sobre pesquisa qualitativa, Chizzotti (2003, p.221) descreve:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multi métodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local, em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

Os questionários foram aplicados a quatro professores de Educação Física das duas escolas públicas pesquisadas pertencentes à rede estadual de ensino do estado de Mato Grosso

do Sul, no município de Paranaíba. Foram aplicados questionários a vinte estudantes dos 6^{os} anos do Ensino Fundamental, dezessete alunos dos 9^{os} anos Ensino Fundamental e dezoito alunos do 3^o ano do Ensino Médio das referidas escolas.

Os questionários serviram de base para compreender o entendimento desses agentes educacionais em relação à indisciplina e à violência em meio escolar, as relações que acontecem no referido espaço entre o professor de Educação Física e o aluno e o que difere esse relacionamento daqueles ocorridos entre professores das demais disciplinas da escola e alunos em relação ao enfrentamento das questões de indisciplina e violência. Neste capítulo realizamos as caracterizações dos espaços físicos e pedagógicos das escolas pesquisadas, os caminhos metodológicos, os sujeitos da pesquisa, e a análise dos dados coletados por meio dos questionários.

Com os dados coletados, percebemos que os alunos veem na disciplina de Educação Física, importante papel na melhoria do processo relacional e de convivência entre os alunos e os professores e também visualizam sua contribuição no desenvolvimento de um trabalho coletivo, em equipe, que facilita o desenvolvimento e a compreensão dos limites, das regras e das normas existentes na escola. Esse fato ajuda na compreensão do processo organizacional da escola e na minimização da indisciplina e da violência em meio escolar.

Quanto aos professores de Educação Física, observamos uma dificuldade na compreensão conceitual dos termos indisciplina e violência, porém percebemos que o diálogo continua sendo o melhor instrumento para a minimização da indisciplina e da violência entre os alunos. É possível notar também a exiguidade de eventos e estudos referentes a essas questões, que na verdade deveriam envolver todos os profissionais da educação.

1 DISCIPLINA, INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA ESCOLAR

1.1 Disciplina e indisciplina na escola

Primeiramente, situaremos o conceito de disciplina como um conjunto de matérias utilizadas na educação, definindo as áreas de estudo, como por exemplo, a disciplina de Matemática, Física, Química, História, Geografia, Educação Física, etc., e no Ensino Superior temos a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia, etc. Essa definição relacionada a matérias de estudo ou aos conteúdos de ensino aparece nas primeiras décadas do século XX. Porém, ao final do século XIX o termo disciplina referia-se à vigilância dos estabelecimentos em relação às condutas prejudiciais à boa ordem, ao disciplinamento do comportamento e a atitudes repressivas. (CHERVEL, apud JUNIOR, 2005 p. 395).

O termo disciplina também é utilizado para definir a organização pessoal, por meio da qual, com dedicação e perseverança, se consegue alcançar as metas almejadas, sejam elas de ordem econômica ou profissional.

Quanto ao disciplinamento do comportamento, Dayan (2011, p. 8) afirma que a “disciplina consiste num dispositivo e num conjunto de regras destinadas a garantir diferentes atividades num lugar de ensino”, e salienta: a disciplina visa garantir efetivamente um ambiente organizado, e as regras auxiliam nesse processo de ensino e de aprendizagem.

Foucault (1997, p. 126-127), ao abordar o disciplinamento, salienta o uso da disciplina como um método de sujeição do homem e do corpo, portanto, as normas e as regras como meio de opressão e obediência, o que não contribui para o processo de desenvolvimento da autonomia do sujeito. Para ele são:

[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui estas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

Nessa perspectiva, Foucault (1997) relaciona a disciplina a um sistema de controle que atende aos interesses de utilidade e de docilidade, com isso, há o controle para maior produtividade econômica e aceitação das normas. E com a revolução industrial, a disciplina atingiu as fábricas para controlar o tempo e o espaço das pessoas, com o objetivo de evitar tumultos e assim otimizar a força produtiva do corpo e garantir maiores níveis de produção.

Ferreira (1986 apud COBIANCHI, 2009 p. 13) menciona que “[...] disciplina são as relações do aluno ao mestre ou ao instrutor. Observância de preceitos ou normas. Submissão a um regulamento”. Portanto, essa definição está relacionada àquele que se deixa submeter a uma disciplina, se sujeita de modo passivo às normas estabelecidas por outros e obedece sem questionar as regras da instituição.

Quanto à disciplina no ambiente escolar, observamos a percepção e a preocupação constante de muitos pais e educadores quanto à sua manutenção na escola, no sentido de garantir a integridade física dos alunos e, principalmente, um aprendizado eficaz. Porém, nem sempre isso se evidencia. Uma escola rígida, disciplinadora não é garantia de segurança e eficiência.

Este é um tema que tem gerado bastantes discussões no meio educacional, deixando grande parte dos profissionais muito preocupados. No processo educativo, a falta de disciplina nas aulas é um dos temas que atualmente mais mobilizam professores, técnicos e pais de diversas escolas brasileiras que fazem parte de contextos distintos [...]. (REGO, 1996, apud COBIANCHI, 2009 p. 15).

Na escola tradicional, bastava o diretor aparecer na porta da sala de aula, para que os alunos rapidamente sentassem em seus lugares e debruçassem sobre a carteira, escondessem o rosto e adotassem silêncio absoluto, numa atitude de sujeição e de medo de serem punidos. A imobilidade e o silêncio eram os principais recursos adotados de imediato pelos alunos, pois sabiam que era exatamente esse o comportamento esperado pelo diretor, para que não houvesse possibilidade de punição. Com essa atitude, não é difícil constatar que aquela disciplina era imposta à base do castigo ou da ameaça a cada aluno e da classe como um todo (AQUINO, 1996).

Com isso, não estamos querendo dizer que na escola não deva ter normas e regras que organizem o espaço escolar, de disciplina, respeito ao outro e ao professor. Até porque, a vida em sociedade e a vida no meio escolar necessitam do cumprimento das mesmas para nortear as relações e possibilitar a convivência em busca dos objetivos comuns. A escola precisa orientar e formar seus alunos com base no conhecimento e na compreensão da realidade, do certo e do errado, das normas e regras instituídas socialmente e na escola, pois beneficiam a coletividade e atingem os objetivos comuns de produção escolar e qualidade.

Nesse sentido, a teoria Histórico-Cultural proporciona meios para reflexão e análise do processo organizacional da escola e suas normas como um sistema maior de formação, para além da transmissão de conhecimentos, oportuniza a vivência das produções culturais, visa ao

desenvolvimento do ser humano a partir das relações que ocorrem entre ele e a sociedade. Para Vygotsky; Luria (1994, p. 138 apud CHAVES et al, 2014 p.114),

O comportamento do ser humano é produto do desenvolvimento de um sistema maior de ligações sociais e relações consideradas formas coletivas de comportamento e co-operação social, e, por isso, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores deve ser visto como parte da formação social da criança, “como a história da transformação de meios de comportamento social em meios de organização psicológica individual”.

Sendo assim, o comportamento dos alunos é influenciado por um sistema maior de relações sociais, coletivas e de cooperação, e vai sendo construído ao longo da vida por meio de um processo social interativo e de apropriação da cultura produzida historicamente. E a disciplina de Educação Física está inserida nesse conjunto que perpassa todo o processo educativo, e nele a escola vai possibilitando experiências e compreensão de que a aprendizagem depende da organização individual e coletiva, das experiências relacionadas à educação recebida, bem como das relações que acontecem no grupo social ao qual está inserido num determinado momento histórico.

Observamos a complexidade que envolve a definição do que seja disciplina, pois o termo se aplica a diversas situações e correntes teóricas, é polissêmico, complexo por tratar-se de uma visão de comportamento, de valores sociais, de uma visão de educação em uma sociedade permeável de valores. Está relacionado a uma história de submissão, como resposta positiva à ordem de alguém, de obediência. Na escola, muitas vezes, está ligado a uma relação de subordinação do aluno ao professor e à observância às normas, às regras escolares. Na percepção de alguns, o bom aluno é aquele obediente, submisso, dócil, comportado, quieto, passivo. Nessa perspectiva, uma retroalimentação à dominação, contrária à organização coletiva da aprendizagem na escola ou na sala de aula, de desenvolvimento da criticidade e da autonomia do aluno, ou do sujeito de se autogovernar (VASCONCELOS, 2009).

Assim, é possível compreender que em um ambiente organizado, democrático e de desenvolvimento de atividades coletivas, a disciplina é fundamental, pois ela possibilita a aprendizagem, o respeito; deixa de lado a percepção de que a disciplina é conseqüência de algo ruim, penoso. Pelo contrário, é ela que permite atingir os objetivos e a autonomia do sujeito.

Quanto à indisciplina, Aquino (1996 p. 40) considera que ela

[...] seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que

ultrapassa o âmbito estritamente didático pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas.

Para esse autor, a indisciplina não é um problema exclusivo de um único contexto, ou seja, a mesma se faz presente nas escolas públicas, no ensino privado e no cotidiano das pessoas.

Segundo Aquino (1996 p.50), “[...] não é possível imaginar que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida em alguma instância alheia à relação professor-aluno ou que esta permaneça sempre a reboque das determinações extra-escolares”. Aquino valoriza as relações estabelecidas no dia a dia, onde professores e alunos são protagonistas de um mesmo jogo numa condição de parceria destinada a alcançar objetivos comuns e devem sempre fazer uso da sociabilidade, da cordialidade e do respeito, que fortalecem os vínculos e a possibilidade da efetivação do ensino e da aprendizagem.

Ao tratar do tema, Dayan (2008, p.19) menciona que indisciplina caracteriza-se pela ausência de regras, já que o contrário, ou seja, disciplina é a existência delas. E afirma que:

Como toda criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais.

Importante perceber que a causa da indisciplina em meio escolar não está só no aluno, mas no fato de que as relações interpessoais e pedagógicas na sala de aula devem mudar, portanto a relação professor/aluno deve ser reavaliada (DAYAN, 2008). Nesse sentido, a autora atenta para a diferenciação dos papéis que professor e aluno desempenham na escola, onde o primeiro tem como principal forma de ação, a pedagógica. Cabe também, ao professor, sempre que for necessário, estabelecer com clareza as regras de convivência, as quais devem ser construídas em conjunto, de maneira democrática, participativa e aberta às adaptações e substituições.

Segundo Marinho (2009, p.9996), no diálogo com professores, dentre os fatores de indisciplina apontados por eles, destacam-se a “[...] existência de novas tecnologias à disposição das crianças, aulas ultrapassadas; meios de comunicação mais atrativos que as aulas [...]”. Para esse autor, há resistência por parte dos alunos em aceitar o modelo de aulas expositivas, pois preferem conteúdos mais dinâmicos ligados a imagens, sons, além de que constantemente buscam informações em sites na internet e redes sociais. O que se observa é que boa parte dos professores não recorrem às novas tecnologias como recurso didático para

ministrar os conteúdos, ou ao conhecimento disponibilizado em sites que podem contribuir para uma discussão e uma análise crítica da realidade.

Guimarães (1996 p.73) considera que “[...] todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à rebelião e a violência”, constitui-se em indisciplina.

Ruotti (2006 p. 66) relata que quando “[...] diretores e coordenadores questionados sobre qual sua definição de indisciplina, os mesmos consideravam como vários comportamentos que infringiam as normas e regras escolares, mas que não necessariamente estavam vinculados a atos violentos”.

Golba (2008, n. p.) observa a diferença de perspectiva quanto ao fato gerador de indisciplina, que a causa não está apenas no aluno, mas em um conjunto de fatores que envolvem os alunos, os professores, o sistema organizacional da escola e as práticas pedagógicas.

[...] A perspectiva dos alunos sobre indisciplina apresenta distinções em relação à perspectiva dos professores. Enquanto estes tendem a relacionar a indisciplina mais às suas causas, aqueles atribuem também sentidos à indisciplina, relacionados à fragilidade das práticas pedagógicas, exercidas pelos professores.

De acordo com Passos (1996, apud OLIVEIRA, 2009), a indisciplina escolar está relacionada a alguns significados como ousadia, criatividade, inconformismo ou resistência. Porém, a abordagem em relação ao tema não deve ser reducionista. Isso porque, em determinadas ações, a ousadia, a criatividade, o inconformismo e a resistência fazem parte do processo de crescimento do aluno, ou da construção social do sujeito e de como se dão as relações entre aprendizado, desenvolvimento, ensino e educação.

De acordo com Villela (2013 p. 119), “[...] o problema da indisciplina na escola, por exemplo, é visto como um conjunto de condutas não desejáveis adotadas por alunos e que escaparam ao controle do professor e da instituição”. Atualmente, as diversas manifestações de indisciplina têm aumentado no ambiente escolar e há um esforço por parte da instituição no sentido de controlar o problema e os professores não estão alheios a isso, porém é necessário entender como se dá esse controle. De acordo com Villela (2013, p. 119), existem duas formas de controle:

Preventiva– define normas claras que estabelecem a condutas e os comportamentos desejáveis como modo de evitar futuro comportamentos desejáveis como modo de evitar futuro comportamento indisciplinado.

Reativa – estabelece o conjunto de ações, sanções e censura que devem ser adotadas diante de comportamentos considerados inadequados que estão ocorrendo ou que acabaram de ocorrer.

Segundo Villela (2013), dentre as formas de controle da disciplina, a preventiva é a que tem a preferência dos professores. Contudo, para que se alcance resultados satisfatórios em ambas, é necessário, primeiramente, não gerar expectativas quanto a resultados imediatos. É mister haver um comprometimento por parte de todos os envolvidos, e cabe ao aluno ter a noção de direitos e deveres e a responsabilidade pelos seus atos. Para tanto, é necessária a mediação por parte dos professores e da equipe pedagógica para despertar no aluno suas atribuições de cidadão. A falta de clareza em relação às normas e atitudes adotadas pela escola são fatores geradores de indisciplina, na medida em que não há um diálogo com os alunos no sentido de uma construção coletiva das regras que organizam o convívio social e a interação.

Villela (2013 p. 52) apresenta algumas atitudes ou medidas pouco recomendáveis, mas adotadas por parte de muitas escolas:

- a) Burocratização das práticas educacionais;
- b) Excessivo número de troca de professores, de licenças ou mesmo de faltas esporádicas durante o período letivo;
- c) Recreios excessivamente curtos;
- d) Utilização de eventos de confraternização junto a alunos e pais para realizar tarefas burocráticas alheias no sentido do evento.

Ao se referir à indisciplina, Pirolla (2009 p. 46-47) afirma que ela não é um problema exclusivo do aluno.

Se esse problema fosse meramente do aluno, a indisciplina seria um fenômeno apenas dos tempos atuais. Mas ela é antiga na nossa história: só a dificuldade para lidar com ela é um problema do presente. Portanto, se os professores tornarem-se conhecedores da epistemologia de sua prática profissional, certos de seu papel (intervir sobre as necessidades de aprendizagem!) e do valor de seu trabalho (propiciar conhecimentos significativos!), poderão fazer uma leitura diferente da indisciplina, assim como das estratégias de enfrentamento desse problema, a partir da educação escolar e da prática pedagógica.

Para a autora, é necessário que se desenvolvam novas e reflexivas leituras sobre indisciplina por parte dos professores e educadores no contexto da cultura escolar, principalmente em relação ao trabalho educativo, com a participação de todos os envolvidos, com o fito de minimizar o problema, valorizar o real papel da escola, mostrar aos professores e gestores a importância de saber lidar e interferir de maneira criteriosa. Assim, será possível desenvolver harmonia e a sociabilidade entre os alunos e primar por um ambiente em que as relações de revoltas e conflitos sejam resolvidas de forma sucinta e pacífica e diminuam os atos violentos no âmbito escolar.

1.2 Violência escolar

Ao estudar a violência no espaço escolar é importante conhecer os diversos tipos de manifestação do fenômeno, e principalmente aqueles que ocorrem ou podem ocorrer na escola. Abramoway; Rua (2002 p. 49-50) apresentam três categorias, quais sejam:

1. A violência contra a pessoa, que pode ser expressa verbal ou fisicamente e que pode tomar a forma de ameaças, brigas, violência sexual, coerção mediante o uso de armas;
2. A violência contra a propriedade, que se traduzem em furtos, roubos e assaltos;
3. A violência contra o patrimônio, que resulta em vandalismo e depredação das instalações escolares.

É possível notar na sociedade e nas escolas a participação de muitos jovens como vítimas e agentes da violência; assim como muitos deles, embora não estejam envolvidos diretamente com ela, relatam inúmeros casos dos quais tomaram conhecimento ou os quais presenciaram.

Ruotti (2006 p. 55) afirma que “[...] a violência escolar constitui-se como um problema contemporâneo, que vem afetando os processos educativos e colocando em questão a própria estrutura da instituição escolar, suas práticas e relações”. Essa assertiva é preocupante, uma vez que esse fenômeno tem afetado cada vez mais cedo as crianças e jovens, e boa parte dos professores não tem conhecimento teórico para distinguir casos de incivildades (humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito). Violência (golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, vandalismo). Violência psicológica (que se manifesta nos processos de avaliação e nas formas de interação que se estabelecem entre diretores, professores, funcionários, alunos e responsáveis) ZALUAR; LEAL, (2011) em suas formas e manifestações, que prejudicam as práticas pedagógicas de formação do ser humano, ou seja, a escola e o professor perdem a oportunidade de educar, com ações que devem ser tomadas pelos professores como parte constitutiva do processo educativo e passam a tratar a ocorrência na perspectiva da punição, do castigo ou transferem o problema para outras instituições ou pessoas, como a polícia ou o psicólogo.

Diante desse quadro, onde não há uma reflexão sobre a incivildade, a indisciplina ou a violência e a diferenciação entre essas e os fatos, com intervenções adequadas a cada tipo de ocorrência, permanece a sensação de insegurança, uma vez que todas são tratadas como violência. Assim, a sensação é de que a escola não é mais um espaço seguro e está sendo invadida pela brutalidade dos mesmos fatos os quais ocorrem na sociedade. Para Debarbiéux (2002 p. 11), “[...] a escola, um ambiente social antes considerado seguro, deixou de ter essa característica, não só no Brasil, mas em numerosos países do mundo [...]”.

Charlot (apud RUOTI, 2006 p. 25) argumenta que “[...] do ponto de vista histórico, o problema da violência escolar não é recente, mas o que pode ser considerado novo são as formas pelas quais essa violência se manifesta [...]”.

Para esse autor, as formas hodiernas de violência são consideradas mais graves do que as de épocas anteriores. Infelizmente há hoje maior incidência de casos de estupros, agressões com armas brancas e de fogo, presença de gangues dentro e nas imediações da escola. O pesquisador aponta ainda a precocidade dos jovens de comportamento violento, tanto contra os professores como contra funcionários e os próprios colegas.

De acordo com Charlot (2002, p. 434-435), é necessário elaborar distinções para auxiliar na categorização da violência na escola, e reconhecer que essa não é tarefa fácil. Para tanto, apresenta os tipos de violência em meio escolar:

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Pode-se, contudo, perguntar-se porque a escola, hoje, não está mais ao abrigo de violências que outrora se detinham nas portas da escola.

A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição de classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...).

Hoje em dia é possível observar a manifestação da violência nas três esferas conceituadas por Charlot (2002), uma vez que as escolas estão em uma situação de vulnerabilidade quanto a sua estrutura física e de segurança, com inúmeros casos de invasão à instituição, o que tem desestabilizado o ambiente escolar, outrora considerado seguro. Há a ação de grupos que desafiam as autoridades ao buscar resolver suas diferenças dentro da escola. Quando a violência é contra a escola, são os atos que depredam o patrimônio ou aqueles cometidos contra seus agentes, tornando difícil a realização das atividades por parte de professores e funcionários. Já a violência da escola está relacionada à violência simbólica, praticada pela própria instituição, ou seja, o modo autoritário como algumas delas se organizam, estabelecem normas de conduta que não condizem com a realidade social e cultural e não contribuem com o processo de mediação entre os alunos e professores e o mundo.

Rocha (apud LIMA, 2010) menciona que a ocorrência de violência depende de vários fatores que influenciam as atitudes e o comportamento das pessoas, como o psicológico, o social, o econômico e os relacionados ao Estado. São violências presentes em nosso cotidiano, acabam sendo levadas para o interior da escola pelos próprios alunos e desestabilizam o ambiente que deveria oferecer segurança, mas tem sido incapaz de lidar com o problema, seja na sua compreensão e com ações adequadas, seja na formação para uma cultura de não violência.

Zaluar (2001, p. 156) relata o depoimento de uma mãe, cuja filha de 10 anos estudava no Centro Integrado de Educação Pública de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro:

Ah, mas eu já perguntei a ela [...] qual a causa de você não querer ficar mais no Laguna? Ela respondeu: “Mãe, não é a tia, a merenda para mim é ótima, [...] mas tem uma coisa, as tias não sabem: as colegas têm vícios e já tentaram fazer até com que eu faça o que elas fazem”. Aí eu perguntei: “Mas que vício?” Ela respondeu: “Não é cigarro, é um pozinho branco que as meninas colocam na mão dentro de um papel e ficam cheirando no banheiro e mandaram eu cheirar várias vezes. A senhora sabe me dizer o que é isso?”. Eu falei para ela: “Isso é um tipo de tóxico, droga que as professoras e os diretores de repente não estão nem sabendo. Onde é que eles fazem isso?” Ela me falou: “Mãe, é no banheiro, a tia nem sabe”. “E você não falou ainda com a sua tia?”. “Mãe, eles ameaçam a gente, se eu falar que eu vi [...] lá fora eles vão me bater, eles me ameaçam [...] se você contar, eu vou te arrebentar”. Sabe que criança tem medo, fica com aquele receio e não fala. E aí o problema vai crescendo [...]

Além desse fato, no horário do intervalo, há em algumas escolas a cobrança do chamado “pedágio”, sempre sob forma de ameaças, com a alegação de que se não for pago, ocorrerá a prática de violência física contra os que se recusarem a fazer o “pagamento”.

O uso e o tráfico de drogas na escola tem se tornado corriqueiro, inclusive com ameaças àqueles que vêm e não participam. Portanto, um elemento propagador de violência na escola, com impacto altamente prejudicial às relações interpessoais e ao processo de ensino e de aprendizagem. Sem dúvida, o tráfico e o uso de drogas transcendem aos limites do bairro e do entorno das unidades escolares, e acabam por adentrar o ambiente escolar. A reprodução dos padrões de ameaça dos traficantes estende-se aos alunos, funcionários, professores e diretores de escolas, os quais ficam à mercê do poder intimidatório promovido por esses agentes, que se valem da impunidade.

Um dos motivos pelo qual os jovens se envolvem em eventos relacionados à violência no ambiente escolar pode ser a falta de um bom relacionamento familiar. Em geral, atribui-se a culpa às famílias, considerando-as “desestruturadas”, sem, entretanto, definir as nuances semânticas desse termo qualificativo. O fato de um grande número de famílias não se adequar aos padrões tradicionais não consiste em problemas, nem tampouco configura falta de

estrutura familiar. O problema pode estar na falta de exercício das funções/papéis familiares. Porém, essa compreensão de estrutura familiar pode ser equivocada, uma vez que existem famílias nucleares desestruturadas e famílias não “tradicionais” em que há a presença do respeito e principalmente do diálogo. Entretanto, há a constituição de diversos tipos de famílias.

Pescarolo (2010, n. p.) descreve essa constituição familiar nos dias de hoje:

1. Família tradicional: composta por um casal heterossexual e filhos, se houver, consangüíneos ou adotivos.
2. Família de crianças criadas por parentes (avó, tios, etc.): quando os pais estão ausentes e os filhos são criados por parentes consangüíneos ou não.
3. Famílias monoparentais (divórcio, morte, etc.): quando apenas um dos pais cuida dos filhos, seja por questões legais ou, abandono de lar ou até mesmo morte de um dos cônjuges.
3. Famílias homossexuais: casais homossexuais, femininos ou masculinos, com filhos (ou não) consanguíneos ou adotivos.
4. Família de casas lares: Famílias artificialmente (não consanguinidade entre os membros) criadas e institucionalizadas.

Reconhecer a falta de diálogo no relacionamento familiar como umas das causas da violência entre os jovens na escola é importante na medida em que oferece elementos de compreensão sobre os comportamentos inadequados e proporciona a reflexão no sentido de atuar preventivamente na busca por soluções.

Diante desses referenciais que tratam da violência na escola é possível relacionar alguns atos à influência de amigos. Dayrrel (2007, p.1111) menciona sobre as “[...] expressões de conflito e violência existentes no universo juvenil que, apesar de não serem generalizadas, costumam ocorrer em torno e a partir dos grupos de amigos, sobretudo masculino”. Dayrrel (2007) cita a representação da imagem masculina, relacionada à virilidade e à coragem, e essas representações estão sempre presentes nos conflitos entre os jovens.

Porém, as situações de conflitos vividas pelos jovens não são exclusividade do ambiente escolar ou familiar, pois:

As discussões, brigas e até mesmo atos de vandalismo e delinqüência, presente entre os jovens, não podem ser dissociados da violência mais geral e multifacetada que permeia a sociedade brasileira, expressão do descontentamento dos jovens diante de uma ordem social injusta, de uma descrença política e de um esgarçamento dos laços de solidariedade, entre outros fatores. (DAYRREL 2007, p. 1111).

Outro aspecto a ser considerado é o aumento no contingente de alunos, crianças e jovens que nos últimos anos adentraram a escola, oriundos de uma classe social menos favorecida de capital econômico e cultural, outrora excluídos do processo educativo. Uma desigualdade social que afeta a cultura, as relações familiares e a convivência social e resulta

em frustrações e conflitos, os quais se inserem nas escolas e acabam por gerar comportamentos de incivildades, indisciplina e violência.

Dayrrel (2007) salienta outros aspectos geradores de conflitos no ambiente escolar, tais como a questão da diversidade étnica, de gênero e de orientação sexual, além dos fatos de os alunos não se encontrarem preparados para compreenderem essas diferenças e de que todas as pessoas são dotadas de direitos.

Essa dificuldade que a escola tem de responder aos desafios de inserção social dos jovens, ter poder limitado na superação das desigualdades sociais e nos processos de emancipação social faz com que as relações interpessoais presentes no contexto escolar acabem desencadeando situações de conflito, transgressões, incivildades e violência. (DAYRREL, 2007).

Ainda de acordo com Dayrrel, (2007 p. 1121), a sala de aula:

Torna-se um espaço onde é visível a tensão entre o ser jovem e ser aluno. Nela ocorre uma complexa trama de relações de alianças e conflitos entre alunos e entre estes e os professores, com imposições de normas e estratégias individuais e coletivas de transgressão.

No contexto da sala de aula acontece entre os alunos e entre esses e os professores, uma trama cujo objetivo é o ensino e a aprendizagem. Porém, o ser aluno, o ser jovem, o querer viver e a afirmação da individualidade como sujeito são fatores geradores de conflitos, além de haver sempre uma contestação velada e resistência às mudanças.

Embora os conflitos e a violência estejam mais relacionados ao sexo masculino, é visível crescente participação das meninas em atos de violência física, microviolência e violência simbólica no ambiente escolar. Esse deslocamento da brutalidade para o universo feminino contribui para derrubar os estereótipos de gênero, segundo os quais as mulheres são delicadas, românticas, frágeis, vítimas, etc. (NEVES, 2010).

Elementos como a impulsividade, baixa auto-estima, família, meio escolar, contexto socioeconômico, comunidade onde reside são considerados fatores geradores de comportamentos que podem levar à delinquência. No caso das meninas, as motivações nesse sentido estão relacionadas a comportamentos como a inveja, ciúmes, fofocas, disputas por namorados, etc.

Ao nos depararmos com aglomerações de alunos no portão da escola, são notórias as ocorrências de agressões entre os alunos, coma presença de espectadores às vezes estão entusiasmados, como se estivessem assistindo a um espetáculo. Só que nessas agressões físicas entre dois ou mais oponentes, antes era mais comum o envolvimento de meninos, e

geralmente os elementos geradores eram discussão ou desentendimento no interior da escola e ameaças de agressões físicas ao final das aulas. De fato, a ameaça se consolidava na saída da escola. Raramente acontecia o envolvimento de meninas nesses episódios, principalmente com agressão física. O que às vezes acontecia em relação às meninas, eram as ofensas, os xingamentos e as tentativas de humilhação, e na maioria das vezes, as meninas eram vítimas e não autoras de agressões.

Essa realidade sofreu alterações, e a presença de meninas em agressões físicas tem aumentado drasticamente. Em geral, acontece dentro da escola o procedimento de combinar o encontro na saída, mesmo que o fato motivador não tenha acontecido necessariamente no interior da mesma. Esse tipo de procedimento também é comum entre os meninos.

Outra configuração dada a esses momentos de agressividade é a utilização de filmagem pelo celular para posterior publicação nas redes sociais e geralmente, essas imagens acabam indo parar nos jornais ou nos telejornais, fazendo com que alguns até se sintam “celebridades”.

Entretanto, é possível questionar sobre o que tem motivado essa agressividade das meninas. Neves (2008, p. 140-141), explica que

A ação agressiva das meninas é resistência às estruturas das relações de gênero porque em primeiro lugar, retira-as da passividade comumente esperada para qual são educadas [...] e aceita o uso da violência em momentos que não os já referidos [...] isto é a violência deixa de ser algo natural dos “rapazes”, para ser algo também compartilhado pelas meninas, recurso natural para restaurar a ordem, restaurar a privacidade ou para tornar-se visível.

Neves (2008, p. 141) salienta que essa atitude também está relacionada à reprodução de um estereótipo masculino, segundo o qual a violência é a melhor forma de resolver conflitos.

Ao agirem de maneira individual, perdem não só a percepção de que enfrentam as mesmas opressões, mas também a possibilidade de pensar e repensar sua prática e acabam por reproduzir o estereótipo masculino socialmente mais divulgado como a melhor forma de se resolver os conflitos: o uso da força.

A violência hoje praticada pelas meninas segue os mesmos padrões daquelas vividas pelos meninos no passado. As motivações podem ser disputas por namorados, fofocas, ou simplesmente a necessidade de visibilidade dentro da comunidade estudantil ou do grupo do qual faz parte.

Outro contexto a ser analisado também é o das gangues, utilizadas pelas meninas como uma forma de contestação e até negação em relação à fragilidade e docilidade atribuídas ao universo feminino. De acordo com Abramoway (2010 p. 51-52), “um desses contextos é,

sem dúvida, o das gangues, nos quais as brigas e demais agressões físicas se dão igualmente entre garotas, sendo as afrontas e as “guerras” extensíveis também para elas. Agredidas e agressoras”.

As gangues, na disputa por espaço e poder em regiões periféricas da cidade, acabam por levar esses conflitos ao ambiente escolar e geram situações de violência, tanto no universo masculino quanto no feminino.

Segundo Abramovay (2010), fazer parte de gangue não é tarefa fácil para as meninas, por se tratar de um ambiente masculino, onde a aceitação não se dá com naturalidade, assim como com os meninos. Existem gangues que simplesmente rejeitam a participação feminina, enquanto outras, embora permitam, limitam seus espaços de ascensão e liderança e assim tornam difícil a atuação e a permanência.

O uso de drogas também pode ser considerado um fator relevante no envolvimento das jovens em atos violentos, pois a presença de usuários e de traficantes nas mediações envolve a escola num contexto de constante tensão. Vale ressaltar a influência das drogas “socialmente aceitas”, lícitas, como a bebida alcoólica e o cigarro. O aumento do consumo de drogas lícitas e não lícitas entre os jovens tem sido divulgado em pesquisas e noticiários na mídia, inclusive de suas consequências. E a participação feminina³ tem sido destacada na veiculação dessas informações e tem preocupado pais e educadores, na medida em que apontam esse tipo de comportamento como um dos fatores desencadeadores do aumento da violência entre as meninas.

Nas relações de gênero, dentro do ambiente escolar há sempre uma distinção entre o que é esperado do comportamento da menina e do menino. Geralmente espera-se da menina, um comportamento dócil, gentil, delicado enquanto dos meninos, comportamentos de agressividade; assim, quando acontecem, a princípio não causam surpresa.

De acordo com Auad (2008, p. 144),

A agressividade dos meninos, por exemplo, pode ser a aprendizagem da competição da vida adulta, mas também pode fazer com que meninos e meninas aprendam já na infância que há um conjunto de comportamentos interditos para eles e para elas, a partir das representações sobre a agressividade aceita para os homens e a aceita para as mulheres.

Nesse sentido, vimos que agressividade é um comportamento esperado da parte de indivíduos do sexo masculino. Abramovay (2010, p. 50) explica que

³**Drogas: cresce o consumo entre as meninas. sáb, 22/06/13 .Por Fernando Allende**

FONTE: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/blog-do-allende/platb/2013/06/22/drogas-cresce-o-consumo-entre-as-meninas/>

Por vezes, essa associação da violência com a masculinidade apresenta-se tão arraigada nos discursos, práticas e subjetividades que acaba por alimentar um estereótipo de gênero no qual se tem a impressão de que são os homens, exclusivamente, os autores das violências.

Embora seja inegável o fato de os meninos figurarem ainda com maior expressão nos dados estatísticos, por outro lado, essa predominância do sexo masculino em relação a essa questão vem sendo desconstruída devido ao aumento das ocorrências de agressões por parte das meninas.

Segundo Abramovay (2010, p. 50),

A ligação entre violência e gênero é útil para indicar não apenas o envolvimento de mulheres e de homens como vítimas e autores (as), mas também o seu envolvimento como sujeitos que podem buscar firmar, mediante a violência, suas identidades masculinas ou femininas.

Nesse sentido, a busca pela identidade torna-se uma necessidade tanto para meninas quanto para meninos, que diante da dinâmica da sociedade, disputam espaço de destaque nos grupos nos quais estão inseridos, e muitas vezes recorrem a meios inadequados, como a violência, para serem aceitos ou reconhecidos.

Portanto, a utilização da violência, na tentativa de resolução de problemas, ou disputas por espaço e visibilidade, acaba revelando o caráter de reprodução do comportamento masculino. Reafirma-se então, a hierarquia do gênero e “superioridade” masculina como a melhor forma de exigir reconhecimento nas relações entre os diversos grupos sociais.

A ampla divulgação da mídia sobre os atos violentos com envolvimento de jovens estudantes tem preocupado os diversos segmentos da sociedade, não só pela frequência com que têm ocorrido, mas também pelos requintes de brutalidade com que os atos são cometidos. A espetacularização dada por parte da mídia a esses acontecimentos pode influenciar alguns a agirem de forma violenta, como por exemplo, alguns casos ocorridos nos Estados Unidos⁴, envolvendo estudantes, que armados invadiram escola e promoveram mortes e pânico na população.

A realidade brasileira difere da realidade estadunidense, pois não há uma incidência de fatos violentos envolvendo alunos com armas de fogo na escola e muito menos matando colegas na sala de aula ou professores. Há casos isolados. Apesar disso, há uma preocupação

⁴Tiroteio em escola nos Estados Unidos deixa três feridos. Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/tiroteio-em-escola-nos-estados-unidos-deixa-tres-feridos.html> 12/12/2014 20h18 - Atualizado em 12/12/2014 22h00

com o uso de drogas, tráfico e brigas em meio escolar, e que a violência ocorrida na sociedade influencie atitudes e comportamentos dos alunos.

A violência social tem recebido destaque da mídia com matérias jornalísticas dando visibilidade ao problema e com isso pressionam as pessoas, as instituições organizadas e o governo quanto a ações em busca da minimização da violência. Há uma mobilização, sempre que fatos violentos atingem pessoas de projeção nacional, como artistas, políticos ou crianças. Porém, essa mobilização tem ocorrido de forma pontual e imediatista, sem que de fato alcance o cerne do problema e sua solução. As ações pontuais oferecidas pelo judiciário, órgãos de segurança e governos dão uma satisfação imediata à população e ao clamor social. Apesar de a mídia proporcionar visibilidade ao problema da segurança pública e da violência, ela não tem conseguido envolver as pessoas em um projeto social de busca pela paz de forma coletiva. As pessoas continuam agindo de forma individualizada e vivendo o seu mundo, sem se importar muito com o que acontece ao outro, pois a percepção é de que a violência não as atingirá.

Essas ações pontuais servem apenas para dar uma satisfação imediata ao clamor social e às pessoas. Pode não haver consenso quanto ao papel dos meios de comunicação em torno da questão.

A violência é somente um entre vários aspectos dessa programação que provocam a crítica social. Mas é, sem dúvida, um dos mais delicados e sensíveis porque parece macular a esperança de todos nós de que a vocação da mídia deveria ser, em primeiro lugar, o de servir a paz, ao bem, ao justo e ao progresso da humanidade. (WAINBERG, 2010 p.158).

Nesse sentido, é preciso que os meios de comunicação contribuam concretamente para a mobilização social em prol da construção de políticas públicas, no sentido de se colocar o tema na agenda de debates da sociedade e, conseqüentemente, nas instâncias governamentais.

No entanto, para uma análise mais cuidadosa no intuito de identificar o aumento da participação das meninas, é preciso estudar os tipos de violência presentes atualmente na escola, as questões da juventude, o relacionamento familiar, o ambiente escolar e o papel da mídia na divulgação dos fatos. Não tem como tratar isoladamente a participação das meninas, sem antes analisar o contexto social e familiar no qual estão inseridas.

2 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR/ALUNO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ALUNO

2.1 Violência e Indisciplina nas aulas de Educação Física

A Educação Física é considerada uma disciplina que tem uma boa aceitação pela maioria dos estudantes devido à sua dinâmica de realização, metodologia de trabalho e dentro de um espaço diferenciado para cada tipo de atividade. A sua abordagem em relação à cultura corporal engloba atividades como dança esportes, lutas, ginástica, atividades lúdicas, com as quais o aluno, na maioria das vezes, tem contato inicial e de maneira sistematizada, dentro da escola, apesar de haver insuficiência de recursos financeiros e de investimentos do poder público para sempre oferecê-las em espaços apropriados a cada modalidade. Há falta de investimentos tanto na infra estrutura adequada à prática de esportes, como o descaso em proporcionar um atendimento de qualidade nos espaços públicos. Apesar do reconhecimento de que essa disciplina tem um espaço e metodologia de trabalho diferenciados em relação às demais oferecidas na escola, essa condição não a isenta de problemas relacionados à indisciplina e à violência.

Embora o espaço diferenciado de realização das aulas de Educação Física (pátio, quadra poliesportiva, etc.) sirva de estímulo à participação dos jovens, o mesmo não consegue ser isento de atitudes de violência e indisciplina por parte dos alunos durante a realização dessas aulas. E caso o professor não tenha um domínio em relação ao comportamento dos mesmos, isso pode acarretar problemas que sem dúvida, podem impactar negativamente, tanto na socialização quanto no processo de ensino-aprendizagem. A prática de atividades da cultura corporal proporciona um maior contato entre os participantes e, com isso, há maior probabilidade de ocorrerem momentos de tensão e confronto. Ao tomarmos como exemplo os jogos coletivos presentes nas aulas de Educação Física, observou-se que os mesmos se constituem oportunidade para trabalhar questões ligadas à competição e à cooperação, porém quando essas atividades não são planejadas e elaboradas de maneira responsável pelo professor, podem desencadear situações de conflito entre os alunos.

Por exemplo, há escolas que estimulam a prática do futebol por ser uma prática em que há uma participação maciça dos alunos. Há professores que evitam a prática do futebol por acreditarem ser um esporte que estimula a violência entre os alunos. Por outro lado, há professores que têm estimulado a prática do futebol misto (meninos e

meninas) e os ensina a cooperarem e respeitarem as regras do jogo, sem machucar as meninas que participam. (SANCHES, 2008, p.189).

Outro aspecto a ser considerado, e que pode levar o aluno a se tornar inseguro e até violento durante as aulas de Educação Física é a motivação negativa, que segundo Hurtado (1983, p. 213) pode apresentar-se das seguintes formas:

- a) *Física*: quando o aluno sofre castigos físicos, punições, privações de merenda, de recreio e outros;
- b) *Psicológica*: quando o aluno é tratado com severidade excessiva, com desprezo, quando é perseguido, quando lhe dizem que é menos capaz do que os outros, quando sofre críticas que o envergonham e o ridicularizam, quando é apontado como fraco, como pessoa de má vontade, além de outros aspectos.

Obviamente a indisciplina e a violência nas aulas de Educação Física não ocorrem somente nas circunstâncias apresentadas anteriormente. Outros fatores devem ser levados em conta.

2.1.2 Espaço Físico e Educação Física

É uma realidade presente em algumas escolas, e de forma especial naquelas localizadas em bairros periféricos, onde a população considerada de baixa renda e de pouco capital cultural não é atendida em suas necessidades de saneamento básico, educação, segurança, saúde, espaços públicos para lazer como praças, parques, quadras poliesportivas, etc. Nesses locais, as escolas geralmente têm uma estrutura física e de espaço deficitário para a realização qualitativa da prática esportiva. E quando há uma quadra esportiva, geralmente é de cimento rústico, sem cobertura e devido à falta de manutenção, se encontra em péssimas condições de conservação para proporcionar a realização da atividade física, devido à falta de manutenção.

Em algumas escolas que possuem quadra esportiva, a sua arquitetura é mal planejada e seu local nem sempre é muito apropriado. Segundo Betti (1992 apud GASPARI, 2006 p. 119), “nas escolas onde a quadra fica muito próxima as salas de aula, os alunos não podem gritar nem torcer. A alegria das crianças é confundida com indisciplina”. Nesse contexto, o “barulho” vindo das atividades de Educação Física realizadas na quadra é para alguns diretores e até para alguns professores prejudiciais às outras disciplinas que estão sendo trabalhadas em sala de aula. Segundo a percepção dessas pessoas, a quadra esportiva não é uma sala de aula, com práticas diferenciadas e coletivas que exigem a conversação; e o barulho e o volume da voz se diferenciam de outros espaços formativos, pois “não há como trabalhar os conteúdos da Educação Física no silêncio profundo, exatamente pelo

envolvimento do aluno nas atividades propostas; como um ser humano que é o aluno está envolvido integralmente no que faz”. (GASPARI, 2006 p. 118).

Essa situação acaba por causar constrangimentos ao profissional, uma vez que há reclamações quanto ao barulho oriundo das atividades desenvolvidas na quadra de esporte, e em algumas situações, o diretor da escola intervém chamando a atenção do professor de Educação Física quanto ao fato, cerceando a liberdade de movimento e o desenvolvimento de aulas que envolvem os alunos coletivamente, com atividades recreativas e dinâmicas.

Há, portanto, um conceito errado de indisciplina neste caso específico, já que a movimentação, a espontaneidade presente nas atividades lúdicas são inerentes à prática pedagógica em Educação Física. Ainda em relação ao espaço da quadra, existem problemas estruturais de toda ordem como, por exemplo, a má conservação do piso que acaba comprometendo tanto a integridade física dos alunos quanto o desgaste do material, principalmente as bolas que têm a durabilidade diminuída, e também os tênis dos alunos, que estragam com maior facilidade. Destaque-se ainda a falta ou a ausência de bebedouros, vestiários, sanitários com condições mínimas de serem usados; a má conservação das traves, das tabelas de basquete, em geral dificulta a prática pedagógica das atividades específicas relacionadas a esses acessórios.

Há também, principalmente nas escolas situadas em regiões onde os índices de criminalidade são alarmantes, dominados por pessoas ligadas ao tráfico, a dificuldade em usar a quadra ou outro espaço externo destinado à Educação Física, pois a presença desses agentes inviabiliza as condições de segurança para que os professores possam desenvolver suas atividades. Há uma movimentação desses elementos dentro da escola, e ao pularem o muro sua presença intimida e impede que os professores possam trabalhar de forma segura com os alunos. Essa situação gera insegurança e medo, pois os professores e alunos costumam ser ameaçados caso insistam em ocupar o espaço.

Abramovay (2003, p. 30-31) salienta que

Segundo estudantes e corpo técnico pedagógico, um dos maiores problemas, em muitas escolas, são as gangues e/ou o tráfico de drogas no espaço escolar ou no entorno, levando ao extremo o clima de insegurança. Em consequência disso, a autoridade dos responsáveis pela ordem na escola torna-se mais frágil. As direções dos estabelecimentos de ensino recebem a tarefa de combater as gangues e os traficantes no ambiente escolar. Evitam punir para não sofrer maiores danos.

Em relação a esses espaços, a falta de cuidado dos órgãos públicos, que não viabilizam a devida manutenção, bem como funcionários disponíveis para a sua conservação, é agravada pelos atos de depredação praticados por marginais que adentram a escola, principalmente à

noite e nos finais de semana. Sem esquecer que a falta de pertencimento da comunidade à escola também tem gerado a danificação desse espaço pelos próprios alunos.

A falta de condições mínimas ao desenvolvimento das atividades da disciplina de Educação Física, no que se refere ao espaço específico para as aulas, pode não só se tornar um entrave nas condições de trabalho do professor, como também gerar insatisfação, apatia e atos de indisciplina por parte alunos.

2.1.3 O material Pedagógico e a Educação Física

A falta de recursos pedagógicos destinados às aulas de Educação Física, a precariedade ou ainda pouca disponibilidade desses também contribuem de maneira negativa nos encaminhamentos das atividades, na medida em que os alunos começam a disputar pelo pouco material disponível e assim dificultam o desenrolar das atividades e desencadeiam comportamentos inadequados que podem se caracterizar como agressões tanto física, como verbal.

Os recursos materiais são instrumentos importantes na prática pedagógica, que é previamente planejada e executada pelo professor juntamente com seus alunos. Durante o período de formação, na faculdade de Educação Física, o aluno tem à disposição uma quantidade satisfatória de materiais para o planejamento e aplicação de aula prática, junto aos próprios colegas no momento das aulas, assim como tem acesso a locais apropriados para a prática de atividades esportivas e recreativas. Porém, quando começa a atuar diretamente nas escolas, principalmente as localizadas nas periferias das cidades, a realidade encontrada é totalmente alheia àquela vivenciada na sua formação, o que acaba dificultando o trabalho, acarretando prejuízos no processo de ensino e de aprendizagem, levando tanto professor quanto alunos a se sentirem desmotivados. “O professor tem que buscar novas formas de dar aula, através de sua criatividade, construindo materiais, buscando espaço físico fora do limite escolar, e comprometendo com isso sua imagem, seu tempo e a qualidade de seu trabalho”. (SANDRI, 2014 p.18). A partir desse sentimento de frustração, os alunos começam a se comportar de maneira indisciplinada, reagem diante da dificuldade decorrente da falta ou da pouca disponibilidade de recursos que poderiam tornar mais interessantes os momentos das aulas de Educação Física.

É claro que mesmo diante desse quadro, existem profissionais que conseguem encontrar alternativas por meio da criatividade e adaptação dos recursos utilizando materiais

acessíveis e de baixo custo. Porém, isso não exime a escola de ofertar os materiais necessários, pois “dessa forma, podemos afirmar que o professor terá mais condições para realizar um trabalho de melhor qualidade, se a escola em que atua lhe oferecer espaços e recursos materiais adequados”. (SEBASTIÃO, 2009, n. p.).

2.1.4 Superlotação das turmas

A falta de material pedagógico adequado para as aulas pode ser ainda mais grave com a superlotação das turmas, pois limita ao aluno o uso e o manuseio dos materiais oferecidos; além de que o encaminhamento da aula vai se tornar mais demorado devido à atenção dos alunos quanto à organização do espaço e dos materiais para a realização das atividades propostas pelo professor.

Vale também ressaltar o pouco espaço disponível e as condições físicas precárias em que geralmente são encontrados os locais para a prática da Educação Física na escola, que serve de agravante na desestabilização do ambiente pedagógico. Em qualquer disciplina é inegável o fato de que o excesso de alunos compromete a qualidade do ensino, prejudica o aprendizado, que não acontece de maneira satisfatória. Não só os alunos são prejudicados com a superlotação das salas de aula, também os professores com o número excessivo de alunos. Isso não é exclusividade da disciplina de Educação Física, até porque a sala de aula também é um espaço pedagógico utilizado por essa disciplina e não somente os espaços externos ou a quadra poliesportiva. Sobressai ainda o fato de que quando as atividades são desenvolvidas externamente, há dificuldades na condução das mesmas por parte do professor, que precisa dispor de tempo para organizar os grupos; assim, os alunos que ficam dispersos pelo espaço e o contingente excessivo acabam por dificultar essa organização. Contudo, considera-se também o fato de que os problemas causadores de comportamentos indisciplinados em sala de aula são potencializados com o número excessivo de alunos por turma e acarretam ao professor um esforço adicional e agravam o desconforto gerado pelo estresse. Gianazzi (2014, n. p.) considera que

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1996 e que estrutura e organiza a educação em todo o território brasileiro, foi omissa ao não definir o número máximo de alunos por sala, transferindo essa responsabilidade aos sistemas de ensino municipais e estaduais, que, por sua vez, também não regulamentaram o tema e fazem vistas grossas para esse drama que tanto sofrimento causa aos docentes e alunos do sistema educacional.

Portanto, a problemática da superlotação em sala de aula deve ser levada em consideração, na medida em que há preocupação em garantir o acesso e a permanência das crianças e adolescentes nas escolas. Porém, a garantia de permanência na escola não pode justificar que as salas de aula sejam simples depósitos de crianças, com excessos de alunos comprometendo as condições mínimas de segurança, conforto, aprendizagem, qualidade do ensino, as condições de trabalho, as relações pedagógicas e de sociabilidade estabelecidas entre professores e alunos.

2.1.5 Aulas pouco motivadoras

O professor de Educação Física deve estar sempre preocupado com as questões motivacionais e agir de maneira a contemplar os conteúdos presentes nessa disciplina e não ficar centralizado em uma única atividade. É comum o encaminhamento das aulas somente com a utilização da prática esportiva, o que provoca a desmotivação por parte dos alunos em realizar sempre a mesma atividade.

Segundo Marante (2008, p. 3),

As experiências a que os alunos são submetidos nas aulas de Educação Física e a maneira que o educador conduz as aprendizagens e vivências do aluno no contexto escolar apresentam-se como aspecto do ambiente de aprendizagem capazes de influenciar a percepção que o indivíduo formará acerca das atividades físicas e práticas corporais. Nesta perspectiva, a dimensão motivacional nas aulas de Educação Física passa a merecer maior atenção por parte de professores e pesquisadores.

Sandri (2004, p. 17) salienta que “[...] a Educação Física não é sinônimo de esporte, mas grande parte dos conhecimentos e vivências dos alunos vem da prática dos mesmos, sem esquecer que o jogo é dos conteúdos preferidos pela maioria dos alunos”. Essa assertiva situa a importância do esporte nas aulas de Educação Física enquanto conteúdo que exerce a atração e o interesse por parte dos alunos, pois tem o aspecto lúdico como característica básica. Sendo assim, o esporte é visto como um aliado importante no processo educacional e formativo do aluno.

Balbino (2005, p. 62 apud REVERDITO; SCAGLIA, 2009 p. 46) considera que

O esporte é considerado um meio válido para adquirir valores como cidadania, perseverança, superação, cooperação, conhecimento dos próprios limites, autoestima, criatividade, respeito aos demais, tolerância, responsabilidade, controle emocional, autodisciplina, justiça, trabalho em equipe, integridade.

Portanto, a prática da educação física com as diversas modalidades de esportes e brincadeiras, que em sua maioria são realizadas coletivamente ou em equipes, contribuem com o processo de formação, uma vez que o desenvolvimento individual é sempre medido pelo outro. Portanto, centralizar as aulas de Educação Física em uma única atividade pode fazer com que a mesma se torne desinteressante e desmotive o aluno. Além disso, o esporte possibilita diversas modalidades e outras práticas recreativas que podem ser implementadas no cotidiano das aulas de Educação Física.

O professor deve evitar dar aulas centralizadas em poucas modalidades esportivas, enfatizar principalmente o gesto técnico, excluir o caráter lúdico e expor negativamente os alunos menos habilidosos. Precisa estar atento quanto à diversificação das atividades, que no currículo também incluem a dança, a capoeira, o judô, a ginástica, as atividades expressivas, as práticas corporais alternativas. Uma das explicações sobre a pouca diversificação de atividades reside no fato de que muitos professores tendem pela acomodação ou falta de embasamento teórico e prático e preferem trabalhar com conteúdos aos quais tenham mais afinidade devido à sua experiência prática ligada a uma atividade específica.

As aulas teóricas referentes aos conteúdos da Educação Física podem desencadear momentos de desmotivação e indisciplina por parte dos alunos, quando não bem articuladas pelo professor. A necessidade de trabalhar conceitos teóricos relacionados às lutas, danças, ginástica, jogos, qualidade de vida, questões sociais ligadas ao esporte não podem desestabilizar o cotidiano das aulas e nem estremecer a relação entre professores e alunos. O professor deve estabelecer um equilíbrio entre aulas práticas e teóricas, de maneira que nem uma e nem a outra fiquem prejudicadas. A utilização de recursos audiovisuais e sala de tecnologia pode colaborar nesse sentido.

Os conceitos teóricos são tão importantes no processo de ensino e de aprendizagem quanto no aprendizado de novas habilidades motoras ligadas a fundamentos específicos de cada modalidade trabalhada, e nesse sentido “o conteúdo é seleção e a transposição didática para a sala de aula, do conhecimento científico que deve ser apropriado pelos educandos”. (GASPARIN, 2013 p. 25). Estabelecer esse equilíbrio, explicitar a importância de conhecer aspectos teóricos e ao mesmo tempo continuar a oferecer as atividades práticas é imprescindível para que o profissional estabeleça um ambiente propício ao ensino-aprendizagem, mantenha a motivação dos alunos e, conseqüentemente, coíba atitudes de indisciplina e violência.

2.1.6 Valorização excessiva da competição

Embora atualmente haja um discurso presente na formação dos professores de Educação Física no sentido de desconstruir a valorização exacerbada da competição, sobretudo no esporte escolar, percebe-se ainda a presença desse modelo na prática pedagógica de boa parte dos professores nas escolas. De acordo com Tani (apud BROTTTO, 1995 p. 22),

Quando uma pessoa ou um grupo tem como objetivo um melhor resultado em relação a outra pessoa ou grupo, é gerada a oposição. Esta poderá resultar em competição ou conflito. A competição está sempre orientada para um objetivo, havendo neste sentido, uma interação positiva dentro das partes, mas negativa entre estas partes.

Durante as aulas de Educação Física e também nas competições escolares, observa-se em relação à competição, a reprodução de um modelo presente nas demais competições esportivas fora do âmbito escolar, em que os atos de agressão física, verbal e psicológica se fazem presentes, mas isso não significa que devemos aceitar sua presença no esporte, principalmente no esporte escolar. De acordo com Benevides (1996, p. 100), “o esporte é uma celebração da vida, embora possa guardar em certas modalidades resquícios de violência primitiva. A violência do esporte é ritualizada. Não passa de uma reprodução dos sentimentos antagônicos da humanidade”.

Portanto, é papel do professor de Educação Física, enquanto profissional que tem como prática pedagógica a cultura esportiva, atuar no sentido de evitar esses tipos de manifestações caracterizadas pela intolerância e agressividade presentes nos esportes de massa, fazendo com que os alunos aprendam na escola que este tipo de comportamento não deve fazer parte do ambiente educacional. Cabe ao professor levar para a prática pedagógica cotidiana, os debates acerca da temática esportiva e alertar para os perigos da prática exacerbada dos esportes, por meio da valorização excessiva da competição.

Segundo Marinho (2004, p. 6),

A especialização prematura e a prática exacerbada dos esportes tendem a sacrificar os mais fracos em nome de uma elitização esportiva ideologicamente justificada. Esvazia-se, desta forma, a utopia humanista que considera o esporte capaz de colaborar para uma sociedade melhor e um homem mais humano.

Embora se considere que a competição excessiva favorece o surgimento de comportamentos agressivos, sobretudo nas modalidades esportivas, ela não é a única responsável pelo surgimento de atos de indisciplina e violência nas aulas de Educação Física.

Negar a competição não resolve o problema, até porque “dificilmente se encontrará um campo da vida humana sobre o qual o impulso competitivo não influa”. Lorenz (apud FREIRE, 1994 p. 151). A maneira como a mesma é operacionalizada nas escolas deve ser repensado, sobretudo nas aulas de Educação Física, onde o modelo a ser superado é aquele que reproduz o lema da vitória a qualquer custo, que influencia comportamentos agressivos, preconceituosos, incentivam a adoção de meios ilegais para a obtenção de resultados imediatos, como é o caso do uso indiscriminado de esteróides e anabolizantes. Portanto, diante dessa perspectiva, Freire (1994 p. 153) considera “ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir”.

A questão não seria bani-la do contexto, mas sim orientá-la com objetivo de ensinar os alunos a competirem de forma ética e saudável, valorizar o caráter lúdico e promover a discussão sobre o modelo que privilegia a ênfase na vitória a qualquer custo.

2.2 Relação professor e aluno

A relação professor-aluno é de fundamental importância no processo educativo, na construção de uma aprendizagem eficiente que contemple os conhecimentos adquiridos e também promova a capacidade crítica, ética e criativa.

De acordo com Ferreira (2006, p. 64),

A forma com que o professor vê o seu aluno acaba muitas vezes por determinar sua interação com ele; é preciso estar alerta quanto aos fatores que estão em jogo para criar a disponibilidade para aprender; estar alerta quanto ao papel profissional de acolhimento do professor e da qualidade do vínculo que ele estabelece com os alunos e estar atento a atitudes que possam provocar situações de constrangimento e humilhação, o que fatalmente trará consequências desastrosas.

Nesse processo de alteridade, a horizontalidade dessa relação deve estabelecer condições para que o aluno possa construir sua identidade, desenvolver sua capacidade afetiva, melhorar sua auto-estima e, conseqüentemente, suas relações com os demais integrantes de seu grupo social.

Professor e aluno representam diferentes papéis nessa relação, porém voltados para o mesmo propósito. Num enfoque político-filosófico, Abreu e Masseto (apud AQUINO, 2006 p. 22) descrevem:

Neste encontro, seres vivos, seres humanos, confinados dentro dos limites da classe, se defrontam, se comunicam se influenciam mutuamente. [...]. Mesmo estando

limitados por um programa, um conteúdo, um tempo pré-determinado, normas diversas da instituição de ensino, etc., o professor e o aluno interagindo, formam o cerne do processo educativo. Conforme o rumo que tome o desenvolvimento desta interação, a aprendizagem do aluno pode ser mais ou menos facilitada, orientada para uma outra direção. Por certo, uma relação tem dois pólos e cabe a ambos determinar o clima de sua relação; por certo também, entretanto, professor e aluno desempenham papéis diferenciados nesta relação de sala de aula voltada para a aprendizagem e cabe ao primeiro tomar a maior parte das iniciativas, incluindo “dar o tom” no relacionamento estabelecido entre eles.

Os autores reconhecem que nessa relação de reciprocidade, mesmo que representando papéis diferenciados, é responsabilidade do professor a tomada de iniciativas.

Deve haver uma horizontalidade nessa relação professor-aluno, onde a posição do professor não seja a de imposição, mas sim de criar condições satisfatórias para o envolvimento de todos no processo educacional. De acordo com essa abordagem sociocultural,

O professor procurará criar condições para que, juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem. Haverá preocupação com cada aluno em si, com o processo, e não com os produtos de aprendizagem acadêmica padronizados. O diálogo é desenvolvido, ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a união, a organização, a solução comum dos problemas. (MIZUKAMI, apud AQUINO, 2006, p.29).

O aprendizado é o objetivo principal na relação professor-aluno, pois o mesmo proporciona o desenvolvimento comportamental e os valores do cidadão, exerce influência significativa na formação integral do aluno, “possibilitando reduzir a agressividade, melhorar a aprendizagem e a formação da personalidade, desenvolvendo suas potencialidades para o exercício consciente da cidadania”. (BACARELLI, 2010, p. 26).

Portanto, nessa relação é importante que os professores tenham a noção do papel essencial da educação, de principalmente assegurar o crescimento e o desenvolvimento do aluno, proporcionar aos mesmos, condições plenas de desenvolvimento em todas as suas dimensões.

A relação professor-aluno, na perspectiva da educação libertadora é, segundo Freire (apud SANTOS, 2014 p. 132), “[...] educativa não só ao aluno, mas ao professor também, pois [...] ninguém educa ninguém como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo”. Portanto, não é só o aluno quem aprende nas atividades e experiências vividas em sala de aula, mas também aprende o professor e cabe a ele a coordenação das atividades e aperfeiçoá-las, sempre em conjunto com os alunos, de maneira ética e democrática.

Desse modo, se acontecer no âmbito da educação libertadora, a relação professor-aluno atenderá a princípios democráticos e voltados para o pleno desenvolvimento integral do aluno; caso contrário, se essa relação acontecer numa posição de verticalidade, onde o professor é quem sabe tudo e o aluno é aquele que nada sabe, sem dúvida haverá prejuízos que inclusive causarão indisciplina e desestímulo à aprendizagem, prejudicarão o desenvolvimento tanto nos aspectos físicos quanto psicológicos.

Nesse sentido, Santos (2014, p.131) exemplifica que

Nesse sistema bancário, os saberes, os conhecimentos e os valores são doações do professor ao aluno. A educação bancária é um reflexo da sociedade opressora e estimula a contradição, sendo assim também uma dimensão da “cultura do silêncio”. Os sujeitos são impossibilitados de ser, de usarem sua criatividade, de inventarem, de reinventarem e de transformarem o mundo. O saber se impossibilita na falsa situação gnosiológica, onde as pessoas são arquivadas.

Esse tipo de educação é caracterizado pela atitude rígida do professor, pois proporciona um ambiente negativo e improdutivo, onde o aluno é um simples depósito de conhecimentos e saberes.

Para Abramovay (2005, p. 100),

Outro artifício facilitador das relações sociais no ambiente escolar é o diálogo. Conhecer o outro requer o uso da palavra, da conversa, o que proporciona o estabelecimento de vínculos entre esses atores escolares. No caso de alunos e professores, muitas vezes, os docentes são as únicas pessoas com quem os alunos se sentem à vontade para conversar, tirar dúvidas e buscar apoio para a resolução de problemas cotidianos.

Para que a relação professor-aluno seja satisfatória, o diálogo é de suma importância, por favorecer melhoria das relações e contribuir com o processo de ensino e de aprendizagem.

Abaixo apresentamos dois tipos de professores e suas características:

QUADRO 1 - Característica dos professores.

AUTORITÁRIO	DEMOCRÁTICO
Não gosta de risos	Ouve os alunos antes de tomar uma decisão referente ao grupo
Extremamente disciplinado	Ouve os alunos antes de tomar uma decisão referente ao grupo, deixa os alunos manifestarem suas opiniões sem interrompê-los e as pondera
Medidas punitivas	Respeita a todos sem discriminação qualquer
Mantém distância dos alunos	Flexível na elaboração do programa da disciplina
Fala somente com o coletivo	Convence os alunos do que será melhor para todos
Cumprimenta rigidamente os programas	Trabalha a unidade do grupo.
Critica outros pontos de vista	

Utiliza ameaças para motivar os alunos.	
---	--

Fonte 1 - Sanches (2008, p. 204)

Segundo Freire (1996, p. 117), “é intolerável o direito que se dá a si mesmo, o educador autoritário de comportar-se como proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela”. Fica evidente nesse tipo de educador a verticalidade na relação com o aluno, pois estabelece até o tempo de quem escuta que é exatamente o tempo da sua fala. E ao contrário, “[...] o espaço do educador democrático, que aprende falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado fala” (FREIRE, 1996, p. 117). Quando há a falta de oportunidade de dialogar ou quando o professor o faz, sem a devida atenção dada ao aluno, com certeza este último fica desencorajado até mesmo de tirar alguma dúvida em relação ao conteúdo trabalhado em sala de aula, prejudicando o processo de ensino e de aprendizagem.

A relação professor-aluno é fundamental na compreensão das questões que envolvem a indisciplina, neste sentido Aquino (1996, p.50) salienta que “[...] não é possível imaginar que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida em alguma instância alheia à relação professor-aluno, ou que esta permaneça sempre a reboque das determinações extra-escolares”. E o referido autor complementa afirmando que “a saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno [...]”. (AQUINO, 1996, p.50). É, portanto, no dia a dia dessa relação, no conjunto das vivências estabelecidas entre professor e aluno que as questões relacionadas à indisciplina vão sendo trabalhadas no sentido de minimizar o problema.

2.3 Relação professor de Educação Física e aluno

Na relação professor de Educação Física e aluno, há uma diferenciação no tocante aos professores de outras disciplinas, pois se trata de um profissional que, na maioria das vezes, tem a confiança dos alunos que se aproximam e dividem suas angústias, suas inquietações tanto no âmbito familiar quanto nas relações dentro e fora da escola. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1997, p. 17),

[...] esse professor é uma referência importante para seus alunos, pois a Educação Física propicia uma experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos. Levando essas questões em conta e considerando a importância da própria área, evidencia-se cada vez mais, a necessidade de integração.

É claro que a intenção aqui, no comparativo com os professores das outras disciplinas, não é dar exclusividade somente aos profissionais de Educação Física em relação à empatia e confiança depositada pelos alunos, pois é sabido que há professores de outras disciplinas que conseguem estabelecer essa relação de proximidade e confiança com os mesmos.

O aspecto afetivo é de suma importância nessa relação, na medida em que possibilita ao indivíduo a busca da ação no sentido de resolver e definir os seus problemas. “Na Educação Física, este aspecto deve ser ressaltado, através do relacionamento aluno/aluno e aluno professor, para que o indivíduo em questão se sinta motivado e, com isso, adquira auto-estima suficiente para realizar com prazer as atividades propostas”. (DIAS, 1996 p. 64).

A Influência do professor de Educação Física não é restrita apenas pela sua ação como educador junto aos alunos, mas também com os demais professores, funcionários que trabalham na escola, família e a comunidade. Nessa perspectiva, de acordo com Marchesi (2006 apud MARANTE, p. 9),

A escola precisa destinar maior atenção às relações emocionais estabelecidas entre professores, alunos, famílias e o próprio ambiente de trabalho constituído na escola. Assim a profissão docente carrega uma implicação afetiva muito significativa, pois se relaciona com diferentes instâncias simultaneamente.

O estudo aqui tem como foco principal as relações que acontecem num espaço diferenciado, conforme afirma Bacarrelli (2010, p. 22):

Ademais, as aulas de Educação Física envolvem o estar fora da sala, que permite uma relação mais informal, onde muitas vezes os alunos sentem maior liberdade de expressão verbal ou não, envolvendo principalmente o movimento corporal, onde poderá transparecer muito mais seus sentimentos do que dizer, permitindo assim, expor características da sua personalidade muitas vezes camufladas no dia-a-dia.

Nesse sentido, a Educação Física, apesar de trabalhar o aspecto motor, considera também importante os aspectos cognitivos e os afetivos, e este último de fundamental importância na relação com o professor e com os demais colegas. Para Arantes (apud BACARRELLI, 2010 p. 27), “a interação professor-aluno é fundamental para uma boa adaptação escolar, influenciando na atitude futura desse aluno, não só durante sua fase de aprendizagem, mas na sua relação com os sucessivos professores”.

Esse autor enfatiza ainda a influência positiva ou negativa que o professor pode exercer sobre o aluno, e nesse sentido recorre à afirmação de Freire (1996, p. 66 apud BACARRELLI, 2010 p. 27):

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

É importante destacar a importância dessa afirmativa, pois não há quem tenha passado pelos níveis escolares que não recorde de maneira carinhosa as atitudes e os ensinamentos do professor, e isso pode, no entanto, acontecer de maneira contrária, a lembrança pode ser também negativa, marcada por algum evento em que o professor tenha cometido excessos na tentativa de repreender uma situação de indisciplina, que tenha extrapolado alguns limites. Nesse sentido, o professor, comprometido com o pleno desenvolvimento dos alunos e que atue de maneira democrática, responsável, organizada, com clareza metodológica, entusiasmado com o seu rendimento e, sobretudo, com equilíbrio entre exigência e respeito às capacidades individuais, será sempre aquele que ficará marcado positivamente na memória dos seus alunos.

Ao abordar o relacionamento interpessoal professor-aluno na Educação Física, Bacarelli (2010) parte do pressuposto de que os conteúdos dessa disciplina não se limitam apenas ao jogo, ao esporte, à luta, às atividades rítmicas e expressivas, mas que esse relacionamento envolve outros aspectos, tais como o cognitivo, o afetivo e o social. A autora observa, por meio da análise bibliográfica em artigos científicos e livros sobre comunicação e relacionamento interpessoal, a importância desse relacionamento como importante instrumento capaz de cultivar um ambiente favorável ao processo de ensino e de aprendizagem. A mesma conclui que “a comunicação interpessoal através de palavras, sinais do corpo e paralinguísticos são fatores essenciais no processo ensino-aprendizagem”. (BACARELLI, 2010, p. 22).

Outro fator a ser considerado na relação professor de Educação Física e alunos é sem dúvida o papel de motivador, que cabe ao professor comprometido com sua missão de educador. Meinberg (1988, apud JÚNIOR, 2000 p. 109) ao se referir de maneira específica a essa função do professor de Educação Física, salienta que o mesmo “deveria não só transmitir, mas também ser um protetor, advogado e procurador da criança e, para tal, a sua personalidade deveria estar adequada ao seu ensino, sobressaindo-se pela alegria, justiça, amor ao trabalho e aos alunos”. Nesse sentido, para Ferreira (2006, p. 64),

Cabe, portanto, sob nosso ponto de vista, ao professor de Educação Física, facilitar a conscientização dos elementos sócio-afetivos que possam frear tensões, conflitos, competições, agressividade, permitindo sua melhor auto-regulação individual e do grupo em relação às dificuldades e aos problemas de inter-relação [...].

Assim sendo, atribui-se então a esse profissional não só a missão de transmissor e mediador de conteúdos específicos da Educação Física, mas também a de assumir-se como alguém que realmente se interessa pelas questões socioafetivas e emocionais dos alunos, estabelece uma relação de proximidade geradora de confiança, reconheça as características individuais de cada um para então adotar atitudes que favoreçam a motivação. Meinberg (2000, p. 113) sugere que

Com o objetivo de motivar todos os alunos e estabelecer um clima de prazer e de alegria nas atividades que proporciona e criar, assim, um clima favorável a que o aluno prossiga a sua prática, o professor deveria assumir uma atitude saudável perante a vitória e a derrota e desenvolver, nos alunos, esse espírito, para evitar o "stress" provocado pela necessidade de ganhar a todo custo.

Portanto, segundo o autor, um ambiente capaz de motivar o aluno, só será possível quando os próprios professores, além de transmissores de conhecimento também se sintam motivados e interessados pelas atividades. O mesmo conclui que:

O professor bem informado, bem preparado e, principalmente, motivado é um elemento importante para que a Educação Física Escolar seja mais interessante ao seu aluno, além de ser um conscientizador para que este, ao ultrapassar as fronteiras da escola, continue a praticar uma atividade física no seu lar, na vizinhança e em outros setores da comunidade. (MEINBERG, 200, p. 113).

Nessa perspectiva, a motivação possibilita que o professor de Educação Física assuma o papel de mediador do interesse do aluno e da cultura em busca do conhecimento. Júnior (2000, p. 114) afirma que

[...] na escola, o professor de Educação Física necessita ser um professor com conhecimentos bastante diversificados, a fim de poder manter com o aluno um diálogo não só desportivo, mas também cultural e social e que essa aproximação favorecerá, e muito, o seu papel [...].

Trata-se, portanto, de estabelecer a Educação Física como disciplina fundamental no currículo escolar, e valorizar, sobretudo, as relações entre professor e alunos, desenvolvidas nos espaços destinados à realização das aulas. De Marco (1997 apud MARANTE, 2008, p.32) explica que

Ressalta a relevância da relação entre professor e aluno na construção do ambiente de aprendizagem relacionado à prática das atividades Físicas. Para o autor, o professor deve estruturar um ambiente de aprendizado comprometido com a qualidade e adequação das atividades, consideração das características individuais, oportunidade de vivência de êxitos, fracassos e a mediação do grupo na realização de atividades coletivas.

A partir dessa relação, será possível a construção conjunta do ambiente que contribua para o desenvolvimento das potencialidades de aprendizagem do aluno e lhe proporcione condições favoráveis de vivenciar, por meio das atividades propostas, novas formas de movimento que possibilitem alcançar níveis elevados de conhecimento.

Cabe ao professor, ao estabelecer essa relação de proximidade, manter uma atuação voltada não somente a um aluno, e sim atender a todos do grupo. Além disso, cabe ao professor possibilitar um espaço de discussões que atenda ao interesse comum de todos os envolvidos, tendo como premissa princípios democráticos pautados no respeito entre os sujeitos e o respeito ao ritmo de aprendizagem individual.

3 CARACTERIZAÇÃO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS PRODUÇÕES SOBRE O ENFRENTAMENTO DO PROBLEMA

3.1 Educação Física e os PCN

Os PCN foram elaborados para dar subsídios às práticas pedagógicas dos professores no Ensino Médio e Fundamental e oportunizam a discussão e a reflexão da prática dos professores de todas as disciplinas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, (1997 p. 15), a

[...] Educação Física traz uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática da Educação Física nas escolas.

O documento objetiva orientar as ações da disciplina de Educação Física, com vistas ao desenvolvimento integral do aluno, nos seus aspectos físicos, motores e afetivo-sociais, numa proposta mais humana e democrática, que subsidie a elaboração curricular dos estados e municípios e dialogue com as propostas e experiências já existentes. Segundo Darido (2001, p. 1), os PCN vêm “[...] incentivando a discussão pedagógica interna às escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores”.

Há também o questionamento quanto a justificativa da presença da Educação Física no ensino, que de acordo com o texto, a mesma se sustentava na formação do homem integral, e que isso acontecia em decorrência da prática de exercícios físicos e disciplina do corpo.

Falava-se de “enobrecer o caráter”, mas não existiam conteúdos dentro das aulas que tratassem desse assunto. Pregava-se que o esporte afastava o indivíduo das drogas, mas não se abordava esse assunto na sua dimensão afetiva, psicológica, política, econômica ou sociocultural. (PCN BRASIL, 1997 p. 58).

De acordo com o texto, essas afirmativas não se sustentam, pois a busca pela glória no esporte favorece as atitudes negativas pela vitória a qualquer custo, e que levam inclusive ao uso de substâncias proibidas, como as drogas. A sociabilização e a boa convivência também preconizadas pela simples prática de esportes, nesse sentido, não tinham consistência se considerarmos a violência no esporte como uma das faces da violência cotidiana na sociedade.

De acordo com o documento, a proposta deve abordar a complexidade das relações entre corpo e mente, dentro do contexto sociocultural, garantir a igualdade em relação à oportunidade para todos indistintamente, com o propósito de atingir o desenvolvimento das potencialidades e do aprendizado do aluno de maneira democrática, por meio da mediação do professor.

Ao adotar como referência o termo “*cultura corporal de movimento*”, considerando sua contribuição para o exercício da cidadania, fica evidente a preferência por parte dos PCN (1998) pelas abordagens críticas, o que significa o aumento dos conteúdos a serem trabalhados, sem limitar a Educação Física somente ao ensino referente ao movimento.

Darido (2001, p. 10) considera que dentre os avanços conquistados na proposta dos PCN destacam-se as dimensões do conteúdo:

Neste sentido, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual).

Sendo assim, propicia aos alunos, por meio da participação efetiva nessas atividades, a oportunidade de analisar criticamente quais os benefícios dessa prática enquanto componente da cultura corporal, quais os seus significados e valores.

A concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso a eles. Além disso, adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. O trabalho de Educação Física abre espaço para que se aprofundem discussões importantes sobre aspectos éticos e sociais, alguns dos quais merecem destaque. A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. Além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte. (PCN BRASIL, 1997, p. 24).

A Educação Física deve oportunizar aos alunos o desenvolvimento de suas potencialidades, visando principalmente o seu aprimoramento como seres humanos. Nesse

sentido, fica bem clara também a não privação dos alunos com deficiências físicas, pois de acordo com os PCN (BRASIL, 1997 p. 31),

Por desconhecimento, receio ou mesmo preconceito, a maioria dos [...] deficientes físicos foram (e são) excluídos das aulas de Educação Física. A participação nessa aula pode trazer muitos benefícios a essas crianças, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades afetivas, de integração e inserção social.

Diante dessa afirmativa, compete ao professor de Educação Física promover as adequações necessárias a fim de possibilitar a participação efetiva dos alunos deficientes, garantir a segurança dos mesmos, dar oportunidade de desenvolverem suas potencialidades, integrá-los ao grupo, coibir qualquer atitude de preconceito que possa ocorrer na convivência com os demais alunos e orientá-los para cultivarem sempre atitudes de respeito, colaboração, solidariedade e aceitação, sem preconceitos. “Uma atitude positiva de todos diante dessas diferenças é algo que se construirá na convivência e que dependerá muito da postura pedagógica que o professor adotar concretamente nesta direção”. (PCN BRASIL, 1998 p.57).

O princípio da inclusão não se refere somente aos alunos deficientes, aos excluídos socialmente. Darido et al (2001, p. 6) menciona que

De todos os fatores de exclusão, talvez o mais grave esteja relacionado à exclusão social. Na escola percebemos que este fator está relacionado não apenas ao ingresso, mas também à permanência na escola. Por inúmeras razões, tais como não possuir o material adequado para acompanhar as aulas, por terem que ingressar rapidamente no mercado de trabalho para auxiliar a família ou por repetirem de ano, crianças e adolescentes acabam desistindo ou mesmo sendo obrigadas a abandonar a escola.

Além da exclusão social, esses autores relacionam aquelas decorrentes das atividades práticas, de caráter excludente – temporário ou definitivo, ou seja, os menos habilidosos, com necessidades especiais e gênero. Citam-se também alguns exemplos que ocorrem durante as aulas de Educação Física, quais sejam

Exclusão total ou temporária – jogo de queimada (ou queimado) – onde quem é queimado vai para o “cemitério” e, no caso de ser um aluno que não consegue pegar muito na bola, acaba deixando de jogar até o final do jogo. Outro exemplo é a “batata quente” – quem fica com a batata ao final da música é excluído. Em ambos os casos o mais indicado é encontrar uma saída que favoreça o retorno dos alunos ao campo de jogo, por exemplo, jogando queimada por pontos – quando o segundo jogador da equipe for queimado, o primeiro retorna ao campo. O mesmo pode ser feito com a batata quente. **Exclusão dos menos habilidosos e “portadores de necessidades especiais”** – é difícil reconhecer se um aluno é menos habilidoso por que não se expõe ou se não se expõe por ser menos habilidoso. O fato é que algumas crianças não gostam de participar de certas atividades, principalmente as que envolvem a competição, por serem alvo de severas críticas pelos demais companheiros. (DARIDO et al, 2001 p.8).

De acordo com os autores, a proposição do princípio de inclusão por parte dos PCN tinha a intenção de superar a exclusão, porém isso não tem ocorrido nas aulas de Educação Física. Atualmente, a formação universitária dos docentes que atuam nas escolas ainda é oriunda de modelos tecnicistas ligados à prática hegemônica de determinados esportes, visando ao desempenho técnico dos mais habilidosos.

Outro aspecto discutido nos PCN, especificamente no capítulo sobre ensino e aprendizagem de Educação Física no primeiro ciclo, é a diferença entre as competências de meninos e meninas. Segundo os PCN (1997 p. 47),

Normalmente, por razões socioculturais, ao ingressar na escola, os meninos tiveram mais experiências corporais, principalmente no que se refere ao manuseio de bolas e em atividades que demandam força e velocidade. As meninas, por sua vez, tiveram mais experiências, portanto têm mais competência, em atividades expressivas e naquelas que exigem mais equilíbrio, coordenação e ritmo. Tradicionalmente, a Educação Física valoriza as capacidades e habilidades envolvidas nos jogos, nas quais os meninos são mais competentes, e a defasagem entre os dois sexos pode aumentar. Duas mudanças devem ocorrer para alterar esse quadro: primeiro, às meninas devem ser dadas oportunidades de se apropriarem dessas competências em situações em que não se sintam pressionadas, diminuídas, e tenham tempo para adquirir experiência; em segundo lugar, com a incorporação das atividades rítmicas e expressivas às aulas de Educação Física, os meninos poderão também desenvolver novas competências.

Nesse sentido, cabe ao professor defender a ideia de que meninos e meninas podem participar da aula juntos, sem negar as diferenças biológicas entre os sexos, com aulas motivadoras, incentivos à discussão a respeito da possibilidade da participação conjunta, desmistificação de conceitos que determinam brincadeiras específicas para um e para outro sexo, e que na verdade só reforçam a separação e o preconceito.

A Educação Física no curso noturno também é objeto de discussão nos PCN, considerando a realidade do aluno que trabalha durante o dia e que necessita de uma atenção especial. Portanto,

Os procedimentos de ensino e aprendizagem serão os mesmos do ensino diurno, cabendo as adaptações ao tempo das aulas e às características dos grupos. O fato de os alunos dos cursos noturnos serem em sua maioria trabalhadores e com idade mais avançada que os dos cursos diurnos caracterizará um padrão próprio de abordagem, que não deve significar diferencial quanto a qualidade do ensino e aprendizagem oferecidas. Pois as diferenças se expressam no trato de todos os conteúdos nas inúmeras regiões do país, com escolas e comunidades com características específicas. (PCN, 1997 p.58).

A oferta da disciplina de Educação Física no período noturno deve proporcionar maior integração entre os alunos e professores, dar oportunidade de vivenciar e de conhecer a importância das atividades físicas, no intuito de melhorar a qualidade de vida, bem como as

relações sociais estabelecidas no trabalho, na escola, na família. E com certeza, serve também como instrumento de combate à evasão escolar.

3.2 O currículo escolar e a disciplina de Educação Física

De acordo com os PCN para a disciplina de Educação Física, os conteúdos estão organizados em três blocos a serem desenvolvidos no Ensino Fundamental:

QUADRO 2 - Conteúdos da disciplina Educação Física.

ESPORTES, JOGOS, LUTAS E GINÁSTICA	ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS
CONHECIMENTOS SOBRE O CORPO	

Sendo assim, de acordo com o documento,

Os três blocos articulam-se entre si, têm vários conteúdos em comum, mas guardam especificidades. O bloco Conhecimentos sobre o corpo tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm interseções e fazem articulações entre si. (PCN, 1997 p. 68).

No primeiro bloco estão relacionados os conhecimentos referentes aos esportes individuais (atletismo, natação, etc.); esportes coletivos (atletismo, basquetebol, voleibol, futebol, futsal, handebol, entre outros); jogos competitivos e cooperativos (queimada, rouba-bandeira, pega-pega, amarelinha, etc.); lutas e artes marciais (jiu-jitsu, karatê, boxe, etc.); e ginásticas (aeróbica, rítmica desportiva, natural, acrobática, entre outras).

De acordo com Marinho (2003, p. 33), “[...] praticado pelo homem desde as mais remotas épocas, o esporte tem suas raízes etimológicas no francês *desport*, que os ingleses alteraram para *Sport*”. Tratam-se, de práticas dotadas de regras oficiais, competitivas organizadas em federações que podem ser regionais, nacionais e internacionais, e sua atuação tanto pode ser amadora quanto profissional. Os esportes necessitam de espaços apropriados, como: campos, quadras, piscinas, pistas de corrida, etc. “A sua divulgação pela mídia favorece a sua apreciação por um diverso contingente de grupos sociais e culturais”. (PCN, 1997 p. 37). O esporte na escola exerce uma atração sobre os alunos, na medida em que

proporciona a oportunidade de praticá-lo dentro de um contexto lúdico, apesar do seu apelo competitivo.

Devido ao seu alcance social, o esporte, quando trabalhado de maneira responsável pelo professor, que de posse do conhecimento sobre como conduzir de maneira ética e responsável oportunizando a participação de todos, passa a ser, segundo Ferreira (2006 p. 72),

[...] de fundamental importância no processo de inclusão escolar, pois evidencia todas as faixas etárias, sexos, raças, níveis sociais e culturais, diferenciando-se nas suas perspectivas finalísticas e nas suas valorizações de conteúdo (esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance), permitindo uma participação consciente e crítica na vida escolar e contribuindo para o conhecimento humano, reconhecimento de si e dos outros.

Ainda, segundo Ferreira (2006, p. 72), “o esporte deve obedecer a cinco princípios sócio-educativos: o da participação, o da cooperação, o da co-educação, o da integração co-gestão, ou da co-responsabilidade”

Quanto ao jogo, esse pode ser exercido em “caráter competitivo, cooperativo ou recreativo em situações festivas, comemorativas, de confraternização ou ainda no cotidiano, como simples passatempo e diversão” (PCN, 1997 p. 37). Huizinga (apud MARINHO, 2003 p. 32-33) aponta seis características do jogo que apóiam a busca de uma definição:

- 1) O jogo é uma atividade voluntária. Sujeito a ordens deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação forçada.
- 2) O jogo não é vida "corrente" nem vida "real". Trata-se de uma evasão para uma esfera temporária de atividade com orientação própria.
- 3) No jogo há algo em suspenso, o seu resultado é incerto. Sempre existe a possibilidade do êxito ou do fracasso.
- 4) O jogo cria ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exigindo uma ordem suprema e absoluta.
- 5) O jogo é praticado dentro de certos limites próprios de espaço e de tempo.
- 6) O jogo cria a sociabilidade, o partilhar algo importante, conservando a sua magia para além da duração do jogo.

O jogo tem como característica uma maior flexibilização quanto às regras, se comparado com os esportes, que possuem regulamentação específica de acordo com a modalidade. Há no jogo, a possibilidade de variações de acordo com materiais e espaços disponíveis, o que requer capacidade criativa do professor no sentido de viabilizar as adaptações necessárias, e quando essas são implementadas com a participação conjunta envolvendo os alunos, torna-se um espaço de oportunidades para o desenvolvimento da capacidade criativa e de melhoria na relação professor-aluno.

De acordo com Soares et al. (1992 p. 65-66), “O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma intervenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e

curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente.” Nesse sentido, considera-se que o jogo é também brinquedo, pois por meio da manipulação da realidade por parte da criança, promove o desenvolvimento, especialmente na educação infantil. Vale ressaltar aqui a importância do professor como mediador e que “[...] ao trabalharem com crianças à luz da Teoria Histórico-cultural, devem pensar em possibilidades de ensino que envolvam situações imaginárias a partir do brinquedo, valorizando o cotidiano infantil e social, e enriquecendo a cultura corporal”.(MARTINELLI, FUGI, MILESKI, 2009 p. 257). Cabe ao professor, proporcionar situações educativas que promovam a curiosidade e a experimentação por parte dos alunos.

Marinho (1985, p. 54) refere-se ao jogo, considerando que

Seguramente o jogo traduz a mais autêntica manifestação sócio-pedagógica da educação. Apesar de não ficar restrito no âmbito da Educação Física. É nela que o jogo tem oportunidade de manifestar toda a sua plenitude. Por intermédio do jogo, as pessoas aprendem a se relacionar através de normas que emanam do próprio convívio, identificando espontaneamente a necessidade de elaboração de um código de direitos e deveres.

Nessa perspectiva, fica evidente o lugar de destaque que o jogo ocupa na Educação Física Escolar.

De acordo com a definição proposta nos PCN (1997, p. 70),

As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de luta: as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro, até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê.

A prática das lutas na Educação Física escolar desenvolve os aspectos motor, cognitivo, afetivo e social. Segundo Leite; Borges; Dias (2012, p. 3),

As Lutas podem ser compreendidas como uma manifestação cultural, dependendo da maneira como é aplicada pode ser considerada como atividade rítmica, jogo de oposição, esporte de combate ou arte marcial. Há uma variedade de possibilidades pedagógicas, o importante é a forma que será aplicada, os valores que serão ensinados através dessa cultura corporal.

A partir da compreensão acima, Soares et al. (1992, p. 76) apresentam a capoeira como manifestação cultural que simbolizava a luta dos negros no Brasil em tempos de escravidão. “[...] Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou”. Daí a necessidade de se preservar os elementos

culturais e históricos da capoeira, evitando a ênfase nos aspectos técnicos esportivizados com que a mesma é tratada, principalmente fora do ambiente escolar.

É inquestionável a importância dessa prática corporal caracterizada como lutas, e indispensável sua utilização como conteúdo da Educação Física nas Escolas. Seu valor vai desde cultural e histórico, a benefícios à saúde e de caráter psicomotor, cognitivo, como equilíbrio, agilidade, coordenação motora, lateralidade, percepção, noção espaço-temporal, respeito ao próximo e as regras, além das aulas de lutas proporcionarem também socialização e interação, social. (LEITE, et al, 2013 p. 2).

A inclusão das lutas na escola tende a incentivar a prática com o objetivo de ampliar o repertório da cultura corporal, promover a discussão sobre a disciplina, os rituais presentes em cada tipo de artes marciais (orientais ou ocidentais), seus valores morais e sociais, assim como diferenciá-las do simples ato de “*brigar*”.

“As ginásticas são técnicas de trabalho corporal que, de modo geral, assumem um caráter individualizado com finalidades diversas”. (PCN, 1997, p. 37). Classificam-se em competitivas e não competitivas e envolvem a prática de uma série de movimentos exigentes de força, cujos objetivos são a melhoria da qualidade de vida, desenvolvimento da flexibilidade, coordenação motora e o aperfeiçoamento físico e mental.

Segundo Soares et al. (1992, p. 77), a ginástica é entendida como “[...] uma forma particular de exercitação onde, com ou sem o uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem em geral.” Embora algumas formas básicas de ginástica não exijam instalações ou aparelhos - o que coincide com as instalações precárias de falta de equipamentos por grande parte das escolas públicas do país, a falta de condições para a realização das modalidades olímpicas torna-se motivo para que as mesmas deixem de ser oferecidas na escola. E ainda, por outro lado, nos locais onde esses equipamentos estão disponíveis, existe a tendência à “esportivização”.

Objetos como cordas, arcos, bambolês utilizados nas aulas de ginástica têm sua relevância histórico-cultural na medida em que são considerados instrumentos produzidos pelo homem, e por isso fazem parte da sua cultura. Portanto, esses objetos são relevantes na prática da educação física escolar, por possibilitarem “[...] a imitação de práticas sociais produzidas pela humanidade - no nosso caso, a prática corporal da ginástica- é humanizadora, porque as crianças se fazem humanas por meio da apropriação da experiência acumulada historicamente”. (MARTINELLI; FUGI; MILESKI, 2009, p. 258).

A ginástica apresenta-se ainda como opção de preparação para outras modalidades esportivas e pode ser praticada de forma recreativa, com utilização ou não de aparelhos, e sua prática não se restringe apenas a ambientes fechados, mas também em espaços ao ar livre. É sem dúvida, uma opção a ser oferecida nas aulas de Educação Física, porém sua prática não deve reproduzir o modelo militarista adotado no início do século XX, quando da implantação da Educação Física nas escolas do país.

Neste bloco incluem-se “[...] as informações históricas sobre as origens e características dos esportes, jogos, lutas e ginásticas, e a valorização e apreciação dessas práticas”. (PCN, 1998, p. 38). Portanto, esse tipo de informação pode ser trabalhado no aspecto teórico, em forma de textos, trabalhos, pesquisas online (sites, revistas especializadas, blogs, etc.) e ampliar o conhecimento sobre a origem, evolução e valores socioculturais.

O Segundo bloco é referente às atividades rítmicas e expressivas, que de acordo com os PCN (1997, p. 71),

[...] inclui as manifestações da cultura corporal que têm como característica comum a intenção explícita de expressão e comunicação por meio dos gestos na presença de ritmos, sons e da música na construção da expressão corporal. Trata-se especificamente das danças, mímicas e brincadeiras cantadas. Nessas atividades rítmicas e expressivas encontram-se mais subsídios para enriquecer o processo de informação e formação dos códigos corporais de comunicação dos indivíduos e do grupo.

As manifestações da cultura popular, bem como sua diversidade, embora sempre presentes na cultura do nosso país, não eram consideradas na prática curricular da Educação Física. Há uma diversidade de ritmos presentes no Brasil, que fazem parte da cultura popular em todas as regiões, e foram trazidos pelos africanos, imigrantes e outras manifestações presentes nas regiões de fronteira. Muitas foram incorporadas a outros ritmos, sofreram variações, porém outras preservaram suas características ao longo do tempo. Há também aqueles trazidos pela mídia a todo momento, constituindo-se numa variedade de estilos adotadas pelos jovens e que influenciam não somente pelo ritmo, mas pelo modo de vestir, falar e se comportar. Com efeito, são aspectos culturais que proporcionam a inclusão social, como, por exemplo, o *hip hop*, que de acordo com Oliveira (2014, p. 168),

[...] a cultura *Hip-hop* é utilizada como meio de inclusão social e cultural, pois jovens de diversas idades e níveis sociais têm se apropriado desta cultura no seu cotidiano com roupas, dança, arte, música e estilo. Ultimamente este universo está em evidência em nossa sociedade, vemos reportagens de televisão, filmes, novelas e até mesmo empresas têm usado este contexto como tema de seus comerciais para anunciar os seus produtos.

Nesse sentido, é relevante o ensino da cultura e da dança do *hip hop* na escola, dentro do contexto das atividades rítmicas expressivas, pois possibilitam discussões sobre a cultura presente nas periferias e fazem parte de um movimento sociocultural com objetivo de promover o reconhecimento e a emancipação das camadas marginalizadas da população, trabalhar as questões étnicas e raciais, possibilitara criação de espaços onde haja a produção e a discussão de questões ligadas ao combate da indisciplina e da violência em meio escolar.

Além das danças já citadas, há também, as danças clássicas, moderna, jazz, as do Norte e Nordeste como o Frevo, a Timbalada, o Olodum, e de acordo com os PCN, existem também aquelas danças que estão desaparecendo, pois não há quem as dance. Assim, torna-se necessária a tentativa de resgatá-las e valorizá-las por meio do contato com as pessoas mais velhas da comunidade. Portanto, os conteúdos referentes a este segundo bloco são “amplos, diversificados e podem variar muito de acordo com o local em que a escola estiver inserida.” PCN (1997 p. 39). Para Soares et al. (1992, p. 82), em relação ao ensino da dança,

[...] há que se considerar que o seu aspecto expressivo se confronta, necessariamente, com a formalidade da técnica para a sua execução, o que pode vir a esvaziar o aspecto verdadeiramente expressivo [...] na dança são determinantes as possibilidades expressivas de cada aluno, o que exige habilidades corporais que, necessariamente se obtêm com o treinamento. Em certo sentido esse é o aspecto mais complexo do ensino da dança na escola: a decisão de ensinar gestos e movimentos técnicos, prejudicando a expressão espontânea, ou de imprimir no aluno determinado pensamento/sentido/ intuitivo da dança para favorecer o surgimento da expressão espontânea, abandonando a técnica formação técnica necessária à expressão certa.

É importante que a dança seja ensinada na escola, faça parte dos conteúdos da Educação Física, valorize os costumes, a cultura, a sociabilidade e, além disso, aprimore os padrões de movimento, das habilidades básicas, incentive a criatividade e a espontaneidade.

Neste bloco, conhecimentos sobre o corpo dizem respeito “aos conhecimentos e conquistas individuais que subsidiam as práticas corporais expressas nos outros dois blocos e que dão recursos para o indivíduo gerenciar sua atividade corporal de forma autônoma”. PCN(1997 p. 36). Tratam dos conhecimentos sobre crescimento, desenvolvimento, práticas corporais, fornecem elementos para a aquisição do cultivo de hábitos saudáveis (evitando o consumo de álcool e drogas ilícitas), alimentares e de higiene. Há também as abordagens sobre os conhecimentos de Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Cinesiologia, Antropologia, Sociologia, hábitos corporais, atitudes corporais, análise das atitudes posturais dos alunos na escola, e por fim a compreensão do corpo, na sua dimensão emocional, trabalhados por meio

de jogos, dinâmicas de grupo e vivências corporais, como massagem, automassagem e relaxamento.

Os temas transversais também fazem parte da proposta curricular de Educação Física e devem ser trabalhados nessa disciplina, assim como em outras disciplinas escolares. Tratam, segundo o PCN (1997), dos problemas da sociedade e procuram discuti-los no sentido de encontrar soluções. Os temas transversais citados são: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, como também Trabalho e Consumo. Nesse sentido, a Educação Física deve preocupar-se com os grandes problemas sociais, principalmente as questões que envolvem a ocorrência de indisciplina e violência em meio escolar, e não se limitar somente às questões corporais e de exercícios específicos, ligados ao aprendizado de modalidades esportivas, mas também possibilitar aos alunos que

[...] durante e após as suas práticas, eles possam usufruir do esporte para o lazer, a melhoria da qualidade de vida e a reflexão crítica. Para tanto, pretende-se que este cidadão, a partir das aulas, tenha condições de reivindicar espaços de lazer, repudiar formas de violência no esporte e na sociedade, criticar o uso dos anabolizantes no esporte e na atividade física [...] (DARIDO, 2012, p.78).

Ao tratar das questões que envolvem a indisciplina e a violência em meio escolar e o papel que a Educação Física exerce no sentido de buscar alternativas para a minimização do problema, abordaremos aqui os temas transversais relacionados à Ética e à Pluralidade Cultural.

A Ética aqui se refere ao desenvolvimento moral do indivíduo, às relações interpessoais estabelecidas dentro de um contexto de respeito tanto às individualidades, quanto às necessidades do grupo, valorizando a construção coletiva das regras. Num contexto de jogo,

Ao interagirem com os adversários, os alunos podem exercer o respeito mútuo, buscando participar de forma leal e não-violenta. Confrontar-se com o resultado de um jogo e com a presença de um árbitro permite a vivência e o desenvolvimento da capacidade de julgamento de justiça (e de injustiça). Principalmente nos jogos, em que é fundamental que se trabalhe em equipe, a solidariedade pode ser exercida e valorizada. (PCN, 1997, p. 35).

Nesse sentido, o professor de Educação Física deve promover o entendimento sobre as questões relacionadas ao jogo e dizem respeito às regras, aos envolvidos na condução do jogo, que são os árbitros e aos adversários, com uma postura de humildade diante da vitória, evitando ridicularizá-los. Esses profissionais devem ainda enfatizar a questão da cooperação que possibilita a obtenção de resultados positivos e evitar sentimentos egoístas prováveis de

surgir diante de um resultado negativo, onde há sempre a troca de acusações na busca de um culpado.

3.3 O professor de Educação Física

A Resolução CONFEF nº 046/2002 dispõe sobre competência, intervenção e campos de atuação do profissional de Educação Física e define as atividades que lhes são próprias na Lei nº 9696/98. A deliberação em Reunião Plenária de 16 de Dezembro de 2001, em seu art. 1º resolve que:

Art. 1º - O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisio-corporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo. (CONFEF, 2002, n. p.).

O Professor de Educação Física atua tanto na área da saúde quanto da educação, onde deve considerar o aluno como centro do processo de ensino aprendizagem, para o qual converge toda obra educacional. Isso exige maior responsabilidade do professor, especificamente em relação às atividades de caráter físico-educativas por uma questão de predominância da área, mas também considerando os aspectos emocionais e afetivos. Para tanto, segundo Hurtado (1983, p. 73), é preciso que

[...] o professor de Educação Física crie situações de aprendizagem e experiências sempre novas, mais ricas e mais amplas desenvolvendo cada vez mais a própria experiência dos alunos a fim de que eles se enriqueçam humana e tecnicamente. Naturalmente, deverá o professor de Educação Física lançar mão de todos os meios e técnicas mais adequadas aos objetivos específicos que os alunos deverão atingir ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

É necessário que o professor tenha conhecimento dos conteúdos a serem ensinados, explicita a sua relevância e aplicabilidade prática, respeite o nível de desenvolvimento bio-psico-fisiológico dos alunos.

De acordo com Hurtado (1983, p. 78), o professor de Educação Física tem a função de promover a vivência e a convivência, e a sua influência como profissional não é restrita à função de educador junto aos alunos, mas

[...] também junto aos próprios colegas, aos demais elementos que trabalham na escola, aos objetivos da própria escola e, principalmente à família e comunidade. Assim, se a escola tem uma função socialmente social também a tem o professor de Educação Física, pois sendo um elemento socializador, constitui-se também num dinamizador do processo de educação. E nada melhor do que a idéia de democracia, que envolve a escola e a educação, para caracterizar as múltiplas influências que o professor de Educação Física exerce sobre aqueles que com ele convivem.

Numa posição humanista da Educação Física Escolar, Oliveira (1985, p. 58) descreve as características do professor de Educação Física nessa perspectiva.

- a) O professor de Educação Física, humanista, utiliza o jogo, o esporte, a dança, a ginástica – assim como as técnicas que lhes são próprias – como meios para o cumprimento dos seus objetivos educativos, não os considerando como fim em si mesmo;
- b) O professor de Educação Física, humanista, integra efetivamente o ambiente escolar em que atua, de modo a se constituir verdadeiramente num agente da educação;
- c) O professor de Educação Física, humanista, é um orientador da aprendizagem, cabendo-lhe, prioritariamente, promover o crescimento pessoal dos alunos;
- d) O professor de Educação Física, humanista, encontra técnicas não-diretivas a sua principal estratégia metodológica, abandonando o papel autoritário que lhe foi tradicionalmente imposto;
- e) O professor de Educação Física, humanista, percebe o aluno como pessoa, preocupando-se com a transferência da aprendizagem para a vida do aluno, muito mais do que o desempenho esportivo;
- f) O professor de Educação Física, humanista, conhece as fronteiras entre o adestramento e à educação, sabendo que está lidando com pessoa, e não com objetos.

Em relação à questão da indisciplina e da violência em meio escolar, o professor de Educação Física enquanto sujeito ativo no processo educacional e preocupado com as inquietações relativas a essa temática, deve posicionar-se de forma crítica e analítica, procurar atualizar-se tanto do ponto de vista intelectual, quanto do científico e buscara compreensão do seu papel em contextos escolares e para a educação.

3.4 A Educação Física e estudos de combate à indisciplina e violência em meio escolar

Após a compreensão dos conceitos sobre indisciplina e violência, buscamos conhecer os estudos sobre indisciplina e violência sob a ótica da Educação Física, as abordagens utilizadas em relação à prática da Educação física escolar e as conclusões das investigações.

Sant'ana (2012) desenvolveu o seu estudo com os professores de Educação Física, considerando-os o diferencial dessa disciplina devido ao espaço diferenciado de realização das aulas, cujo enfoque principal é a cultura corporal. Nessa perspectiva, o autor considera o contato próximo como um fator que favorece o surgimento de conflitos.

Diante dessa análise, a pesquisa teve como objetivo analisar as situações de indisciplina ocorridas nas aulas de Educação Física e entender quais as estratégias adotadas pelos professores para minimizar os prejuízos pedagógicos. As entrevistas revelaram que os professores adotaram como principais estratégias na prevenção e resolução dos conflitos, o uso do diálogo, o afastamento dos estudantes das atividades e o planejamento das aulas.

Dias (1996) realizou estudos no sentido verificar como a Educação Física poderia auxiliar de forma consciente, crítica e construtiva os meninos de rua, especificamente os frequentadores do CIAC II (Centro Integrado de Assistência à Criança) na comunidade do morro do Preventório, Jururuba, Niterói. Sua pesquisa objetivou verificar como a Educação Física, por meio de atividades práticas de caráter humanista, pode reforçar a autoestima, a afetividade e o bem comum do grupo de alunos; e se essas atividades ajudaram construtivamente o crescimento dos meninos de rua. Ele procurou mostrar a relação existente entre as atividades de educação física e a diminuição da agressividade e sua promoção à adaptação ou readaptação do menor ao seu grupo. (DIAS, 1996, p. 99).

A população alvo foi um grupo de 38 meninos com faixa etária compreendida entre 9 e 14 anos, de ambos os sexos e a escolha dessa faixa etária se deu devido ao comportamento agressivo mais acentuado que os demais integrantes do CIAC- II, de faixa etária inferior à de 09 anos. A pesquisa não levou em consideração a heterogeneidade em relação aos níveis escolares, já que é comum encontrar dentro dessa faixa etária, distorções de idade-série. Foram utilizados instrumentos específicos ou testes pré-estabelecidos, como questionário no início e final da pesquisa. As entrevistas foram realizadas tanto com os meninos quanto com os funcionários, observações, registros e relatórios com o auxílio de estagiários e realizadas filmagens e fotos de alguns eventos promovidos pela Educação Física no CIAC-II.

Com base nos resultados obtidos, Dias (1996, p. 105-106) concluiu que

[...] qualquer perspectiva de desenvolvimento da Educação Física como instrumento da ação educativa, precisa levar em consideração os valores que estão inclusos na filosofia humanista de entendimento do mundo. Filosofia essa, que se caracteriza por estar mais preocupada com a promoção do ser humano, com a sua relação positiva com o grupo a que pertence, ao respeito da individualidade de cada um. Onde os conteúdos, regras, técnicas e competições não são abandonadas, pois esses são específicos dessa disciplina, fazem parte da sua natureza. Contudo, devem ser direcionados para uma abordagem mais humana e construtiva.

Nesse sentido, a Educação Física escolar deve ser entendida como uma disciplina curricular, essencial à formação da cidadania, ter como base um processo de socialização, de valores morais, éticos e estéticos baseados em princípios humanistas e democráticos, suplantando as práticas injustas e discriminatórias que incentivam a rivalidade, o antagonismo, a tensão e a pressão psicológica entre os alunos. Tudo isso deve ser feito sem negar o esporte na escola, mas rompendo com modelo que prioriza somente a necessidade de formação de atletas que competem em busca de fama e sucesso.

Rocha (2006) analisou as diversas formas de interações sociais que ocorrem durante a prática de jogos infantis. O pesquisador fez observações durante as aulas de educação física ministradas por ele mesmo, para crianças nas faixas etárias compreendidas entre nove e onze anos. O método utilizado foi o de agrupamento de ocorrências, que permitiu identificar unidades de ação posteriormente agrupadas em categorias de interação entre eles, tornando possível a investigação das interações sociais durante as aulas de Educação Física.

De acordo com Rocha (2006, p.87),

Daí a importância do presente estudo, pois fica evidenciado que os sujeitos, durante a prática de jogos, vivenciam muito mais que as ações motoras que são exigidas deles. Eles excluem, incluem, questionam, solicitam, discutem e desafiam, aprendendo a cada novo instante em que podem perceber como o meio social responde às suas ações. É esse conjunto de vivências que os constitui como indivíduos, e permite que se desenvolvam e estejam aptos para novas experiências sociais que ocorram no futuro [...].

Portanto, para o autor, as possibilidades educativas presentes nos jogos, brincadeiras, práticas rítmicas e esportivas devem ser percebidas pela Educação Física, e que essa disciplina possa avançar em estudos que possibilitem revelar os impactos de suas práticas pedagógicas sobre os alunos e busque a compreensão sobre as experiências vividas no campo das relações sociais.

Ao estudar o fenômeno da violência no cotidiano da escola e identificar sua presença nas aulas de Educação Física, Correia (2010) procurou analisar o papel dessa disciplina e de que maneira as práticas pedagógicas do professor eram conduzidas no combate às situações geradoras de violência. Ao concluir, o autor enfatiza que a Educação Física, por meio da sua característica educacional e pedagógica, constitui-se num relevante instrumento favorecedor no sentido de construir situações de convivências fraternas, contribuir com a educação no sentido de diminuir as ações de agressividade presentes no espaço escolar. Piccolo (1995, p. 12) destaca ainda, o papel do profissional de Educação Física:

[...] por meio das aulas de educação física, podem os professores criar condições aos alunos de desenvolver pensamentos e ações transformadoras no que se refere a sua

própria condição enquanto sujeitos participativos e autônomos em relação a seus desejos, libertando-se das sombrias atitudes inadequadas situadas no âmbito da violência. Dessa forma, o professor de educação física estará desenvolvendo “o papel de agente transformador, reconhecendo a sua ação pedagógica como um fator de conscientização”.

Kaminski (2008) pesquisou a metodologia de aula desenvolvida pelo professor de Educação Física em sua prática pedagógica, analisou a sua relação com atos de indisciplina e de violência. Diante dos resultados obtidos, a autora observa que as estratégias metodológicas desenvolvidas nas aulas podem desencadear situações de agressividade nos alunos. A mesma sugere aos professores que adotem estratégias de trabalho pautadas nos jogos cooperativos e o resgate de brincadeiras populares como alternativas para amenização da agressividade nas aulas de Educação Física.

Cabe salientar que a utilização do esporte como conteúdo predominante nas aulas de Educação Física está pautada em uma concepção voltada para o esporte de alto rendimento, contrária à concepção do esporte como componente curricular na escola. Como boa parte das atividades desenvolvidas na escola está relacionada à prática de esporte de alto rendimento em suas regras e normas, os alunos acabam por se desinteressar e se distanciar das atividades propostas, o que requer do professor tomar atitude de controle e contribui para a ocorrência de indisciplina por parte dos alunos, que rejeitam o modelo de controle disciplinar exigido para os esportes de alto rendimento.

Para Brito (2010, n. p.), há uma manutenção dos critérios estabelecidos ao esporte de alto rendimento nas aulas de educação física nas escolas, o que de certa maneira gera conflitos com os alunos. Segundo o referido autor:

[...] a disciplina na Educação Física é a manutenção de uma ordem determinada pelo contexto esportivo de alto nível e a indisciplina seria uma tentativa de romper com a circularidade da manutenção de esquemas de poder, que são derivados das práticas pedagógicas decorrentes de uma concepção da área esportiva e que se refletem como referências em suas aulas. Tais professores concebem a indisciplina como uma resistência ou mesmo ruptura, por parte dos alunos, da circularidade da manutenção do poder dos ideais esportivos, ideais nos quais os docentes foram *enformados* e que direcionam suas práticas pedagógicas, suas aulas.

Assim, fica evidente a necessidade de uma prática pedagógica da Educação Física voltada para os objetivos propostos na escola. Não se trata simplesmente de excluir a prática esportiva das aulas de Educação Física, mas de promover a discussão e o debate sobre a sua utilização no âmbito escolar para os fins a que se destina.

Os jogos cooperativos aparecem como alternativa diante do contexto da violência escolar, na medida em que promovem a ética e a cooperação, favorecem a autoestima e a melhoria no relacionamento interpessoal. Marques (2009 p. 6) afirma que:

Os jogos cooperativos vão além do jogo. São uma filosofia pedagógica, que busca uma melhoria na qualidade de vida de todos, sem exceções. Dentro desta filosofia, saímos do paradigma de que a única alternativa na vida é vencer o seu próximo, quando na realidade o bem comum e os objetivos congruentes se mostram possibilidades mais atraentes para a evolução humana. Respeitar, conviver e aceitar as diferenças melhora as relações interpessoais e convívio social reduzindo a agressividade e conseqüentemente a violência.

Nesse contexto, reafirma-se a importância dos jogos cooperativos como componente facilitador das relações, na medida em que propõem uma nova alternativa de prática pedagógica que valoriza a cooperação. Ao comparar jogos competitivos com jogos cooperativos, Orlick (apud BROTTTO, 1995 p. 37) apresenta as características de ambas as modalidades.

QUADRO 3 - Jogos competitivos e jogos cooperativos.

JOGOS COMPETITIVOS	JOGOS COOPERATIVOS
São divertidos apenas para alguns.	São divertidos para todos.
A maioria tem o sentimento de derrota.	Todos têm um sentimento de vitória.
Alguns são excluídos por sua falta de habilidade.	Há mistura de grupos que brincam juntos criando alto nível de aceitação mútua.
Aprende-se a ser desconfiado.	Todos participam e ninguém é rejeitado ou excluído.
Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores.	Os jogadores aprendem a ter senso de unidade e a compartilhar o sucesso.
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de “ruim” acontece aos outros	Desenvolvem auto confiança, porque todos são bem aceitos.
Pouca tolerância à derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência face às dificuldades.	A habilidade de perseverar face às dificuldades é fortalecida.
Poucos se tornam bem sucedidos.	É um caminho de coevolução.

Porém é preciso ressaltar que eliminar a competição nas aulas de Educação Física não seria a intenção, já que o problema não está na competição em si, mas na maneira com que o profissional conduz a mesma no seu fazer pedagógico. Daí a importância do professor de

Educação Física em atuar como um mediador. Nesse sentido, na teoria Vigotskiana⁵, conhecida como teoria histórico-cultural

[...] enfatiza-se o papel do professor, como sujeito imprescindível no processo de desenvolvimento dos seus estudantes, não como coadjuvante facilitador ou mero organizador do ambiente de aprendizagem, mas sim como socializador e principal responsável pela transmissão de conhecimentos teórico-práticos fundamentais para que os seres humanos avancem no seu processo de humanização [...]. (SAVIANI, 2000, apud FILHO, 2009 p. 693).

Com relação a esse papel de mediar e de desenvolver a percepção da realidade histórica e social no aluno, salienta Filho (2009, p. 694) que o professor de Educação Física

[...] poderá desenvolver atividades vitais objetivando a elevação do nível de desenvolvimento dos seus estudantes, considerando a importância das linguagens presentes na cultura corporal na sua relação com as outras linguagens presentes na escola, tendo em vista possibilitar aos seres humanos esferas mais elevadas de desenvolvimento e possíveis neste momento histórico, tendo como objetivo principal possibilitar-lhes a condição de se reconhecerem como sujeitos conscientes da sua realidade histórica e social e, portanto sujeitos responsáveis pela sua transformação tanto no plano objetivo quanto subjetivo, tanto no plano da escola quanto da sociedade, consolidando assim um trabalho crítico e transformador, um trabalho revolucionário.

Portanto, cabe ao professor de Educação Física buscar mais informações que possam dar sustentação à sua prática pedagógica no sentido de melhorar a sociabilidade e as relações interpessoais entre os alunos e favorecer um ambiente de ensino e de aprendizagem, onde a violência possa dar lugar a atitudes de respeito, dignidade e solidariedade. Nessa perspectiva, a teoria histórico-cultural contribui com a Educação Física por meio de seu caráter crítico-transformador e de suas possibilidades teórico-metodológicas no processo de humanização das crianças e dos jovens na escola. (FILHO, 2009).

Diante da ocorrência da indisciplina e do fenômeno da violência em meio escolar, a Teoria Histórico-cultural possibilita meios de compreensão da realidade, do comportamento e das ações de cada um dos agentes. A discussão e o direcionamento das ações dos profissionais envolvidos na condução de estratégias metodológicas que utilizam a disciplina Educação Física promovem a ética, a solidariedade, a autoestima, o respeito à diversidade e aos direitos do próximo.

⁵ Lev Semenovich Vigotsky (1896-1934), pensador Bielo-Russo é considerado o maior representante da Teoria Histórico-cultural, também conhecida no Brasil por “Escola de Vigotsky” ou “Teoria Vigotskiana”.

4 COLETA DE DADOS E DISCUSSÕES

4.1 Procedimentos de coleta de dados

Para a coleta de dados optamos pela aplicação de questionário por entender que esse instrumento atende aos objetivos e às necessidades da pesquisa, a análise da realidade e a interpretação dos dados pelo pesquisador. Também possibilita a captação da compreensão do respondente sobre determinado assunto. De acordo com Gil (1999, p. 128),

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Utilizamos nos questionários perguntas abertas com o fito de captar a compreensão das pessoas sobre a educação física desenvolvida nas escolas e sua influência no processo de sociabilidade entre as diversas áreas do conhecimento. De acordo com Chaer (2011, p. 262), as questões "[...] trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente". Porém, o pesquisador precisa observar a elaboração das perguntas para que de fato consiga abstrair a compreensão do respondente, tomando o cuidado para que as pessoas não sejam dirigidas ou influenciadas em sua resposta.

Os questionários (Anexos – A, B) com perguntas abertas foram distribuídos para 37 alunos do 6º ano e do 9º ano do Ensino Fundamental II, 17 para o 3º do Ensino Médio e para 4 professores de Educação Física das escolas pesquisadas.

Optamos por essa população de alunos em virtude de pertencerem a diferentes níveis de ensino e faixa etária, e por possibilitar a análise de diferentes percepções sobre a violência e indisciplina escolar, considerando-se os diferentes níveis de maturidade.

Os quatro professores de Educação Física escolhidos para participar da pesquisa estão inseridos nas duas maiores escolas do município e abrangem diferentes séries, o que contribui com os objetivos da pesquisa quanto à análise dos conceitos que possuem sobre a violência e a indisciplina na escola, sob a ótica da prática pedagógica específica dessa disciplina.

4.2 Caracterização dos espaços físicos e pedagógicos das escolas pesquisadas

Optamos por realizar nossa investigação em duas escolas pertencentes à rede estadual de ensino do Estado de Mato Grosso do Sul, situadas no município de Paranaíba; contudo, os nomes das escolas serão omitidos no intuito de preservar as instituições, as quais serão denominadas de escola 1 e escola 2, que foram escolhidas para a realização da pesquisa devido à facilidade de acesso aos professores e às instituições, além do fato de o pesquisador atuar profissionalmente na escola 1. Outra razão se deve à clientela de alunos atendida pelas escolas, residentes na área central da cidade e de bairros ligados ao centro. A escola 1 é uma instituição situada próxima ao centro da cidade e foi criada em 3 de agosto de 1966. No ano de 2014, quando foram coletados os dados para a pesquisa, contava com 836 alunos matriculados, divididos entre os turnos matutino e noturno. Os níveis de ensino oferecidos na escola são o Ensino Fundamental I e II, o Ensino Médio e o Ensino Técnico. O número de professores corresponde a um total de 48 profissionais, dentre os quais 2 professores são da área de Educação Física.

Em relação ao espaço físico a escola está caracterizada conforme o quadro abaixo.

QUADRO 4 - Caracterização do espaço físico da escola 1.

ESCOLA 1	ANO2014
Salas de aula	36
Biblioteca	01
Sala de vídeo	01
Sala de informática (20 computadores)	01
Sala de reuniões	02
Cozinha	01
Refeitório	01
Cantina	01
Pátio coberto e área de convivência	01
Pátio descoberto	01
Auditório	01

Quadra poliesportiva coberta	01
Quadras poliesportivas descobertas	02
Vestiário com chuveiro	01
Ampla área verde	01

A escola 2 foi criada em 22 de junho de 1933. No ano de 2014, quando foram coletados os dados para esta pesquisa, contava com aproximadamente 1.651 alunos divididos entre os turnos matutino, vespertino e noturno. Os níveis de ensino oferecidos eram Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, EJA III – EF e EM. Do total de 69 professores, quatro são de Educação Física. Em relação ao espaço Físico, observa-se no quadro abaixo:

QUADRO 5 - Caracterização do espaço físico da escola 2.

ESCOLA 2	ANO 2014
Salas de aula	17
Biblioteca	01
Sala de vídeo	01
Sala de informática (24 computadores)	01
Sala de reuniões	02
Cozinha	01
Refeitório	01
Pátio	01
Auditório	01
Quadra poliesportiva coberta	01
Quadra poliesportiva descoberta	01

O quadro de caracterização das duas escolas permite avaliar as diferenças de estrutura física e de recursos humanos entre elas.

A escola 1 atende os turnos matutino e noturno, embora possua um espaço físico maior e amplo em relação à escola 2, que atende aos turnos matutino, vespertino e noturno. Quanto ao número de alunos e de professores, apesar de a escola 1 possuir 36 salas de aulas, atende 836 alunos e possui 48 professores, enquanto que a escola 2 possui 1.651 alunos, com 19 salas de aulas a menos que a escola 1, e possui 69 professores. Por esses dados percebemos que o espaço físico entre as duas escolas é diferente. Além do mais, a arquitetura da escola 1 é moderna, com dois pavilhões e três pavimentos, com espaços bem distribuídos e específicos para cada setor da escola, e com capacidade para atender a mais de três mil alunos nos três turnos, considerando um limite de no mínimo 30 alunos para cada sala de aula.

É pertinente ressaltar que das três quadras poliesportivas da escola 1, apenas a quadra coberta possui condições para que os professores e alunos utilizem o espaço para a prática de educação física, pois as outras duas encontram-se em péssimo estado de conservação, devido à falta de reparos.

4.3 Caminhos metodológicos

Para a realização da pesquisa, inicialmente estabelecemos contato com os diretores das escolas no intuito de explicitar o tema e seus objetivos, salientando a necessidade de abordar o problema presente nas escolas, indisciplina e violência, porém da perspectiva da Educação Física e sua relação com os alunos. Após esse primeiro contato e a autorização dos diretores, passamos a contar com o auxílio dos coordenadores pedagógicos, que também estavam cientes dos objetivos da pesquisa e da importância que essa tem para a formação de professores pós-graduados em nível de Mestrado. Assim, fui encaminhado para as salas de aulas das séries escolhidas.

Também fizemos um esclarecimento aos professores da escola quanto à realização da pesquisa. Nesse momento apresentamos o tema da pesquisa, seus objetivos, sua relevância social, acadêmica e de formação.

Em seguida, fizemos o mesmo esclarecimento aos alunos escolhidos para a aplicação do questionário e que, voluntariamente, respondessem ao questionário sem a necessidade de se identificarem. Optamos por uma população de alunos do sexto e nono anos e alunos do Ensino Médio, para poder perceber entre essas turmas a sua compreensão quanto ao fenômeno da violência escolar e o papel da disciplina de Educação Física quanto à minimização de sua ocorrência na escola.

Os alunos que voluntariamente se dispuseram a responder o questionário ficaram assim distribuídos: 20 alunos do 6º ano- 10 de cada escola; 18 alunos do 9º ano-10 da escola 1, 08 da escola 2 e 17 alunos do 3º ano do Ensino Médio-10 da escola 1 e 7 da escola 2.

A aplicação do questionário ocorreu entre os dias 8 e 15 de dezembro de 2014 e os alunos foram alocados em salas disponíveis nas respectivas unidades escolares, onde responderam de forma individual e na presença do pesquisador. Foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, lidas as questões e tiradas as dúvidas quanto à sua interpretação e preenchimento.

Para a aplicação dos questionários aos professores da disciplina de Educação Física, foi feita uma apresentação sobre a pesquisa e seus objetivos quanto à temática da indisciplina e violência na escola a partir da prática da Educação Física. Em seguida, entregamos o questionário, um para a professora da escola 1 e três questionários para os professores da escola 2.

Na escola 1 atuam dois professores da disciplina de Educação Física, um deles o pesquisador. E na escola 2 foram entregues três questionários aos professores. Combinamos a entrega do questionário respondido para a semana seguinte, o que foi prontamente cumprido.

4.4 Apresentação dos resultados da pesquisa e análise dos dados

4.4.1 - Professores

QUADRO 6 - Demonstrativo dos sujeitos-professores de Educação Física participantes da pesquisa.

Professor	Sexo masculino	Sexo feminino	Pós-graduado	Tempo de Magistério	Efetivo	Convocado
Prof.1 escola 1		SIM	NÃO	1 ANO	SIM	
Prof.1 escola 2	SIM		SIM	25 ANOS	SIM	
Prof.2 escola 2		SIM	NÃO	13 ANOS		SIM
Prof.3 escola 2	SIM		SIM	10 ANOS	SIM	

Dos quatro professores de Educação Física que responderam o questionário, dois são do sexo masculino e dois do sexo feminino. Todos possuem graduação em Educação Física e dois professores da escola 2 possuem pós-graduação, o professor 1 tem especialização em Fisiologia do Exercício Físico e o professor 3 possui especialização em Educação Física Escolar.

Quanto ao tempo de serviço, observamos no quadro 6, que o professor 1 da escola 1 possui um ano de tempo de atuação e o professor 1 da escola 2 possui 25anos de atuação, seguida pelos outros dois com 13 e 10 anos de serviço respectivamente. E dentre os quatro professores, apenas um da escola 2 não faz parte do quadro efetivo de funcionários da rede pública de ensino. Portanto, em relação ao tempo de atuação na docência, há uma média de 12 anos; um professor iniciante na profissão, com um ano de atividade. Outrossim, em virtude desse tempo de atuação, inferimos que podem ter adquirido experiência ao longo dos anos no exercício da docência e habilitação condizente para trabalhar de forma qualitativa e resolver os problemas de indisciplina e violência que porventura possam ocorrer durante o desenvolvimento das atividades.

A diferenciação entre os participantes quanto ao tempo de atuação na docência torna-se relevante para a pesquisa na medida em que a percepção de cada um sobre o problema da indisciplina e da violência na escola pode manifestar-se de forma diferente, de acordo com o seu tempo de experiência em sala de aula, formação e embasamento teórico didático-pedagógico.

QUADRO 7 - Que cursos de aperfeiçoamento realizou sobre a temática da indisciplina e violência na escola?

Entrevistado	Realizou	Não Realizou
Professor 1 Escola 1		X
Professor 1 Escola 2	X	
Professor 2 Escola 2		X
Professor 3 Escola 2		X

De acordo com a coleta de dados, quando questionados sobre cursos de aperfeiçoamento, apenas o professor 1 da escola 2 afirmou ter participado de curso que tratava

da indisciplina e da violência na escola. Ele menciona: “[...] *participei de um seminário com mestres da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*”.

Esses dados demonstram que apesar das dificuldades vividas hoje pelos professores com relação à indisciplina e à violência em meio escolar, não há uma procura pelo aperfeiçoamento e compreensão do tema. Isso porque, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, há um evento científico denominado Simpósio Científico Cultural (SCIENCULT), onde um grupo de trabalho discute o tema e ocorrem apresentações de alunos e professores de diversas instituições sobre o tema. Também há um grupo de estudos sobre Educação e Violência e o Laboratório da Violência nas Escolas com estudos abertos à participação dos professores sobre a temática. Como não mencionaram os eventos que ocorrem na UEMS, inferimos que não participam das discussões e aperfeiçoamentos oferecidos por essa Universidade.

Observamos que o professor menciona a sua participação em um evento; todavia, não menciona o nome do evento, o que foi discutido e sua abstração sobre o tema abordado. Nesse sentido, podemos inferir que além do pouco interesse dos professores sobre o aperfeiçoamento e a temática, há pouco aproveitamento quanto ele ocorre.

Portanto, frente ao fenômeno da violência que aflige a sociedade, atinge a todos, independente da cor, clero ou classe social e, em particular a escola, faz-se necessário que os professores estejam embasados teoricamente e percebam a realidade como preocupante. Dayan (2008, p. 100) exorta os estudos necessários ao professor para que possa agir e intervir adequadamente e no momento certo: “[...] Um desses estudos deveria analisar os múltiplos aspectos de maneira conjunta, por exemplo, as estruturas de poder na escola, as pressões, as expectativas dos pais, as concepções dos professores com relação à construção de conhecimentos, etc”.

Portanto, a participação dos professores em cursos de aperfeiçoamento e sobre as questões ligadas à indisciplina e à violência em meio escolar deve ser capaz de levá-los a refletirem sobre os elementos teóricos que permitam a análise da sua prática.

Ao serem questionados sobre o que consideram como indisciplina e violência em meio escolar, dois professores apontaram o desrespeito às normas e regras; um professor citou a ocorrência de bullying e falta de limites e outro professor mencionou a falta de respeito e educação. Relataram:

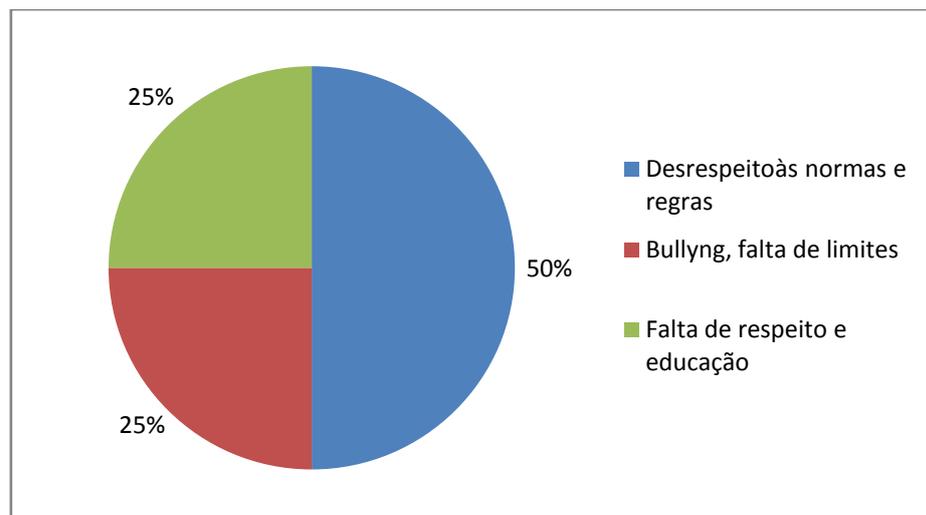
A falta de respeito e educação com os professores e seus colegas de classe.

Bullying, falta de limite, cinismo, intolerância e principalmente a educação doméstica.

Tudo aquilo que fere as normas pré-estabelecidas, atos que prejudicam o outro e que interferem negativamente na rotina escolar.

Indisciplina é a falta ou desrespeito às normas e regras estabelecidas pela escola ou pela sociedade. O aluno indisciplinado ou violento traz de casa valores diferentes (ou inexistentes). Tendo em casa o contato com a violência (banalizada) e a falta de uma boa educação (valores).

GRÁFICO 1 - Porcentagem de resposta dos professores de Educação Física sobre o que consideram indisciplina e violência.



Note-se que a falta de limites e desrespeito às normas são as principais alegações por parte dos respondentes. Há, portanto, um entendimento de que a indisciplina está relacionada principalmente às questões morais. Nesse sentido, de acordo com Dayan (2008, p. 66),

Outra hipótese para explicar a indisciplina é que a criança não tem limites, não reconhece a autoridade e não respeita as regras; e isso é uma responsabilidade dos pais porque eles foram muito permissivos. Aqui a indisciplina é explicada por uma deficiência moral.

Complementando essa análise, Marinho (1999, p. 9998) afirma que “[...] alguns educadores acusam um aluno de indisciplinado pelo fato do mesmo não se submeter às regras [...] e ao questioná-las é tachado como aluno problema, indisciplinado [...]”. Nesse sentido, é preciso haver clareza e coerência no estabelecimento das normas a serem cumpridas, para que o aluno, tendo conhecimento das mesmas, entenda sua responsabilidade enquanto cidadão detentor de direitos e deveres.

Outro fator a ser considerado nas respostas dos professores diz respeito à do aluno e da educação familiar, pois afirmam que esses valores são quase inexistentes e, portanto

consideram que seja essa uma das causas da indisciplina dos alunos. Nesse sentido, Rego (1996, p. 97) afirma que

A família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

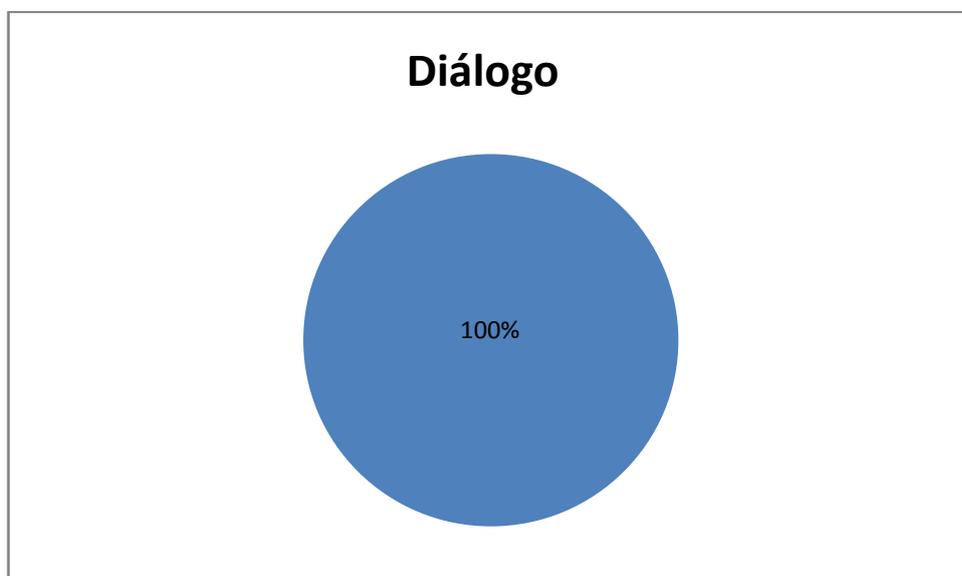
Porém, a escola e a família exercem papéis diferentes quanto à educação e formação da criança ou adolescente. Patterson (1982, apud CANDREVA, 2009, p. 3) salienta que

Estudou a agressividade no ambiente familiar e verificou que nas famílias, em que não há demonstrações de aprovação e afeto, as crianças são extremamente agressivas. Também ambientes familiares coercivos, com punições, ameaças, provocações entre os membros familiares, contribuem para o desenvolvimento da agressividade nas crianças.

De acordo com as respostas dos professores, é possível inferir seu entendimento sobre a indisciplina e a violência escolar. Segundo eles, essas são causadas por fatores externos como a família e a sociedade e atribuem as suas causas como um problema individual do aluno. Sem, contudo, refletir que a escola e o professor também são polos geradores de violência.

Perguntados sobre os procedimentos adotados para resolver os problemas de indisciplina e violência durante as aulas, os quatro professores, ou seja, 100% responderam que adotam o diálogo.

GRÁFICO 2 - 100% dos professores adotam diálogo para resolver problemas de indisciplinas e violência durante as aulas.



Ao responderem sobre os procedimentos adotados para resolvermos problemas de indisciplina e violência nas aulas relataram:

Na aula de Educação Física é muito mais fácil este controle, mas quando acontece indisciplina e violência, eu converso, faço pedir desculpas e resolvo ali mesmo.

Conversa, e citando exemplos de boas maneiras e de má conduta. O principal é mexer com o seu próprio ego (não faça com o próximo o que não quer para si).

Sempre explico para o grupo de alunos a importância de bons hábitos de convivência, respeitando o próximo (empatia) e recebendo o respeito devido de volta. Se mesmo assim for constatada uma situação de indisciplina ou violência é anotado no caderno do professor (conversa com os envolvidos) e caso tenha violência física ou moral, passo para a coordenação e verifico o desfecho.

Diálogo: geralmente com todos os envolvidos e também separadamente. Pode não resolver de imediato, mas força o estudante a refletir sobre seus atos e pensar melhor numa possível reincidência.

Diante dos depoimentos dos professores, constatamos a unanimidade das respostas sobre o uso do diálogo. Nesse sentido, a relação professor-aluno deve favorecer a confiança mútua, necessária para o estabelecimento de vínculos cotidianos e abertura de um canal de comunicação favorável às relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar.

Para Sant'ana (2012, p. 94),

O diálogo também auxilia na organização da própria aula, na resolução de conflitos, na conscientização do papel do estudante dentro da disciplina ministrada e na sua motivação. Da mesma forma, contribui para o conhecimento da realidade do estudante pelo professor, torna-o uma figura mais humana e estabelece relações interpessoais positivas.

Segundo a autora, o diálogo parece ser eficaz na relação professor-aluno. De acordo com os depoimentos, os professores, estabelecem o diálogo com os alunos diante do contexto de indisciplina e violência no momento da aula, levam o estudante a refletir melhor sobre seus atos e atitudes. E nesse sentido, Santos (2014, p.89) argumenta que “[...] o diálogo consiste e é possibilitado na relação horizontal entre pessoas, tendo em vista que é esta horizontalidade que pode nutri-lo com amor, humanidade, esperança, fé e confiança”.

O professor de Educação Física, de acordo com Dieckert (1986, apud DIAS, 1996, p. 68) deve

[...] Preocupar-se com as diferenças individuais e desenvolver, especialmente as qualidades básicas de movimento, de alegria e de riqueza de vivências (atração emocional). O comportamento do professor torna-se, neste caso, importante, sobretudo, no que tange à formação de uma relação de confiança entre professor e aluno.

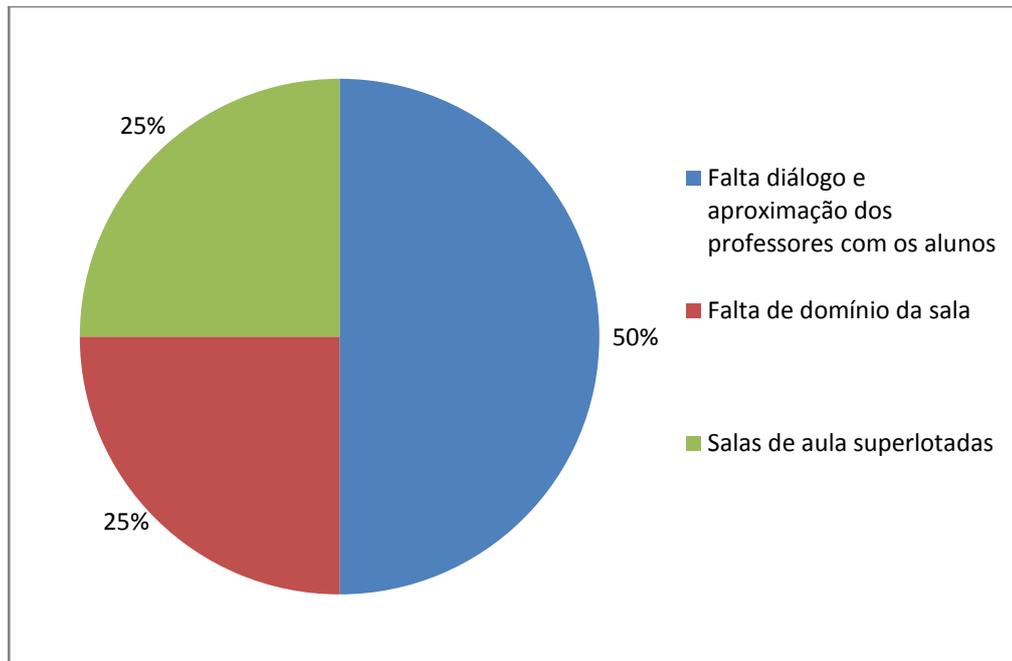
Observa-se, portanto, como é importante o papel do professor de Educação Física quando esse estabelece o diálogo como forma de intervenção diante da indisciplina e da violência no meio escolar. Assim, o mesmo deve ser um mediador também de conflitos, escutar os alunos, compreender o significado de suas ações e reações e orientá-los para perceberem por si mesmos os limites de suas atitudes, com vistas a evitar comportamentos de indisciplina e agressividade que dificultem o seu relacionamento com o grupo.

Percebe-se nas respostas dos professores, que essa não é uma tarefa fácil, porém é preciso sobretudo, ter esperança, e de acordo com Santos (2014, p. 202), “[...] a esperança dá sentido ao trabalho do professor, dá sentido ao compromisso social. Ela problematiza e prevê a abertura de caminhos de maneira a incentivar a busca pela construção de possibilidades”. Cabe então ao professor de Educação Física, perseverar e acreditar que por meio do diálogo e da condução das atividades que favoreçam a socialização e integração, é possível coibir atitudes de indisciplina e violência em meio escolar. Esse profissional precisa estar sempre em busca de capacitação para adquirir competência profissional, ampliar seu conhecimento teórico e saber articular esse conhecimento com a sua prática, além de entender os aspectos a serem trabalhados em Educação Física, como os motores, cognitivos, culturais, sociais e de relacionamento interpessoal.

Importante também que o professor se posicione criticamente diante dos conteúdos escolares, da organização escolar, saiba trabalhar em equipe, procure interferir de maneira ética nas questões de violência dentro e fora da escola.

Quanto à opinião dos docentes de Educação Física em relação às dificuldades dos professores de outras disciplinas em resolver os problemas de indisciplina e violência nas aulas e na escola, dois professores responderam que falta diálogo e aproximação dos professores com os alunos, um professor apontou que falta domínio de sala e o outro se referiu a salas de aulas superlotadas.

GRÁFICO 3 - Opinião dos docentes de Educação Física em relação às dificuldades dos professores de outras disciplinas.



Percebe-se, diante das respostas, que a falta de diálogo e aproximação dos professores das outras disciplinas (50%) em relação aos alunos são motivos alegados pelos professores de Educação Física das escolas pesquisadas quanto às dificuldades que esses profissionais têm em lidar com o problema da indisciplina e da violência na escola.

Falta de respeito entre os envolvidos. Na maioria das vezes é percebido a falta de aproximação do professor, porém há sempre estudantes descomprometidos que causam transtornos e dificultam o bom relacionamento.

Alguns professores promovem a criação de um abismo entre ele e o aluno. Se não há simpatia, respeito e diálogo o aluno não respeita ou não liga para o que o professor está falando.

Aquino (1996, p.40) considera que “[...] o contrato que liga o professor ao aluno comporta uma reciprocidade essencial, que é o princípio e a base de uma colaboração.” Aqui o autor enfatiza o ensino como elemento essencial para o sucesso dessa relação.

A relação de ensino é mais verdadeiramente um duelo; um afrontamento é essencial para o ato comum do ensinante e do ensinado. O ensinante não é um livro que se folheia, nem mesmo um perito que se consulta; ele também persegue um desígnio pessoal através da sua ocupação de ensinar; e este desígnio não coincide senão parcialmente com a vontade de realização pessoal que leva o ensinado diante dele. Neste conflito o ensinante fornece mais que um saber; ele traz um querer, um querer-saber, um querer-dizer, um querer-ser. Ele exprime frequentemente uma

corrente de pensamento, uma tradição que através dele luta pela expressão, pela expansão; ele próprio está habitado por uma convicção, para qual vive; tudo isso faz dele uma coisa diferente de um simples transmissor de saber; o ensino é, para ele, um poder que exerce; daí nasce a relação de domínio que é preciso revolucionar sem cessar. Eis porque a utopia do auto-ensino é falsa: ela ignora as molas do conflito subjacente à “relação do ensino.” (RICOEUR, 1969 p. 55 apud AQUINO, 1996 P. 41).

Para tanto, é preciso que os agentes envolvidos, sobretudo o professor parceiro mais experiente, possam a cada dia reinventar essa relação, assumam-se como elemento imprescindível na construção de parâmetros relacionais os quais possibilitem equacionar as questões que afetam negativamente o processo de ensino e de aprendizagem, como é o caso da indisciplina e violência na escola.

Outro aspecto apontado pelos respondentes nessa questão diz respeito à falta de domínio do professor em relação à sala e sua superlotação.

Os que têm dificuldades é porque não têm domínio de sala.

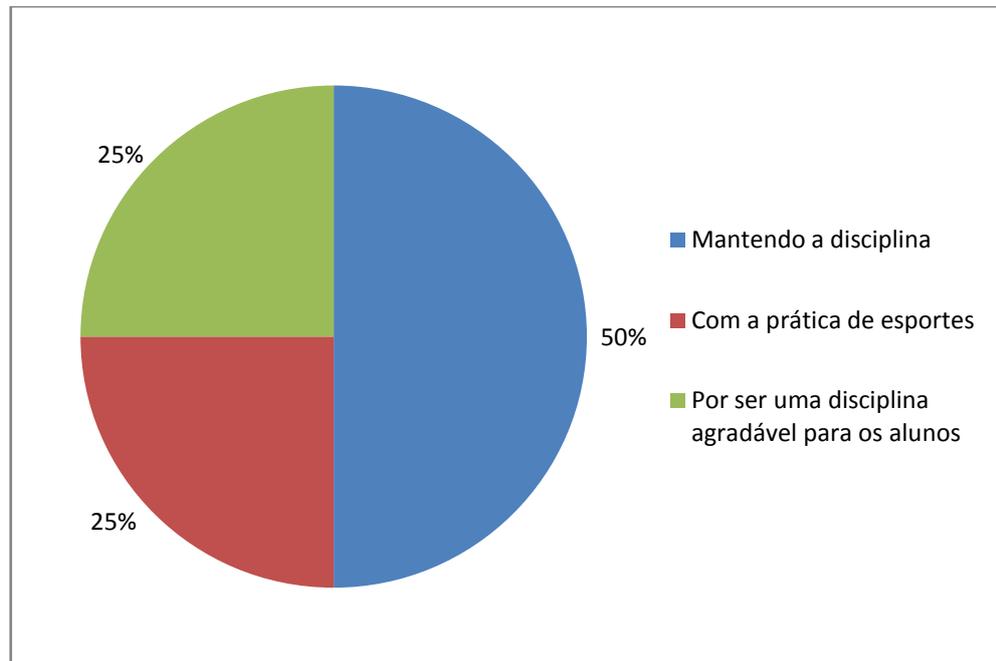
Acho que o maior problema é a questão de ficar dentro da sala o tempo todo. muitas vezes estas salas superlotadas dificultam uma boa conversa para descobrir onde estão os maiores problemas dos alunos.

De acordo com as respostas, os professores de Educação Física elencaram o número elevado de alunos e alunas na sala de aula como uma dificuldade real dos colegas de outras disciplinas para o desenvolvimento de práticas educativas.

A falta de políticas públicas de investimento nas melhorias das condições físicas e na construção de mais escolas tem contribuído com esse cenário de superlotação.

Na visão de como a Educação Física na escola contribui para a redução da indisciplina e da violência, dois professores apontaram a manutenção da disciplina (50%); a prática de esportes foi mencionada por um profissional (25%); pelo fato de ser uma disciplina agradável, um professor (25%).

GRÁFICO 4 - Como a Educação Física na Escola contribui para redução da indisciplina e da violência.



Observou-se que nas respostas dos professores de Educação Física das escolas pesquisadas com relação a esse questionamento houve semelhança com as respostas dos alunos referentes à questão um do seu questionário. Ambos apresentaram a prática de esportes e a manutenção da disciplina como contribuição da disciplina de Educação Física na diminuição da indisciplina e da violência na escola.

Contribui, porque o esporte ensina a ter respeito com seus adversários.

Nesse sentido, de acordo com Scaglia (1999 apud REVERDITO, 2009 p. 60), o professor de Educação Física precisa entender que

O ensino do esporte é um ato de responsabilidade, não se limitando apenas na transmissão do conhecimento puramente técnico, tampouco o aprendizado em meio a um ato de passividade do aluno, mas considerando um indivíduo inserido integralmente em um ambiente sociocultural, no qual ele (o aluno) é parte integrante, interagindo, influenciando e sendo influenciado, e, nesse aspecto tem o comprometimento com o formar, com o lapidar, indivíduos críticos e autônomos, capazes de compreender e transformar de forma consciente sua prática esportiva

Nessa perspectiva, o ensino dos esportes deverá considerar o conhecimento que o aluno já tem, ou seja, experiências motora, social e cultural.

Freire (1997 apud REVERDITO, 2009 p. 60) salienta que

A finalidade objetivada no processo deverá ser considerada a partir das motivações do indivíduo envolto em um ambiente sociocultural, diretamente integrado ao processo e segundo suas individualidades. O ambiente do jogo/esporte é, sem dúvida, favorável para a educação/formação moral, ética, social etc. Mas para que

possa ter esta finalidade, o indivíduo deverá estar integrado a essa ação, o fazer caminhar de encontro ao compreender, assim como compreender permita ao aluno um novo fazer.

Para que possa alcançar os objetivos de melhoria das relações no ambiente escolar por meio da prática de esportes, o professor de Educação Física deve considerar a integração do indivíduo e suas relações vivenciadas e estabelecidas no ambiente. E por meio dessas relações, incentivarem as atitudes de respeito mútuo, dignidade, solidariedade, respeito às diferenças individuais e repudiarem a violência.

Os professores de Educação Física, ao considerarem nas respostas que essa disciplina curricular contribui para a redução da indisciplina e da violência na escola por meio da manutenção da disciplina, observam que

Quando o professor é disciplinador, ajuda muito, mas se o mesmo também é indisciplinado as coisas só pioram.

É possível notar a grande incidência de opiniões, por parte de professores de todas as áreas, de que a manutenção da disciplina é responsável pela regulação dos comportamentos de incivilidade na escola. Os dados mostram que o professor não tem um conceito atualizado quanto à indisciplina e acreditam que os meios de intervenção ainda são baseados em atitudes opressoras que possam dar uma solução imediata para o problema.

O professor deve entender que nas aulas de Educação Física não se pode utilizar o disciplinamento somente como instrumento de controle dos alunos. Lourencetti (2011, p. 18) salienta que o professor de Educação Física

[...] deve deixar de pensar nas estratégias de resolver a Indisciplina em aula como algo puramente imposto, regras impostas e punições severas e começar a pensar e estudar esses assuntos com outro olhar, um olhar mais crítico que leve nossos educandos a tomarem consciência de seus atos, que juntos construam as regras e compreendam as mesmas, para que uma das finalidades da escola, formar cidadãos autônomos, e também da Educação Física possa ser alcançada.

Não deixar de aplicar as normas disciplinares, e sim promover juntamente com os educandos o entendimento sobre as razões dos limites que devem ser respeitados. “Não se trata de um condicionamento, mas de trabalhar conjuntamente competências cognitivas e condutas educativas.” (DAYAN, 2008 p. 85).

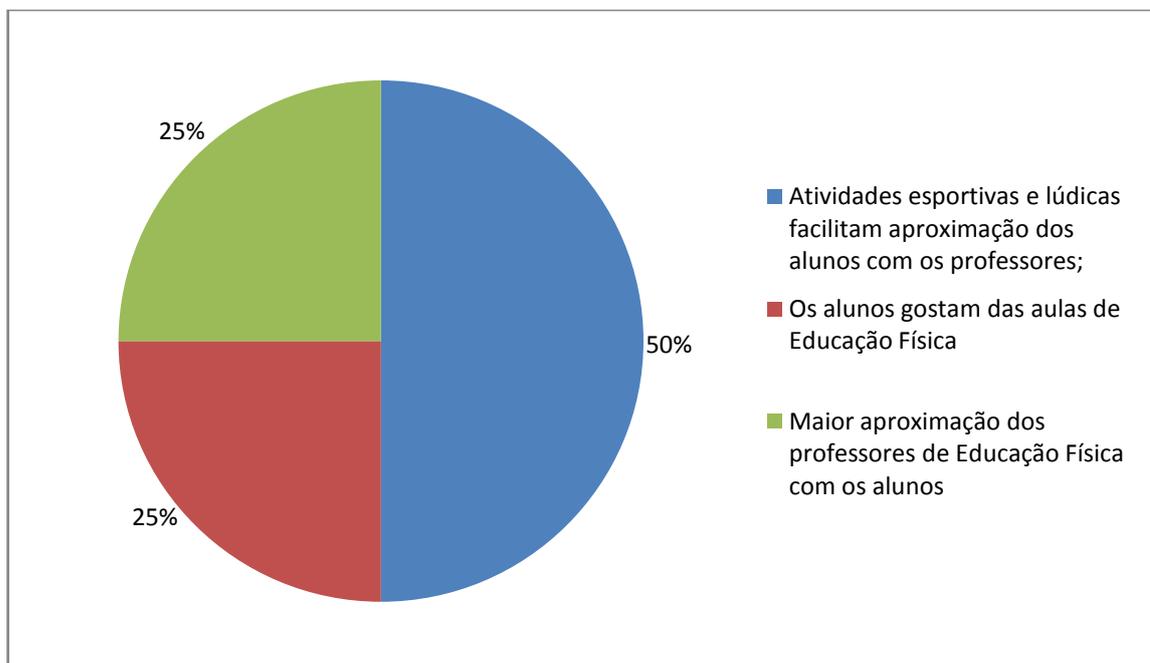
Sendo assim, as normas disciplinares devem ser trabalhadas em conjunto, com o envolvimento de todos os segmentos da escola, e que sejam debatidas numa concepção pedagógica não conservadora nem tampouco baseadas em regras impostas e com sistema de punições severas.

Quando questionados sobre as diferenças de relacionamento interpessoal do professor da disciplina de Educação Física demais professores, dois deles responderam que as atividades esportivas e lúdicas facilitam a aproximação com os alunos; um docente citou o fato de os educandos gostarem das aulas de educação física e outro professor se referiu à maior aproximação dos professores de educação física com os alunos. Vale ressaltar a importância da ludicidade presente nas aulas de Educação Física na escola da infância até por volta dos 14 anos. Segundo Pimentel (2008, p. 117),

[...] O exercício da ludicidade vai além do desenvolvimento real porque nela se instaura um campo de aprendizagem propício à formação de imagens, à conduta auto-regulada, à criação de soluções e avanços nos processos de significação. Na brincadeira são empreendidas ações coordenadas e organizadas, dirigidas a um fim e, por isso, antecipatórias, favorecendo um funcionamento intelectual que leva à consolidação do pensamento abstrato [...].

Portanto, segundo a Teoria Histórico-cultural, a ludicidade presente nas aulas de Educação Física infantil, sobretudo nos jogos, exerce papel relevante no processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

GRÁFICO 5 - Diferenças de relacionamento interpessoal do professor da disciplina de Educação Física demais professores.



Em suas respostas apresentaram que:

O professor de Educação Física promove um aprendizado prazeroso, esportivo ou lúdico e aproxima-se do aluno com diálogo e compreensão das dificuldades (e como superá-las) isso deixa o aluno mais próximo do professor e faz com que ele ouça seus conselhos.

Uma das diferenças é que eles adoram a aula de Educação Física, eu acho que eles conversam mais com o professor de Educação Física, isto facilita a convivência entre aluno e professor.

De modo geral, os professores de Educação Física acreditam que o diferencial na sua atuação em relação aos professores das demais disciplinas reside no fato de que as atividades lúdicas e desportivas, por serem atrativas para os alunos, facilitam a aproximação desses, e isso se torna uma oportunidade para se trabalhar as questões educativas que favoreçam a prevenção de atos de indisciplina e de violência na escola.

No entanto, o professor de Educação Física precisa se reconhecer enquanto profissional que se constrói historicamente e tem a exata dimensão do alcance social de sua prática.

Muñoz Palafox et al (1997, p.5) acrescenta que:

[...] em qualquer esfera de trabalho onde professor de Educação Física/EspORTE exerça sua profissão, este não pode ser simplesmente considerado um agente pedagógico ou instrumento didático de animação social. Na verdade, em todos os casos em que se manifesta essa prática social, o professor é um agente político-pedagógico que, em teoria, deveria apresentar bases filosóficas e científicas suficientes para poder "dar conta", além de seu fazer restrito (aula), das ações concretas para compreender a dinâmica social – onde desenvolve sua ação profissional – a fim de defender, conscientemente, seu projeto de educação e sociedade.

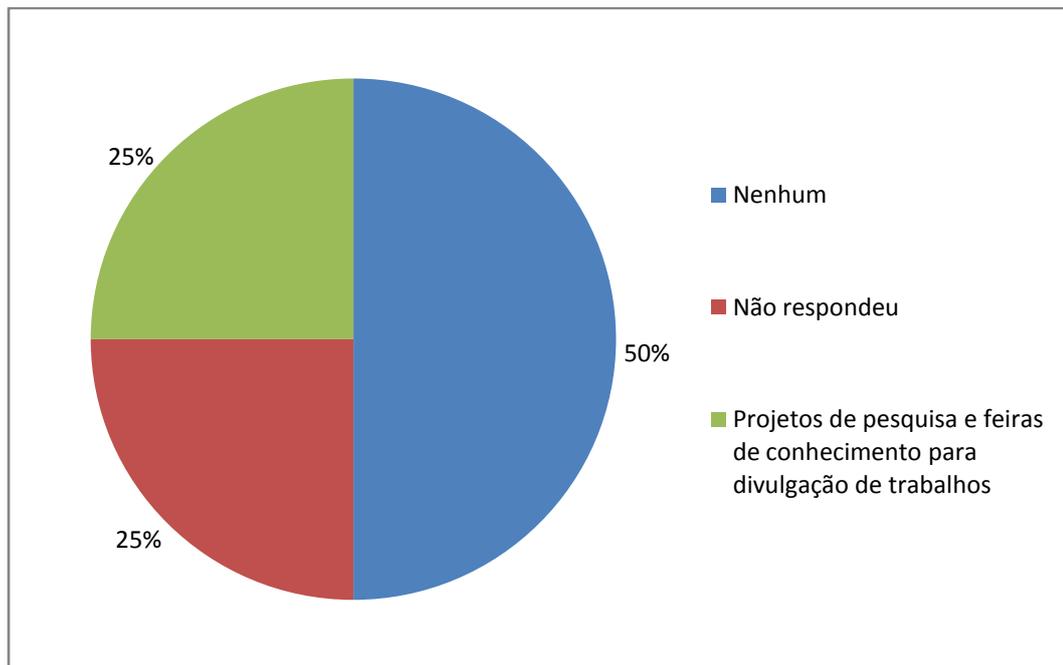
Assim, segundo esse autor, o professor de Educação Física terá condições de dar oportunidade para

[...] que o aluno adquira a qualificação histórico-cultural necessária para promover a formação de uma racionalidade crítica e autônoma, relacionada dialeticamente com uma ação participativa no mundo do trabalho e do lazer – realidades complexas que refletem, dentre outros, as contradições e as desigualdades da vida social. (MUÑOZ PALAFOX et al 1997, p.8).

O professor de Educação Física deve buscar sempre capacitação para realizar um trabalho mais competente, romper os paradigmas do tradicionalismo, contextualizar sua prática de acordo com a realidade social onde está inserido.

Quando questionados sobre os eventos realizados na escola no ano de 2014 com a participação de professores e alunos, diretor, coordenadores pedagógicos, funcionários e pais e contribuíram para a diminuição da indisciplina e violência na escola, dois professores responderam que não Foi realizado nenhum evento; um não respondeu a questão e outro mencionou que houve projetos de pesquisa e feiras de conhecimento para divulgação de trabalhos.

GRÁFICO 6 - Questionados sobre eventos realizados na escola no ano de 2014.



Diante das respostas relativas aos eventos realizados na escola e tenham contribuído para a diminuição da indisciplina e da violência na escola, observamos que as respostas negativas no tocante à realização desses, acrescidas ao número dos que não souberam responder correspondem juntas, a 75%. Somente 25% dos respondentes afirmaram que os eventos foram realizados no ano de 2014.

Conforme os dados apresentados, inferimos que os eventos ocorreram com pouca frequência; então, há a necessidade de a escola valorizar esse tipo de atividade, como envolvimento de todos os segmentos, pois são oportunidades de promover o aprendizado por meio de uma situação mobilizadora, quebrando o paradigma de que só se aprende no espaço fechado da sala de aula. Trata-se de incentivar a oportunidade de os educandos participarem de experiências educativas mais intensas, por meio de novas atividades, com objetivo de melhoria na relação de ensino e aprendizagem. É a oportunidade também de fortalecer as

relações entre alunos, professores e demais agentes da escola e incentivara interação. Vygotski (1994, p. 75 apud SILVA, 2013 n. p.) frisa:

[...] a importância das interações sociais, afirmando que a construção do conhecimento ocorre a partir de um grande e importante processo de interação. Ele destaca, além da importância da socialização no processo de construção do conhecimento, que a afetividade tem um importante papel na construção do próprio sujeito e em suas ações [...].

As salas de aula são ambientes convencionais de ensino, dinamizadas pelas ações pedagógicas e relações interpessoais, no entanto, esse não é o único espaço onde elas acontecem.

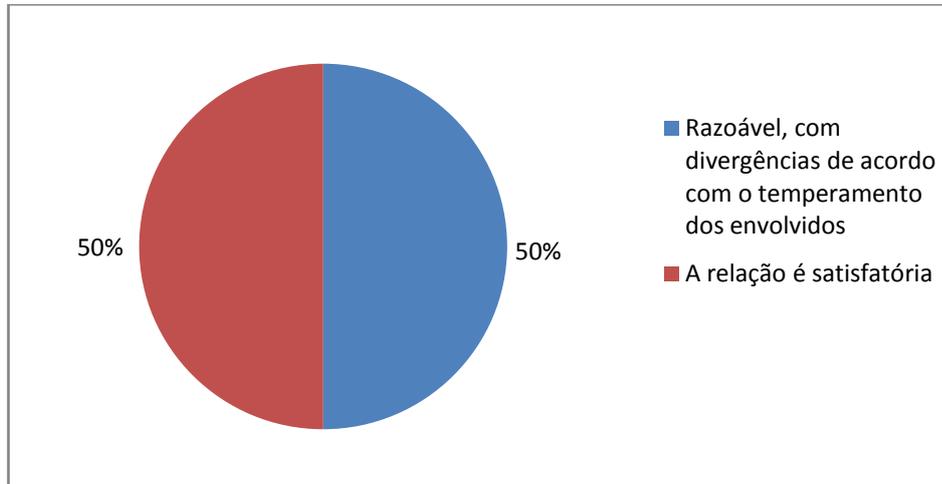
As atividades extraclasse são elementos fundamentais nas ações pedagógicas e de socialização no âmbito escolar. Dayrrel (1996 p. 158-159) afirma que

[...] um outro elemento fundamental na escola são as atividades extraclasse. O próprio nome já indica que são atividades realizadas fora dos marcos do que são considerados efetivamente pedagógicos. Talvez por isso mesmo, nelas, o prazer e o lúdico são permitidos. Nessas atividades, nem todos os alunos, e muito menos o conjunto dos professores, participam. São momentos quando fica mais explícita a noção de uns e outros a respeito da escola, sua função, suas dimensões educativas. [...] uma atividade como esta aponta para a riqueza pedagógica dessas situações, contribuindo, através do prazer, para o reforço da auto-estima, do sentimento de ser criativo, para o fortalecimento do sentimento de grupo entre os alunos entre os alunos e professores. [...].

Nesse sentido, os eventos ocorridos fora da sala têm um potencial pedagógico a ser considerado pela escola, na medida em que acontecem num contexto lúdico e favorecem maior participação dos educandos, auxilia-os no processo de ensino e de aprendizagem. Esses eventos contribuem também com a melhoria das relações interpessoais entre os membros da comunidade escolar e agem de maneira educativa e preventiva nas questões relativas à indisciplina e à violência na escola; assim, inferimos que eles devem acontecer com maior frequência no decorrer do período letivo.

Questionados sobre como ocorrem as relações interpessoais entre os professores e alunos, diretor e demais funcionários da escola, dois professores mencionaram serem razoáveis as relações interpessoais. Pode-se notar algumas divergências de acordo com o temperamento dos envolvidos e os outros dois responderam que a relação é satisfatória.

GRÁFICO 7 - Questionados sobre como ocorrem as relações interpessoais entre os professores e alunos.



As respostas dos professores de Educação Física apresentam que

Em uma instituição existem pessoas de todo temperamento. No mesmo tempo que uma pessoa me trata bem outra me trata mal. Mas se existir o bom senso, os problemas são amenizados.

Ocorre de forma razoável, porém há respeito entre os indivíduos na maioria das vezes, mas também há divergências de informações. Há também a busca pelos próprios interesses, não visando o bem comum.

Na minha escola esta relação é muito boa, às vezes acontece algum caso isolado, mas fácil de resolver.

Alguns professores relutam em aproximar ou entender seus alunos (são *ensinadores* e não educadores), mas a maior parte é empática e engajada na solução dos conflitos. A coordenação pedagógica e a direção possuem muito tempo de convivência na escola e possuem abertura e conhecimento de grande parte dos problemas que os alunos passam (por conhecerem suas famílias). Sendo assim, o trabalho de correção ocorre de forma mais humana e positiva na maioria dos casos.

As representações dos professores de Educação Física das escolas pesquisadas indicam que eles consideram satisfatórias as relações estabelecidas entre alunos, professores e demais funcionários da escola. Todavia, não deixam de pontuar algumas divergências existentes no âmbito dessa relação, como o conflito de interesses, a falta de aproximação dos professores e o temperamento individual dos envolvidos.

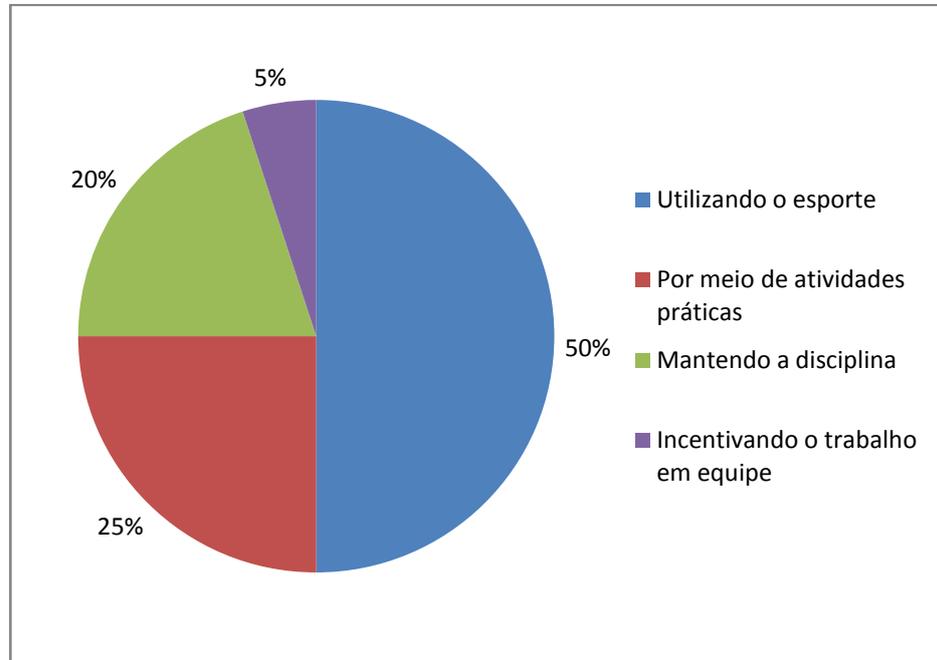
Não existe ambiente livre de conflito, e segundo Guimarães (in AQUINO, 1996 p.81), “é preciso deixar de acreditar que paz signifique ausência de todo conflito.” Relacionar significa interagir um com o outro, portanto essa relação em uma sociedade democrática requer disposição para confronto no sentido de tentar diminuir as diferenças existentes, marcadas por pensamentos e projetos diferentes, mas que por meio do respeito mútuo e

aceitação possibilitem equacionar as situações de desigualdade e garantamos direitos de todos os envolvidos.

4.4.2 Quanto às respostas dos Alunos

Quando questionados sobre sua visão acerca Educação Física no currículo escolar e sua contribuição para a minimização da indisciplina e violência na escola, 20 alunos do 6º ano -10 da escola 1 e 10 da escola 2- responderam conforme o gráfico abaixo: 10 alunos (50%) responderam que a Educação Física contribui com a utilização do esporte; cinco (25%) responderam que a contribuição se dá por meio de outras atividades práticas; quatro (20%) responderam que a contribuição dessa disciplina se dá porque mantém a disciplina e um aluno (5%) respondeu que a contribuição da Educação Física acontece na medida em que incentiva o trabalho em equipe.

GRÁFICO 8 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão do questionário.

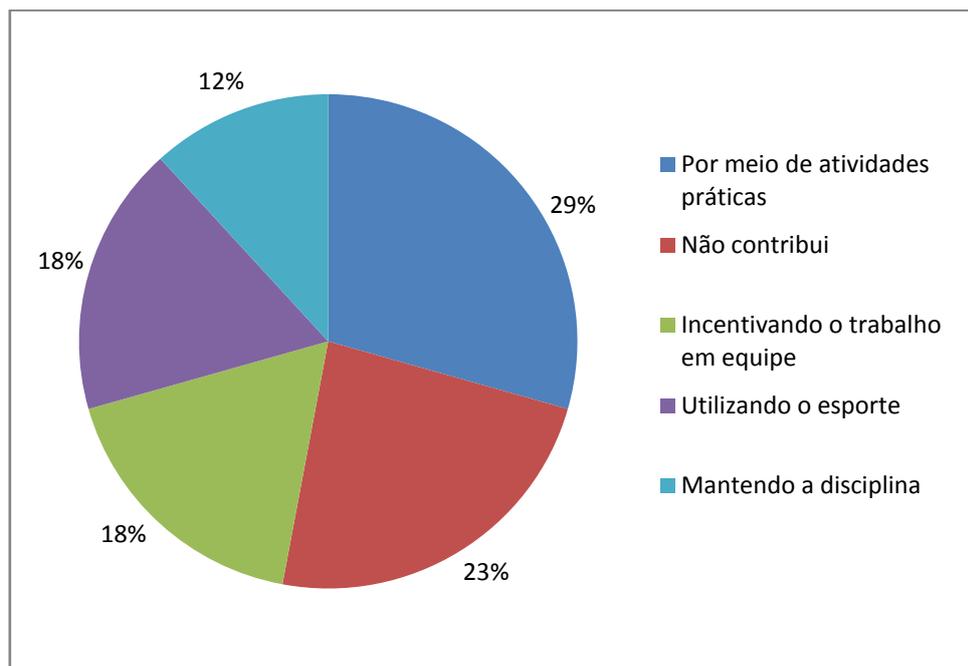


Diante das respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2, observou-se que eles reconhecem a importância da Educação Física enquanto disciplina presente no currículo escolar e que contribui para a minimização da indisciplina e violência na escola na medida em

que utiliza recursos pedagógicos como atividades práticas (jogos, brincadeiras, danças) e atividades esportivas que incentivam o trabalho em equipe e ajudam a controlar a indisciplina.

Na mesma questão, os 17 alunos do 9º ano - 10 da escola 1 e sete da escola 2, responderam que a Educação Física contribui com a minimização da indisciplina e da violência na escola, com as seguintes porcentagens: por meio das atividades práticas, cinco discentes(29%); quatro alunos (23%) responderam que a disciplina Educação Física não contribui; três alunos (18%) responderam que com a utilização do esporte; três alunos (18%) disseram que a Educação Física incentiva o trabalho em equipe e dois alunos(12%)afirmaram que ela ajuda a manter a disciplina.

GRÁFICO 9 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 1 do questionário.

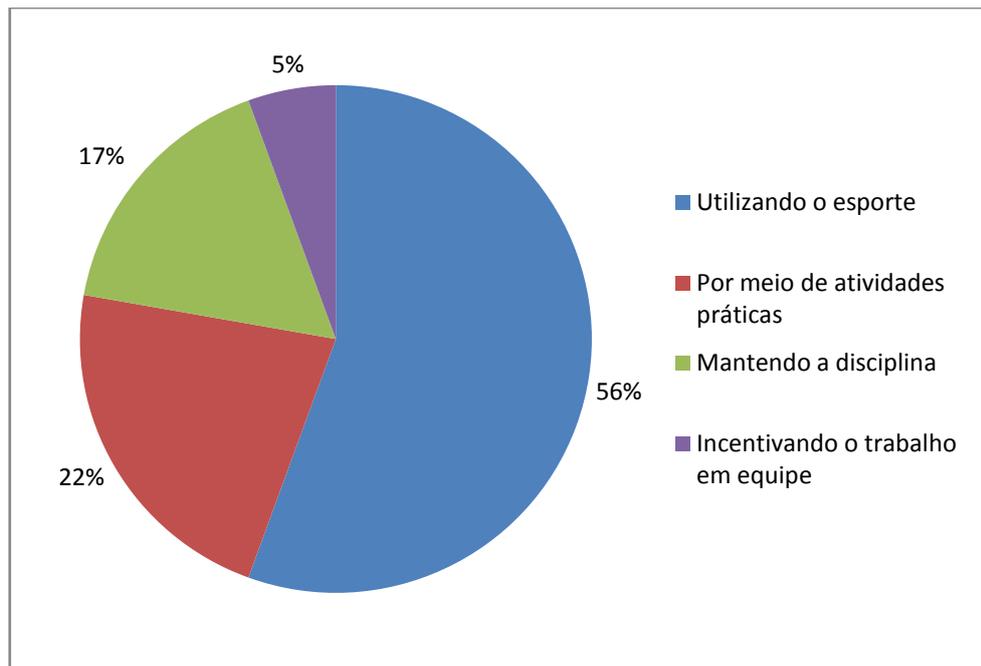


Aqui, além de considerar os aspectos mencionados no gráfico anterior, relacionados às respostas dos alunos dos 6º ano das escolas pesquisadas, ou seja, 77% das respostas relativas à utilização do esporte, a manutenção da disciplina e o incentivo ao trabalho em equipe, observou-se que 23% dos alunos do 9º ano acreditam que a disciplina de Educação Física não contribui para a minimização da indisciplina e da violência na escola.

Os 18 alunos do 3º ano do Ensino Médio -10 da escola 1 e 8 da escola 2, responderam que a Educação Física contribui com a minimização da indisciplina e violência na escola, com

o seguinte percentual: utilizando o esporte, 10 alunos (56%); por meio das atividades práticas, quatro alunos (22%); mantendo a disciplina, três alunos (17%) e incentivando o trabalho em equipe, um aluno (5%).

GRÁFICO 10- Respostas dos alunos do 3º ano Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 1 do questionário.



Em relação às respostas dos alunos do 3º ano do Ensino médio das escolas 1 e 2, há semelhança com as respostas dos alunos do 6º ano, se considerarmos que diante do gráfico acima fica evidente o percentual de 100% a favor do papel da Educação Física em auxiliar na minimização da indisciplina e violência na escola, somando-se a utilização do esporte, as atividades práticas, a manutenção da disciplina e o incentivo ao trabalho em equipe.

Os alunos da escola 1 e da escola 2 foram quase unânimes em responder que a disciplina de Educação Física contribui com a minimização desses fenômenos na escola.

Nesse sentido, mencionaram que

Incentivando os esportes e assim melhorando a amizade entre os colegas de classe.

Os alunos praticam esportes, evitando coisas violentas durante os jogos.

Sim, porque nos diverte e ensina a trabalhar em equipe.

Educação Física é uma matéria que sai do normal que é a sala, na educação física você se distrai e esfria a cabeça com esportes e jogos.

Ajuda-nos sempre não brigar e ter calma nas atividades para trabalhar em equipe sempre.

A matéria de Educação Física é muito importante para a confraternização dos alunos, diminuindo a violência.

A Educação Física tem ajudado as pessoas a praticar mais o esporte e deixar de lado a indisciplina e a violência.

Portanto, inferimos que quando essa disciplina trabalha a coletividade, as regras, os limites e o espírito de equipe, os resultados são atingidos; razão pela qual houve unanimidade nas respostas. Ela facilita a compreensão do eu corporal, porém não deve ser entendida como uma matéria isolada do currículo escolar e deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, pois contribui com as demais disciplinas e recebe contribuições delas.

[...] A Educação Física tem um valor em si mesma e faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar mudanças de atitudes e/ou comportamentos. Neste caso, além da prática, o indivíduo passa a ter uma consciência corporal que vai lhe proporcionar através da socialização, intercalada com momentos de reflexão, o sentido da unidade do corpo. Deste modo, o conhecimento do corpo, aliado a uma experiência multisensorial e psicomotora, produz aspectos de valia em relação ao indivíduo e à conduta, enriquecendo ao mesmo tempo o seu comportamento social. (DIAS, 1996, p. 27).

Assim, entendemos que apesar de ser uma disciplina que trabalha predominantemente o aspecto motor, sobretudo por meio das atividades práticas, a mesma não se abstém de trabalhar os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Nas respostas dos alunos observamos a ênfase nas atividades esportivas e seus benefícios, principalmente em relação às questões que envolvem a prevenção ou a diminuição das atitudes de indisciplina e violência praticada. Segundo Santin (1996 p. 64), “[...] o esporte é um ato humano, individual e social, que pode como toda atividade humana assumir múltiplas funções”.

Balbino (2001, apud SILVA, 2009 p. 134) em sua concepção sobre o esporte, considera que

Além dos valores e modos de comportamento, o esporte apresenta situações singulares de ordem complexa – sistemas e subsistemas -, que estabelecemos em sociedade, permitidas em um ambiente de grande manifestação social e cultural. O esporte permite uma representação consciente da vida e para a vida, considerando a dimensão do ser em sua totalidade, integralmente.

É, portanto, no ambiente da prática esportiva que o aluno convive com situações em que lhe permitem vivenciar diferentes níveis de experiência, como o respeito à diversidade, à cooperação, às regras e à valorização do trabalho em equipe. A exemplo disso, Silva (2009, p. 134) preconiza que

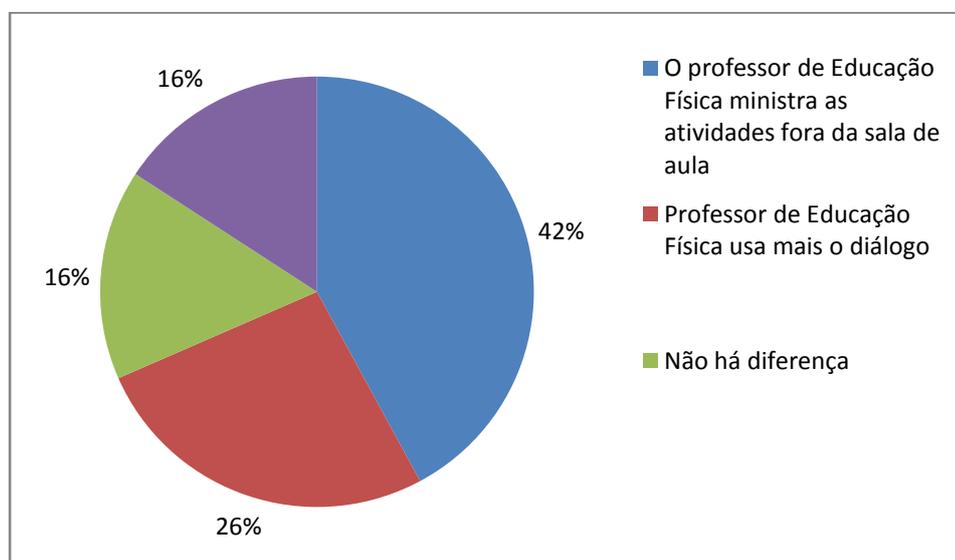
A pedagogia do esporte para a autonomia do indivíduo deverá estar voltada para sua condição sociocultural, em que o ensinar aprendendo-aprender ensinando, aconteça simultaneamente em uma via ininterrupta entre educador e educando e esteja ao encontro da necessidade de viver em sociedade e cooperar, uma educação pelo esporte que permita ao indivíduo aprender a viver, a ter criticidade, a ter autonomia para decidir de forma independente e coesa sobre suas decisões e influências sobre os demais.

Fica evidente diante das respostas dos alunos que o incentivo à confraternização e ao trabalho em equipe durante as aulas de Educação Física melhoram o relacionamento interpessoal e conseqüentemente atuam de maneira preventiva e contribuem no combate à indisciplina e à violência em meio escolar.

Vale destacar aqui as respostas dos alunos do 9º ano das escolas pesquisadas, onde 23% dos alunos não reconhecem o papel da disciplina de Educação Física em auxiliar nos aspectos que envolvem indisciplina e violência na escola. Embora haja quase unanimidade a favor de seu papel nessa questão, é preciso entender que modelos de aulas baseadas na esportivização excessiva, na valorização dos mais habilidosos e desvalorização dos menos habilidosos, na valorização do gesto técnico e desvalorização da criatividade, não atendem aos objetivos educacionais relacionados à prevenção da indisciplina e da violência na escola.

Quando questionados sobre a diferença entre o trabalho realizado pelo professor de Educação Física e os demais professores da escola, e sua contribuição para evitar atos de indisciplina e violência na escola, os alunos do 6º ano da escola 1 e 2 responderam que: O professor de Educação Física ministra as atividades fora da sala de aula, oito alunos (42%); o professor de Educação Física usa mais o diálogo, cinco alunos (26%); não souberam responder, três alunos (16%) e responderam que não há diferença, três alunos (16%).

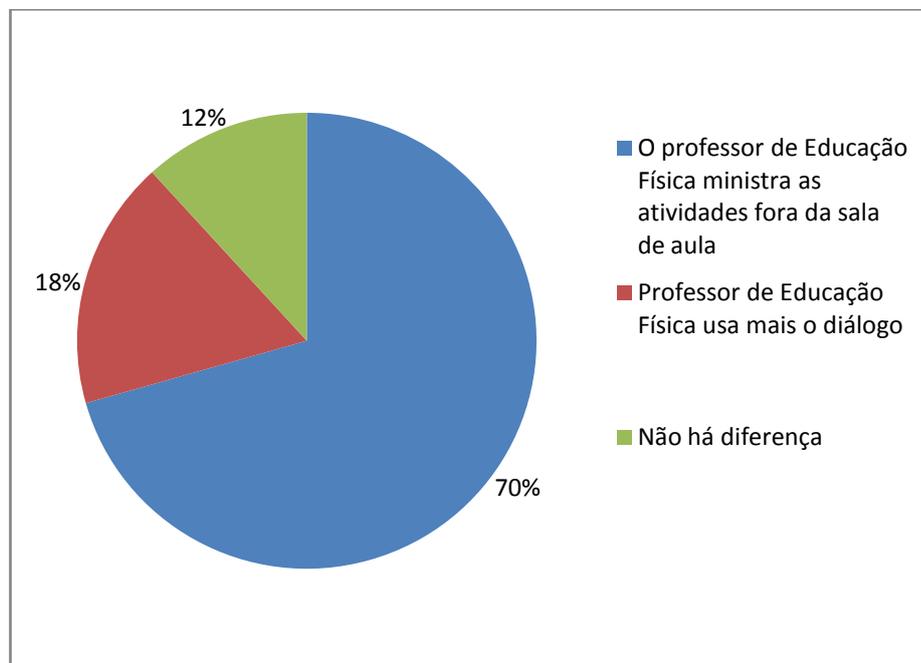
GRÁFICO 11 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 2 do questionário.



De acordo com o gráfico, 68% dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 acreditam que a diferença em favor do professor de Educação Física está no local onde as aulas são ministradas e por sua proximidade com os alunos, que permite maior utilização do diálogo. Os que não souberam responder e os que afirmam que não há diferença na atuação do professor de Educação Física com os professores das demais disciplinas correspondem juntos a 32% do total.

Os alunos do 9º ano das escolas 1 e 2, na questão sobre a diferença entre o trabalho realizado pelo professor de Educação Física e demais professores da escola e sua contribuição para evitar atos de indisciplina e violência na escola, responderam que: O professor de Educação Física ministra as atividades fora da sala de aula, doze alunos (70%); o professor de Educação Física usa mais o diálogo, três alunos (18%) ; não há diferença, dois alunos (12%).

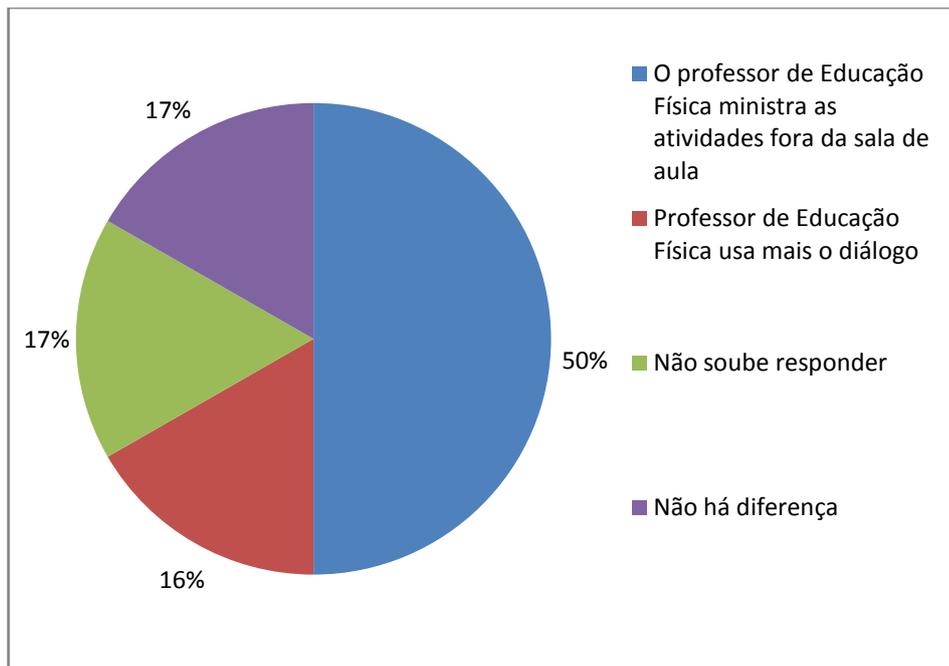
GRÁFICO 12- Respostas dos alunos do 9º das escolas 1 e 2 à questão 2 do questionário.



Os alunos do 9º ano das escolas 1 e 2, diante da questão, responderam que o professor de Educação Física difere dos outros professores pois ministram suas aulas fora do espaço fechado das salas de aula e também permitem mais o diálogo, ou seja, 88% das respostas. Porém 12% dos entrevistados afirmam que não há diferença.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 responderam na questão 2 do questionário que: O professor de Educação Física ministra as atividades fora da sala de aula, nove alunos (56%); o professor de Educação Física usa mais o diálogo, três alunos (19%); não souberam responder, três alunos (19%); não há diferença, um aluno (6%).

GRÁFICO 13 - Respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 2 do questionário.



No gráfico acima, os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2, num total de 66%, responderam que o diferencial entre o trabalho do professor de Educação Física e dos outros professores é o fato de as aulas serem ministradas fora da sala de aula e o docente de Educação Física também usa mais o diálogo. Os que não souberam responder e os que afirmam não haver diferença somam 34% das respostas.

Portanto, diante dos dados obtidos nos questionários, alguns relatos indicam que para os respondentes, os professores de Educação Física

[...] conversam com os alunos, eles ajudam os alunos e falam que não vale a pena brigar.

Educação Física, o professor explica que não pode e que é errado (indisciplina e violência) e os outros (professores) também (explicam), mas um pouco diferente.

O professor de Educação Física dá mais aulas diferentes do que os outros.

Muitas coisas, porque a Educação Física tem muitas vantagens das demais matérias e menos chance de ocorrer indisciplina e violência.

Educação Física é fora da sala e com isso os alunos se acalma, diferente das outras matérias que é na sala, fechado e isso aumenta a violência.

O professor de Educação Física tem mais intimidade e conversa mais com o aluno.

É que na matéria Educação Física nos faz trabalhar em equipe nas atividades e assim não tem muitas brigas.

Esse questionamento não tem a pretensão de desvalorizar os professores das outras disciplinas e supervalorizar a atuação dos professores de Educação Física, e sim obter informações sobre o entendimento dos alunos quanto ao modo de agir dos outros profissionais diante dos problemas ocorridos durante as aulas, bem como identificar se os educandos percebem alguma diferença com relação aos encaminhamentos dados pelos educadores de Educação Física quando ocorrem eventos relacionados com a indisciplina e a violência em meio escolar.

De acordo com as respostas, observou-se que os alunos percebem essa diferença quando destacam o uso de diálogo, a utilização de espaço diferenciado, fora da sala de aula e o incentivo ao trabalho em equipe por parte dos docentes de Educação Física. Em relação a essas diferenças, de acordo com Hurtado(1983, p. 84), o professor de Educação Física deve:

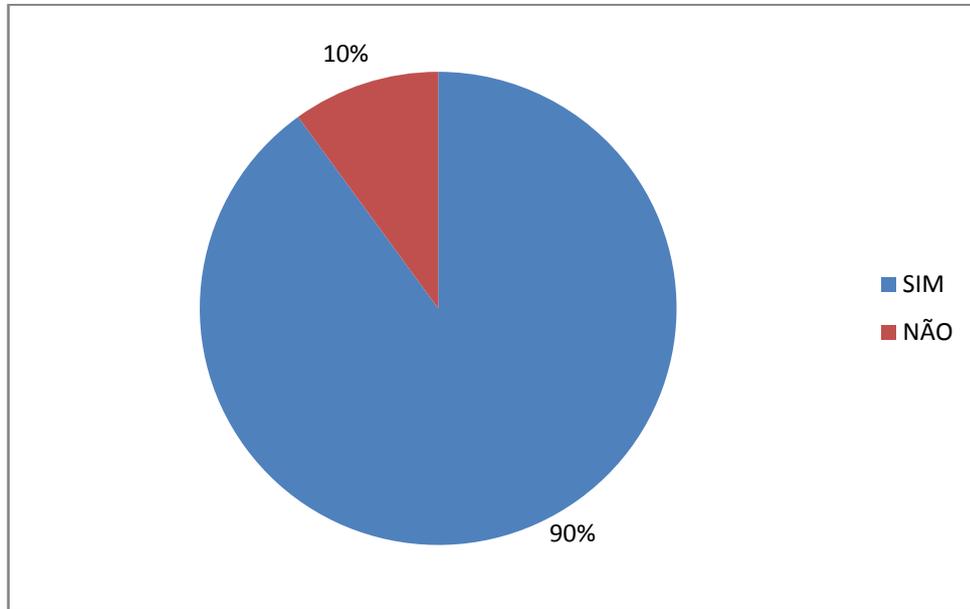
- Fazer o melhor possível para melhor compreender o comportamento psicossocial dos seus alunos, procurando desenvolver-lhe todas as potencialidades biopsicossociais e artísticas [...]
- Tratar todos com carinho, justiça e equidade, [...] criando um ambiente de cordialidade, respeito de modo a manter o equilíbrio do trinômio professor-aluno-grupo de alunos.
- Aconselhar e ensinar seus alunos a respeitar os adversários, tanto os fortes e vencedores, como os fracos ou vencidos, tratando-os cavalheiricamente, de modo a aprenderem a ganhar ou perder, com elevado espírito de *fair-play* [...]
- Esforçar-se para que as competições não degenerem em agressões ou conflitos, que desvirtuem as suas finalidades e atentem contra a dignidade humana [...].

Na prática, o professor de Educação Física deve reconhecer que dispõe de recursos (atividades lúdicas, recreativas e esportivas realizadas ao ar livre ou quadra poliesportiva) os quais, segundo o depoimento dos alunos, facilitam o manejo das questões relacionadas à indisciplina e à violência durante as aulas. Cabe a esse profissional, dialogar com os professores das demais disciplinas a fim de compartilharem informações e experiências práticas do cotidiano da escola, tendo em vista a diminuição dos atos de indisciplina e violência praticados pelos alunos.

Quando perguntados se já se envolveram ou presenciaram atos de indisciplina e violência durante as aulas, de que disciplina e como e por que isso aconteceu, os alunos do 6º ano das escolas 1 e 2, 18 (90%) afirmaram ter se envolvido em atos de indisciplina e

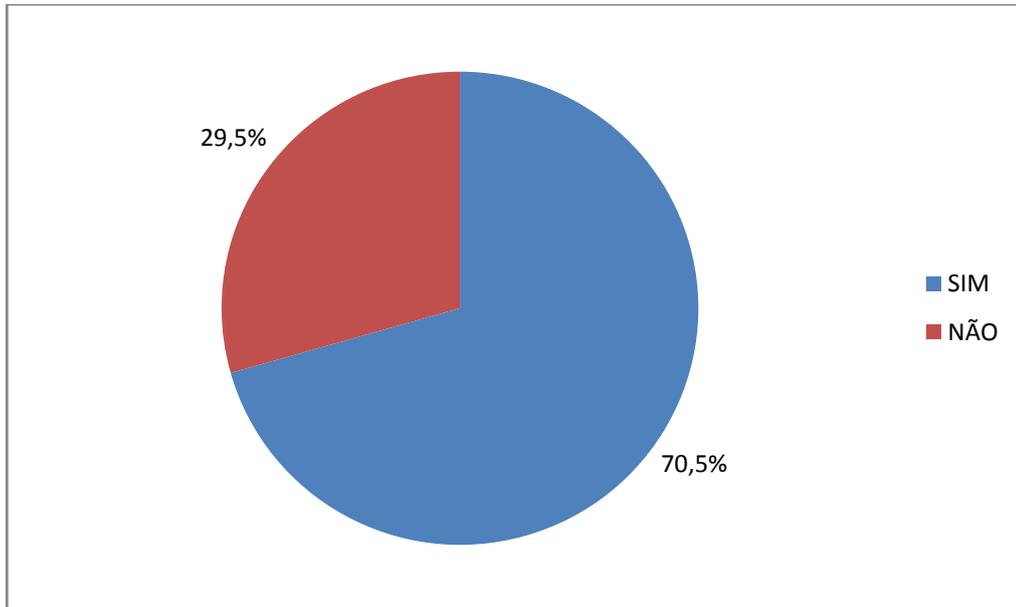
violência na escola,ou pelo menos presenciado; e 2 (10%) dos entrevistados afirmaram não ter presenciado ou se envolvido em atos de indisciplina e violência na escola.

GRÁFICO 14 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 3 do questionário.



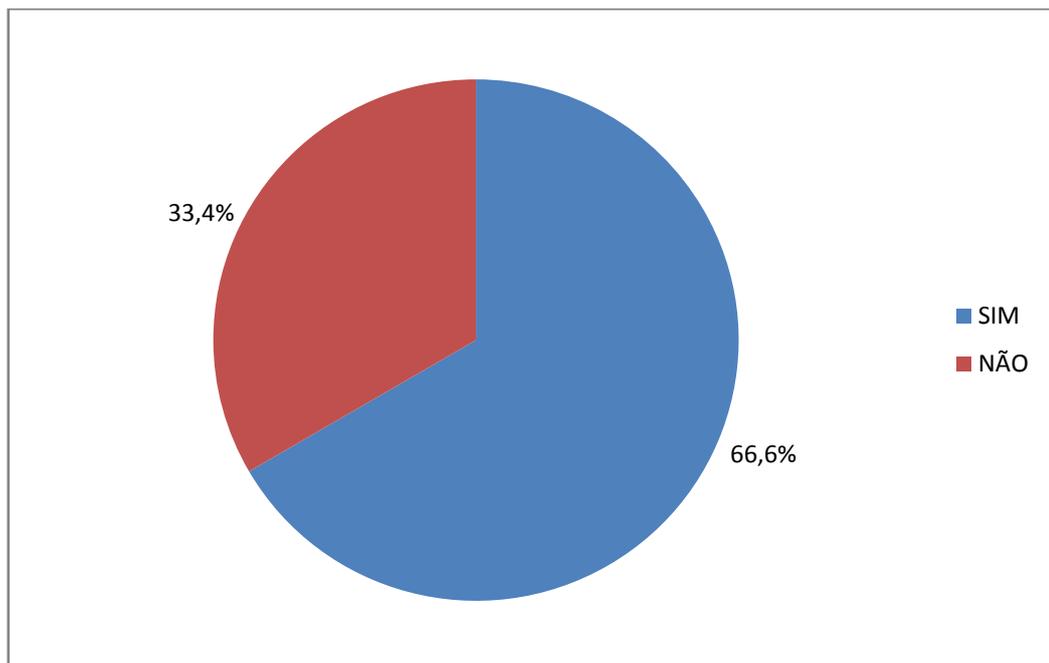
Na mesma questão, dos alunos do 9º ano da escola 1 e 2 , doze(70,5%) responderam que participaram de atos de violência ou indisciplina na escola ou presenciaram os mesmos e cinco alunos (29,5%) afirmaram não terem se envolvido em ocorrências de indisciplina e violência na escola.

GRÁFICO 15 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 3 do questionário.



Dos alunos pertencentes ao 3º ano do Ensino Médio, das escolas 1 e escola 2, doze (66,6%) responderam que participaram de eventos relativos à indisciplina e violência na escola e seis alunos (33,4%) responderam que não participaram.

GRÁFICO 16 - Respostas dos alunos do 3º ano do Ensino médio das escolas 1 e 2 à questão 3 do questionário.



De acordo com os dados obtidos nos 6^o e 9^o ano do Ensino Fundamental e 3^o ano do Ensino Médio em relação a essa questão, ficou evidente que a maioria dos alunos já se envolveu em atos relacionados à indisciplina e à violência na escola, ou pelo menos os presenciaram. De acordo com alguns relatos é possível comprovar:

Sim, na aula de português, acabei agredindo uma aluna porque ela praticava bullying comigo.

Sim, na saída da escola. Brigas.

Na aula de geografia quando dois alunos começaram a brigar entre si e depois responderam a professora.

Já me envolvi na aula de Português, batendo na pessoa por causa de falta de educação.

Já presenciei uma menina batendo na outra por causa de namorado.

Sim, na aula de química por causa do uso de celular e boné

Uma menina avançou em mim na sala de aula, na aula de raciocínio lógico, pelo simples motivo de olhar para ela. Ela foi para a diretoria, levou suspensão e voltou. Seu comportamento continuou o mesmo

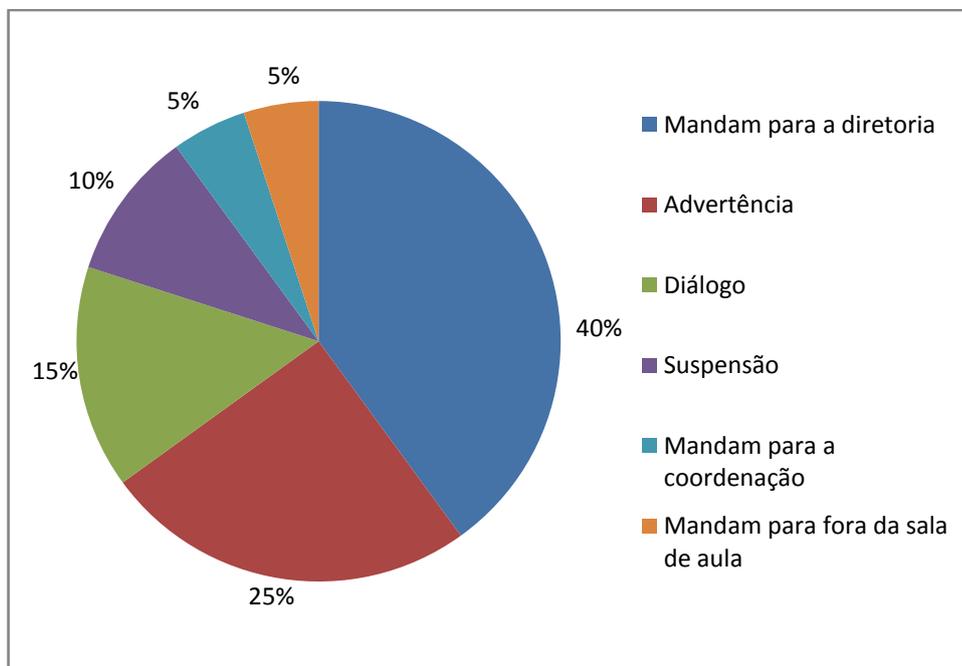
Esse alto índice de ocorrência torna-se preocupante, pois segundo Agnew (2000 apud BLAYA, 2006 p. 88),

Os alunos que têm uma experiência essencialmente negativa e vivem mais tensões do que prazer no contexto escolar, como relações negativas com seus colegas, relações negativas com os docentes, acumuladas com resultados escolares insuficientes, apresentam mais risco de recorrer a comportamentos violentos e negativos do que seus pares.

Nesse sentido, o papel da escola é o de rever as relações acontecidas no seu interior, desde as ocorridas entre os alunos, até a relação com os professores e outros funcionários. Importante também reavaliar as normas dentro do ambiente escolar, evitar atitudes repressivas ou a ausência de regras claras que possam tanto causar desmotivação por parte dos alunos quanto desencadearem situações que favoreçam o surgimento de atos de indisciplina e violência.

Ao responderem como os professores resolvem os problemas de indisciplina e violência na escola, os alunos do 6^o ano das escolas 1 e 2 responderam: Mandam para a diretoria, oito alunos (40%); aplicam advertência, cinco alunos (25%); utilizam o diálogo, três alunos (15%); aplicam suspensão, dois alunos (10%); mandam para a coordenação, um aluno (5%); mandam para fora da sala de aula, um aluno (5%).

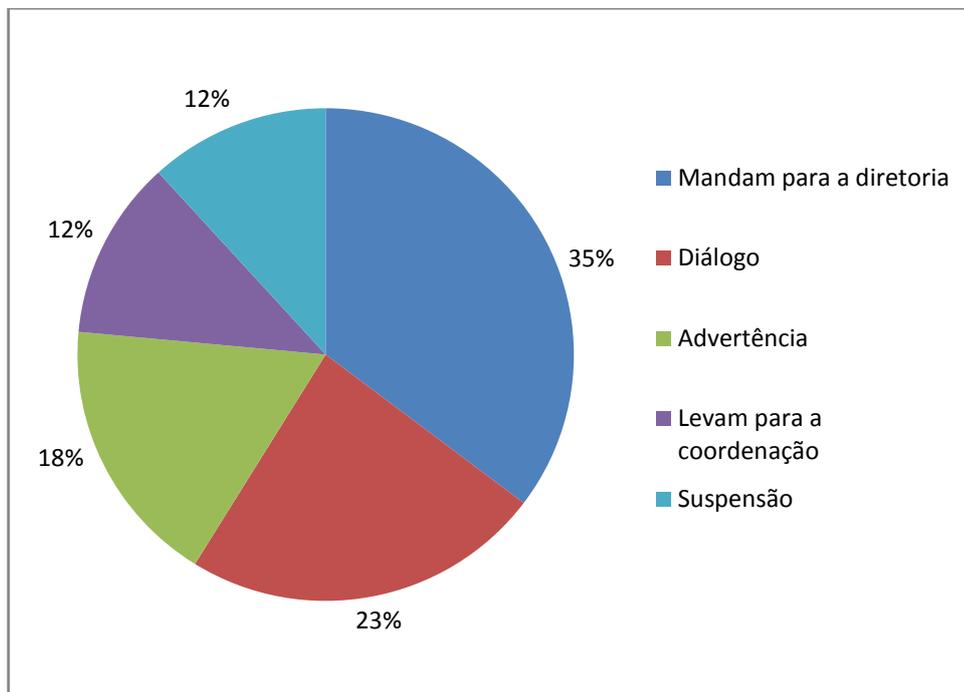
GRÁFICO 17 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 4 do questionário.



Os dados contidos no gráfico revelam que, segundo os alunos do 6º ano das escolas pesquisadas, somente 15% dos professores, recorrem ao diálogo e os outros 85% adotam medidas como mandar para a diretoria, para a coordenação, para fora da sala de aula e encaminhar para que os alunos sejam suspensos ou advertidos.

Na mesma questão, as respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 foram: suspensão, seis alunos (35%); diálogo , quatro alunos (23%); advertência, três alunos (18%); suspensão, dois alunos (12%); levam para a coordenação, dois alunos (12%).

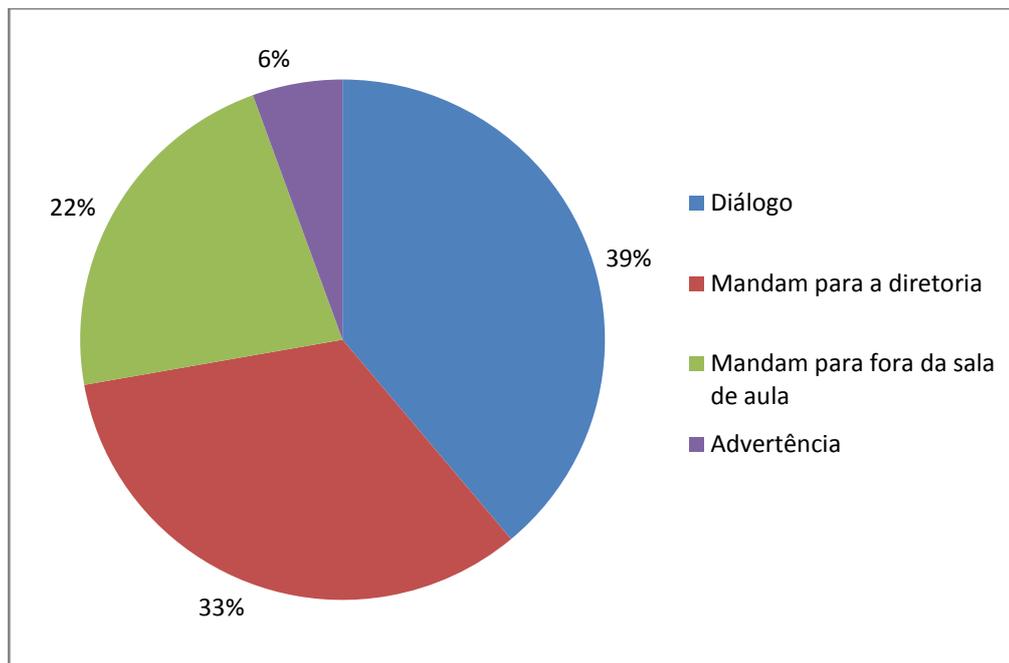
GRÁFICO 18 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 4 do questionário.



De acordo com as respostas dos alunos do 9º ano, 23% dos professores adotam o diálogo na tentativa de resolverem as questões de indisciplina e violência na escola e 77% das respostas referem-se a medidas punitivas como mandar para a direção, coordenação e pedir advertência e a suspensão.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2, na questão 4 do questionário responderam que os professores: Usam o diálogo, sete alunos (39%); mandam para a diretoria, seis alunos (33%); mandam para fora da sala de aula, quatro alunos (22%); aplicam advertência, um aluno (6%).

GRÁFICO 19- Respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 4 do questionário.



Os dados referentes às respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio indicam um percentual maior do que as séries anteriores quanto à questão do diálogo (39%), como alternativa adotada pelos professores ao lidarem com atos de indisciplina e violência na escola, e as outras medidas somadas representam um percentual de 61%.

Lidar com a questão da indisciplina e a violência na escola não tem sido tarefa fácil, sobretudo para o educador que necessita de um ambiente favorável para a realização do seu papel de mediador do conhecimento. A instabilidade desse ambiente ocasionado pelas tensões e conflitos gerados pelos atos de indisciplina e violência têm preocupado os educadores, que se sentem impotentes, frustrados e desmotivados em relação a esse assunto. Na tentativa de resolver essas situações geradoras de conflitos, os professores recorrem às medidas punitivas, na tentativa de reforçar a obediência pela repressão e coerção, pois “nas escolas, como em qualquer outro espaço institucional, existem comportamentos que são negativamente sancionados, mediante punições específicas, conforme as transgressões disciplinares.” (ABRAMOVAY, 2003 p.34). A autora alerta para o fato de que quando essas medidas são adotadas de maneira autoritária pela escola, há então por parte dela o exercício de violência simbólica.

Portanto, para os alunos entrevistados sobre como os professores resolvem os problemas de indisciplina e violência na escola, as transcrições abaixo mostram como eles têm atuado frente à questão:

Alguns gritando, mandam para a diretoria.

Mandam para fora da sala de aula.

Eles levam para a coordenação.

Mandam para a diretoria.

São levados para a diretoria e lá eles vão averiguar a situação e ver o que será feito.

Dão uma advertência.

Sendo assim, há de se considerar que a “[...] abordagem punitiva, a aplicação improvisada de sanções no fogo dos acontecimentos, com base no senso comum, tende a aumentar as violências, não raro derrapando para o autoritarismo [...]” (GOMES, 2009 p.209).

De acordo com as respostas dos alunos, o diálogo foi relatado como alternativa utilizada por alguns professores para lidarem com o problema da indisciplina e da violência na escola:

Conversam com o aluno e seus pais para tentar resolver.

Resolvem com conversa.

Resolvem dando conselho, aconselhando.

Depende do professor, alguns conversam, dão conselhos

Geralmente eles dão uma solução antes de acontecer ao falar nas consequências.

Tentam acalmar os envolvidos e conversam com eles.

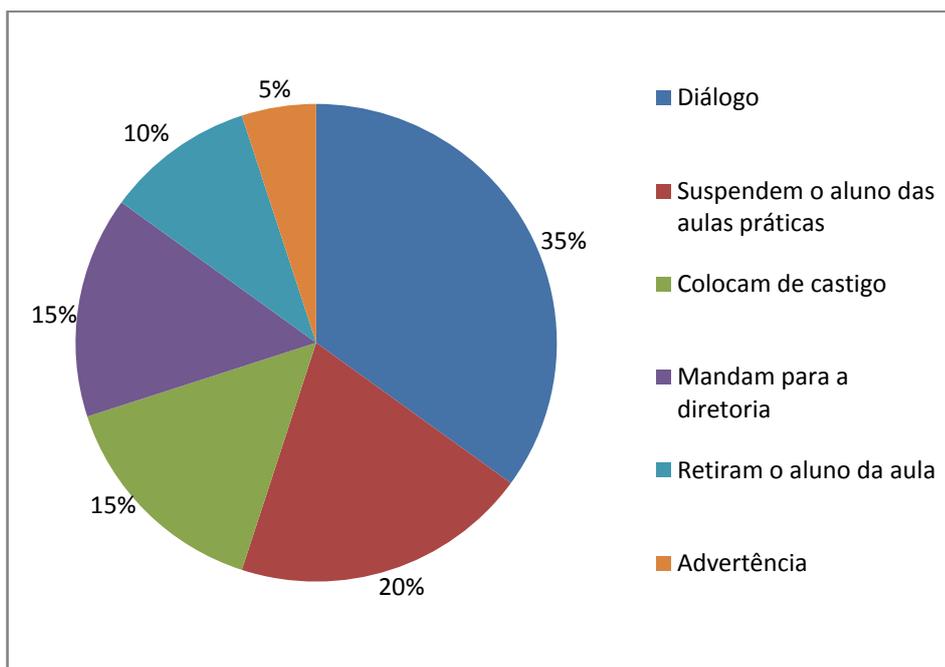
Os alunos percebem diferença entre o tratamento dos professores que tentam resolver a questão apenas com a aplicação de medidas punitivas e os que usam o diálogo como modo de ação. Cabe então, ao professor, manter um canal de interlocução com os alunos no sentido de buscarem soluções conjuntas na medida em que os problemas vão aparecendo. Segundo Mizukami (1986 p. 99 apud AQUINO, 1996 p. 29),

O professor procurará criar condições para que, juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem. Haverá preocupação com cada aluno em si, com o processo, e não com os produtos de aprendizagem acadêmica padronizados. “O diálogo é desenvolvido, ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a união, a organização, a solução comum dos problemas.

O educador precisa saber se comunicar, ouvir, conduzir os alunos no sentido de estabelecer condições que dêem suporte para as ações educativas promotoras de um ambiente favorável às relações interpessoais e de aprendizagem.

Na questão relativa a como os professores de Educação Física resolvem os atos de indisciplina e violência na escola, as respostas dos alunos dos 6º ano das escolas 1 e 2 foram: Diálogo, sete alunos, (35%); suspendem o aluno das aulas práticas, quatro alunos (20%); mandam para a diretoria, três alunos (15%); colocam de castigo, três alunos (15%); retiram o aluno da aula, dois alunos (10%); aplicam advertência, um aluno (5%).

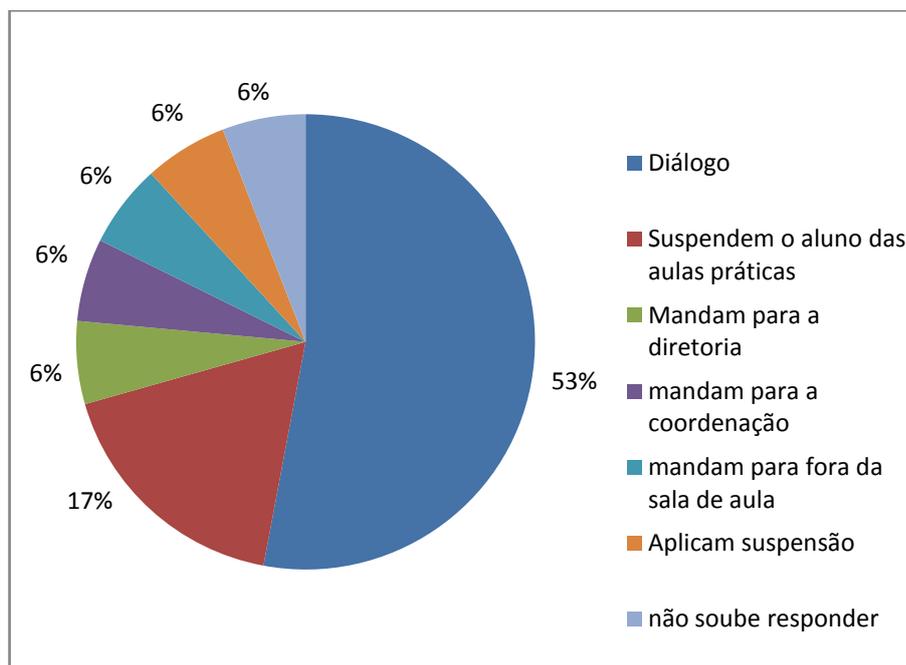
GRÁFICO 20 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 5 do questionário.



O gráfico acima apresenta a opinião dos alunos do 6º ano das escolas pesquisadas quanto ao modo de ação dos professores de Educação Física ao lidarem com questões de indisciplina e violência na sala de aula. De acordo com os dados, o diálogo aparece com 35% das opiniões coletadas e as ações como suspensão das aulas práticas, colocar de castigo, mandar para a diretoria, retirar o aluno da aula e aplicarem advertência apresentam juntas 65% do total.

Na mesma questão, dos alunos do 9º ano da escola 1 e 2, as respostas foram: diálogo, nove alunos (53%); suspendem das aulas práticas, três alunos (17%); mandam para a coordenação, um aluno (6%); mandam para a diretoria, um aluno (6%); mandam para fora da sala de aula, um aluno (6%); aplicam suspensão, um aluno (6%); não soube responder, um aluno (6%).

GRÁFICO 21 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 5 do questionário.

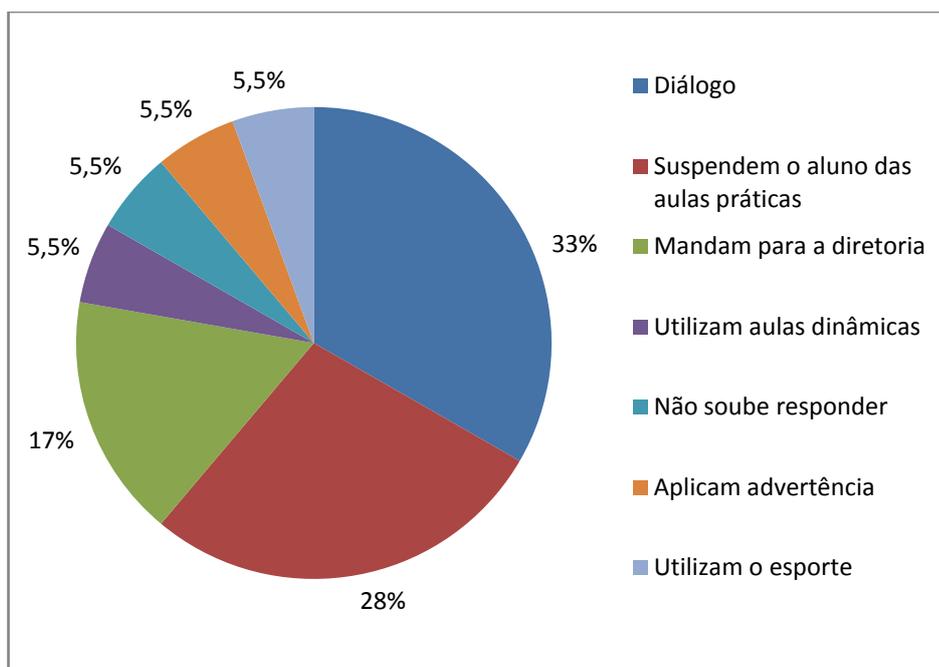


Aqui os registros referem-se à opinião dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 quanto ao modo de ação do professor de Educação Física diante de situações de indisciplina e violência nas aulas. Vale ressaltar uma diferenciação dos números percentuais, se comparados com o gráfico do 6º ano, principalmente em relação ao diálogo, que aqui aparece com 53% das respostas. Os outros modos de ação somados representam 47% do total.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2, com relação à pergunta sobre como os professores de Educação Física resolvem os atos de indisciplina e violência na escola, responderam que os mesmos: Utilizam o diálogo, cinco alunos (28%); suspendem das aulas práticas, cinco alunos (28%); Mandam para a diretoria, três alunos (17%); utilizam

aulas dinâmicas, um aluno (5,5%); não soube responder, um aluno (5,5%); aplicam advertência, um aluno (5.5%); utilizam o esporte, um aluno (5,5%).

GRÁFICO 22 - Respostas dos alunos do 3º ano do ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 5 do questionário.



E na mesma questão relativa às respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, o diálogo também se sobressai em relação às outras ações, num total de 33% das respostas, porém com um decréscimo, se comparado às respostas anteriores dos 6º e 9º ano. Os outros modos de ação relatados pelos alunos somam juntos 67%.

Ao analisarmos os dados referentes ao modo de ação do professor das outras disciplinas e também de Educação Física na resolução dos problemas de indisciplina e violência na escola, respectivamente as questões 4 e 5 do questionário, observou-se que de acordo com as respostas dos alunos nos 3 níveis de ensino, o diálogo aparece como alternativa mais adotada por esses profissionais.

No entanto, ao realizarmos um comparativo em números percentuais, observou-se uma diferença entre os professores de Educação Física e os professores das outras disciplinas quanto ao diálogo, ou seja, esse aparece como alternativa adotada pelos professores das outras disciplinas com 102% das respostas, somando os três níveis pesquisados. Já na questão

relativa aos professores de Educação Física esse percentual é de 121%, também considerando os três níveis pesquisados. Conclui-se então, que de acordo com os números apontados, os alunos pesquisados consideram que o professor de Educação Física usa mais o diálogo, 19% a mais do que as respostas relacionadas aos professores das outras disciplinas quando a questão é a tentativa de resolver problemas relacionados à indisciplina e violência na escola.

Outro dado a ser considerado é que nas respostas quanto ao procedimento adotado pelos professores de Educação Física para resolver os problemas de indisciplina e violência na escola, aparece a suspensão dos alunos das aulas práticas. Segundo Paulo; Ramos (2007 p. 15),

Impedir os alunos de participarem das aulas de Educação Física por indisciplina é uma forma clara de privação apontado por Foucault (1983) como uma forma de punição, e serve para castigar os alunos que fugiram às regras exigidas, além de ser uma forma de controle sobre os mesmos.

As transcrições abaixo demonstram como essa prática se faz presente nas aulas de Educação Física.

Às vezes com a proibição de aulas práticas.

Deixa sem jogar bola.

Com castigo, como não deixar jogar bola no dia da aula e deixar sentado.

Eles deixam os alunos de fora da atividade e leva para a diretoria e conta o que aconteceu para o diretor.

A minha professora sempre fala que toda quarta a gente tem duas aulas de Educação Física, ela pega e deixa o aluno sem Educação Física nas duas aulas.

Com castigo, como não deixar jogar bola no dia da aula e deixar sentado.

Deixam sem jogar bola, ou se for muito sério levam para a diretoria.

Segundo Darido (2003, p. 35),

As professoras reconhecem que os alunos experimentam muito prazer nas práticas corporais. Justamente por isso, utilizam as aulas ora como prêmio, pelo bom comportamento dos alunos em sala de aula, ora, com sua supressão, como castigo. Diante disso, aparecem discursos como: “Se vocês terminarem as tarefas nós sairemos da sala; caso contrário, vocês não terão a aula de Educação Física hoje” ou “Como vocês estão muito indisciplinados hoje, não sairão para as aulas de Educação Física”.

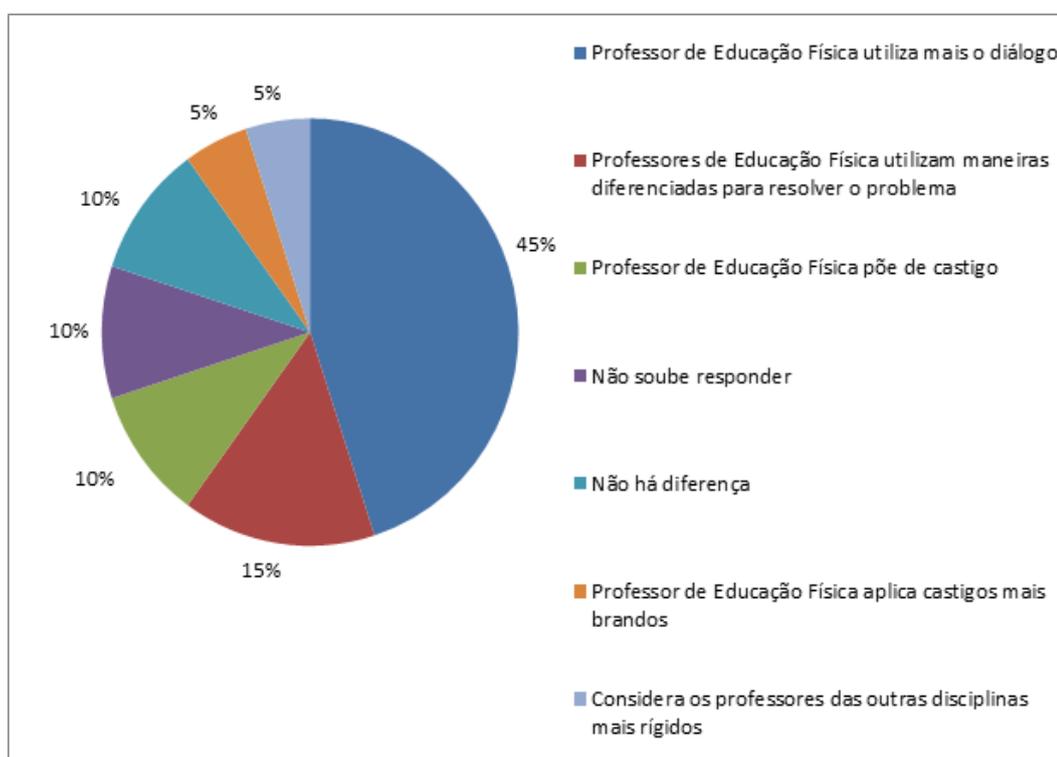
De acordo com a autora, essa é uma prática muito frequente e está relacionada com a dificuldade que alguns professores têm em lidarem com questões relativas à autoridade e

também aos limites. Esse tipo de atitude torna-se incoerente se considerarmos que a participação dos alunos nas atividades práticas promove, além do desenvolvimento somático-funcional, as funções psíquicas e afetivo-sociais.

Assim, é preciso que os profissionais reflitam sobre essa prática no sentido de superá-la no cotidiano das suas aulas e entender que a motivação dos alunos em participarem ativamente das atividades práticas não pode ser usada contra eles na tentativa de controlar a disciplina, sob pena de, com essa atitude, promoverem o descontentamento e a desmotivação.

No questionamento quanto ao que diferencia o relacionamento do professor de Educação Física dos demais quando o aluno comete um ato de indisciplina ou de violência, os alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 responderam que: professor de Educação Física utiliza mais o diálogo, nove alunos (45%); professores de Educação Física utilizam maneiras diferenciadas na tentativa de resolver questões que envolvem indisciplina e violência, três alunos (15%); professor de Educação Física põe de castigo, dois alunos (10%); não soube responder, dois alunos (10%); não há diferença, dois alunos (10%); professor de Educação Física aplica castigos mais brandos, um aluno (5%); considera os professores das outras disciplinas mais rígidos, um aluno (5%).

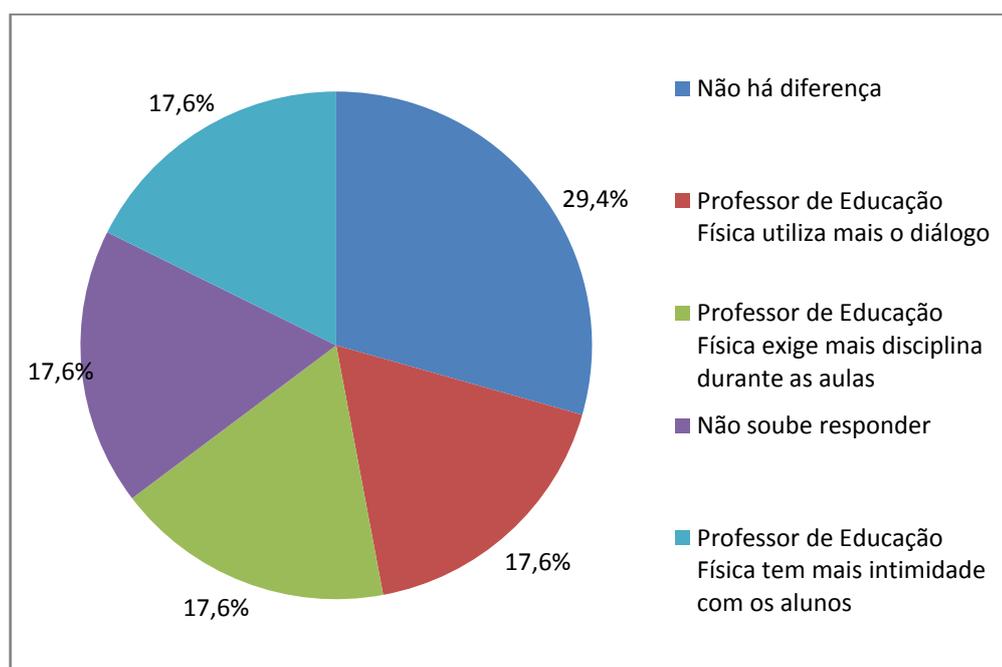
GRÁFICO 23 - Respostas dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 6 do questionário.



Observou-se que de acordo com os dados no gráfico acima, os alunos do 6º ano das escolas pesquisadas consideram que o professor de Educação Física usa mais o diálogo, utiliza maneiras diferenciadas de resolver o problema e aplica castigos mais brandos, somando 65% das respostas, enquanto os outros dados juntos somam 35% das respostas.

Na mesma questão, dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2, as respostas foram: não há diferença, cinco alunos (29,4%); professor de Educação Física utiliza mais o diálogo, três alunos (17,6%); professor de Educação Física exige mais disciplina durante as aulas, três alunos (17,6%); não souberam responder, três alunos (17,6%); professor de Educação Física tem mais intimidade com os alunos, três alunos (17,6%).

GRÁFICO 24 - Respostas dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 6 do questionário.

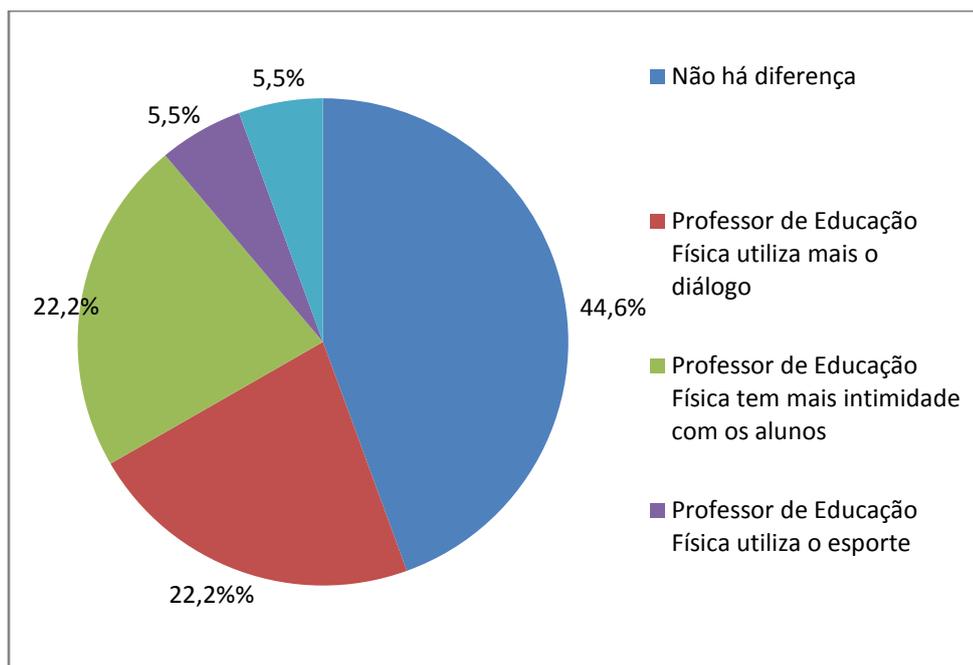


Os alunos do 9º das escolas 1 e 2 responderam que o professor de Educação Física utiliza mais o diálogo e tem mais intimidade com os alunos (35,2% das respostas), enquanto os outros dados somam 64,8%.

Os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2, com relação à questão 6, responderam: não há diferença, oito alunos (44%); professor de Educação Física utiliza mais o diálogo, quatro alunos (22,2%); professor de Educação Física tem mais intimidade com os

alunos, quatro alunos (22,2%); professor de Educação Física utiliza o esporte, um aluno (5,5%); professor de Educação Física é mais atento para a questão da indisciplina e violência na escola, um aluno (5,5%).

GRÁFICO 25 - Respostas dos alunos do 3º ano ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 6 do questionário.



Nos dados acima, verificou-se que de acordo com os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2, o que diferencia o relacionamento do professor de Educação Física dos demais professores quando o aluno comete um ato de indisciplina ou de violência é que estes profissionais utilizam mais o diálogo, têm mais intimidade com os alunos, utilizam o esporte e são mais atentos para as questões que envolvem indisciplina e violência na escola. Esses dados apresentados no gráfico representam 55,4% das respostas, contra 44,6% dos que alegam não haver diferença entre os professores de Educação Física e os professores das outras disciplinas referentes a essa questão.

Diante dos dados coletados, verificou-se novamente que os alunos das escolas pesquisadas apontaram para uma diferenciação entre o professor de Educação Física e os das outras disciplinas. Mais uma vez os alunos responderam que o docente de Educação Física usa mais o diálogo e tem mais intimidade com os alunos.

É que na maioria das vezes o professor de Educação Física tem mais intimidade com os alunos.

Os professores de Educação Física são mais pacientes.

O professor de Educação Física dialoga com os alunos

Sobre essa relação de proximidade que facilita o diálogo entre professor de Educação Física e aluno, Dias (1996, p. 67) acrescenta:

O professor deve ser um facilitador [...] deve criar uma situação social na qual o aluno passa a se integrar e perceber por si mesmo os limites de sua ação. É importante, então, o professor escutar o aluno, aceitar seu diálogo e compreender o resultado das suas ações e reações no grupo para permitir-lhes viver sua autonomia.

Assim, o professor de Educação Física deve direcionar a aprendizagem além dos conhecimentos técnicos, conduzir também a uma aprendizagem social direcionada aos valores humanos e sociais e atuar de acordo com Marinho (1985) nas suas atitudes e até na sua personalidade.

Porém, alguns relatos apontam que nem todos concordam haver diferença na atuação entre os professores de Educação Física e os das outras disciplinas.

Não diferencia em nada, pois a regra da escola é a mesma.

Não há diferença, são iguais.

Nenhuma diferença, eles agem praticamente iguais.

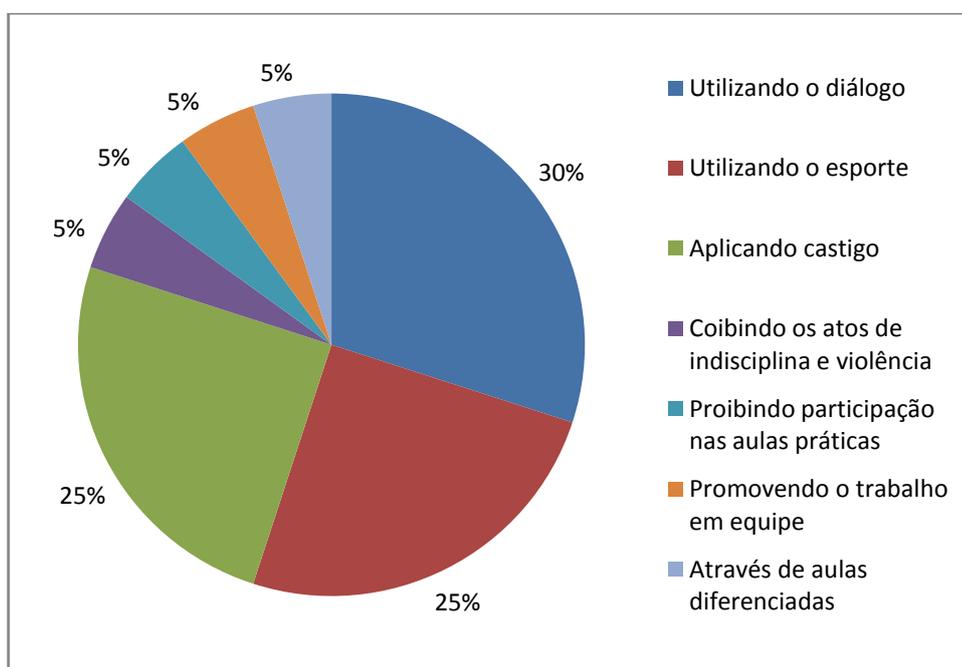
Esses relatos demonstram que alguns alunos não percebem diferença no modo de atuação dos professores de Educação Física em relação aos demais. É importante salientar que não é só o professor de Educação Física que tem uma relação de maior intimidade com os alunos. Embora os dados tenham demonstrado essa tendência, há também professores de outras disciplinas que conseguem uma relação de proximidade com os alunos no intuito de facilitar o diálogo. Como lembra Teixeira (*in* DAYRREL, 1996 p. 188),

Essa intimidade transparece na espontaneidade presente em situações corriqueiras, em que as palavras e gestos estão mais soltos. Na verdade, a proximidade e convivência cotidiana faz surgir certa liberdade e acolhimento mútuo entre professores e alunos. Há momentos em que as teias e tons de suas relações extrapolam os conteúdos e normas escolares, escapando aos figurinos e regulamentação. Nesse sentido, sua convivência caracteriza-se também por uma certa imprevisibilidade. Nem sempre uma aula é o que dela se espera...Nem sempre é possível cumprir tudo o que estava programado... Alunos e professores podem surpreenderem-se uns aos outros...

Portanto, é imprescindível que professores de todas as disciplinas possam reconhecer a importância da convivência cotidiana no espaço escolar, permeadas por conflitos e situações que envolvem o sentimento humano, e relações de troca, nas quais discípulo-mestre, professores e estudantes aprendem.

Na questão 7, sobre a forma como o professor de Educação Física tem contribuído para a diminuição da indisciplina e violência na escola os alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 responderam: com utilização do diálogo, seis alunos (30%); com utilização do esporte, cinco alunos (25%); com aplicação de castigo, cinco alunos (25%); coibindo os atos de indisciplina e violência, um aluno (5%); proibindo participação nas aulas práticas, um aluno (5%); promovendo o trabalho em equipe, um aluno (5%); por meio de aulas diferenciadas, um aluno (5,5%).

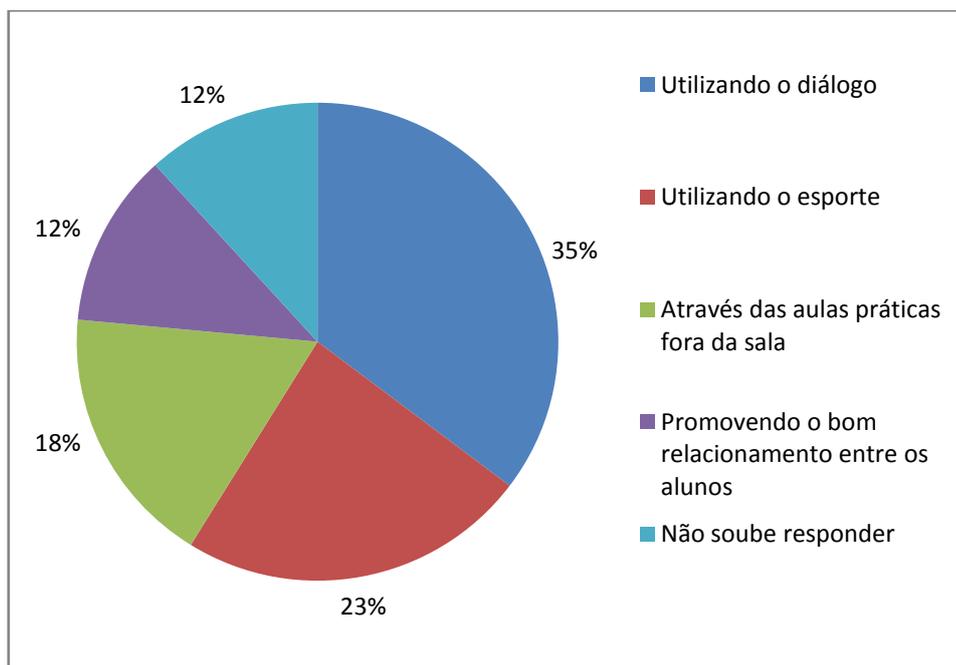
GRÁFICO 26 - Resposta dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 7 do questionário.



Os dados acima mostram que segundo os alunos do 6º ano das escolas 1 e 2, a aplicação de castigo e a proibição de participação nas aulas práticas somam 30% das respostas, contra 70% das demais.

Os alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 responderam na questão 7 que o professor de Educação Física tem contribuído para a diminuição da indisciplina e violência na escola: utilizando o diálogo, seis alunos (35%); utilizando o esporte, quatro alunos (23%); por meio das aulas práticas fora da sala, três alunos (18%); promovendo o bom relacionamento entre os alunos, dois alunos (12%); não souberam responder, dois alunos (12%).

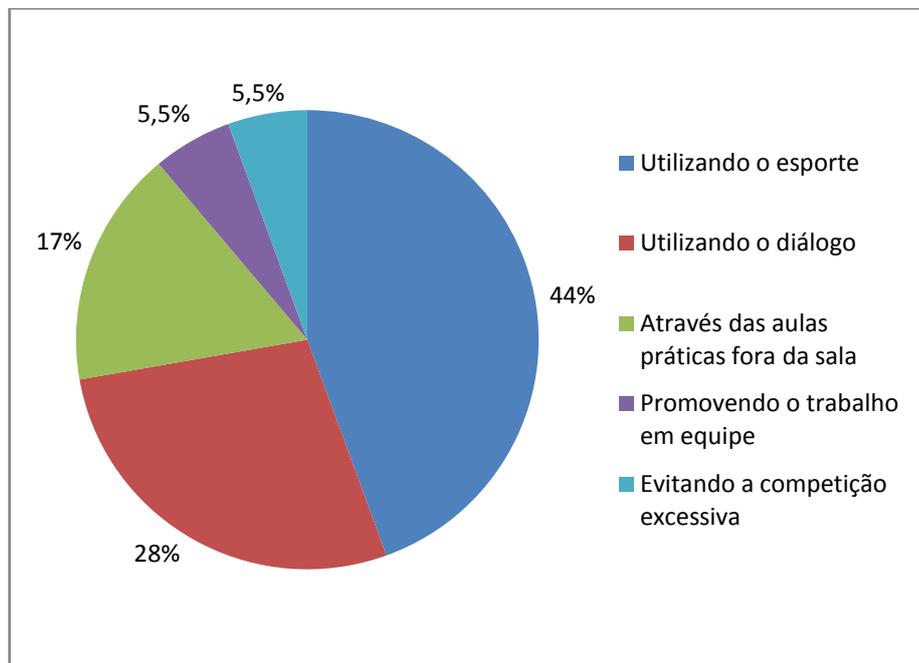
GRÁFICO 27 - Resposta dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 7 do questionário.



Aqui, observou-se que os alunos do 9º ano das escolas pesquisadas, não relataram situações como castigo ou privações por parte dos professores de Educação Física quanto à sua contribuição na diminuição da indisciplina e da violência na escola. Do total de respostas, 12% não souberam responder à questão.

E os alunos do 3º ano do Ensino Médio responderam na questão 7 que os professores de Educação Física têm contribuído para a diminuição da indisciplina e da violência na escola: utilizando o esporte, oito alunos (44%); utilizando o diálogo, cinco alunos (28%); por meio das aulas práticas fora da sala, três alunos (17%); promovendo o trabalho em equipe, um aluno (5,5%); evitando a competição excessiva, um aluno (5,5%).

GRÁFICO 28 - Resposta dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 7 do questionário.



Os alunos do 3º ano do Ensino Médio, a exemplo dos entrevistados do 9º ano, não relataram situações de privação em relação às contribuições do professor de Educação Física nas questões de indisciplina e violência na escola. Portanto as ações como a utilização do diálogo, a prática de esportes, as aulas práticas fora da sala de aula, a promoção do trabalho em equipe, evitar a competição excessiva, somam 100% das respostas.

Essa questão refere-se à contribuição específica do professor de Educação Física na minimização da violência e indisciplina na escola. A utilização do diálogo, como em outras respostas dadas anteriormente, também aparece nesse questionamento.

Orientando, conversando e aconselhando.

Conversando e fazendo aulas diferenciadas.

Conversando com os alunos.

Desenvolvendo a interação entre os alunos.

Infere-se, portanto, a importância do diálogo também como estratégia na tentativa de resoluções quanto ao problema da indisciplina e da violência escolar. Nesse sentido o professor tem que assumir um perfil de maior proximidade com os alunos, numa posição onde ambos atuem como participantes de ações sócio-cognitivo-afetivo-educacionais (DIAS, 1996) e promovam o diálogo a favor da construção de um conteúdo e de uma relação de amizade,

formativa onde não haja imposição por parte do educador, com o intuito de promover e facilitar a aprendizagem. Assim, de acordo com o exposto, as ações mútuas entre professor e aluno durante “as atividades de Educação Física devem ainda buscar experiências positivas para o próprio indivíduo, evitando sempre que possível as negativas [...] é importante expulsar os fatores de desprazer, geradores de comportamentos negativos (agressão) [...]” (DIAS, 1996 p. 73)

De acordo com os dados, os alunos respondentes do questionário nos três níveis de ensino das escolas 1 e 2 relataram que o esporte é instrumento utilizado pelo professor de Educação Física nas questões acerca da indisciplina e da violência.

Com a influência do esporte para a confraternização dos alunos.

Pedindo para que os alunos não briguem e incentivando os esportes.

Com os jogos de futebol, vôlei e outros.

Percebeu-se que os respondentes entendem a função da Educação Física voltada somente para as atividades esportivas, em uma indicação segundo a qual a prática pedagógica ainda privilegia essas atividades no cotidiano das aulas. Tal entendimento, segundo Neira (2009, p. 60) são resultados da

Euforia causada por eventos como os Jogos Olímpicos, Panamericanos ou a Copa do Mundo de Futebol parece relembrar às nossas autoridades a existência do esporte. No decorrer do século XX, essa manifestação cultural foi internalizada pela sociedade e influenciou enormemente nossas formas de pensar e agir. Jargões como “o importante é competir”, “esporte é saúde”, “o esporte educa”, repetidos à exaustão, deixaram ao senso comum, a impressão de que a superação de alguns problemas que atingem a sociedade poderá ser alcançada por meio da prática e da educação esportiva, o que faz manter, quase sempre, a população embriagada por tal discurso alienante à moda dos períodos ditatoriais dos quais não temos saudade.

Diante do exposto, o papel do professor de Educação Física é orientar os alunos no sentido de superar o senso comum com relação aos objetivos educativos advindos da prática de esportes. Vale ressaltar que não é propósito desta pesquisa realizar um estudo crítico com relação aos valores éticos atribuídos ao esporte, mas alertar para os questionamentos a serem considerados e que devem ser observados pelos professores na condução do planejamento e na execução dessa atividade presente na cultura corporal. Para Reverdito;Scaglia; (2009, p. 22),

O ensino-aprendizagem nos esportes, em muitas situações não é condizente com os propósitos educacionais, principalmente metodologicamente, quando sua prática pedagógica, constantemente influenciadas pelo esporte espetáculo e por “modelos” receitas descritos em manuais técnicos de maneira estereotipada, desconsidera as

fases do desenvolvimento (motor, cognitivo, social e afetivo) e a cultura corporal do aluno adquirida ao longo da sua existência.

Equívocos praticados em nome da competição excessiva, ou a prática hegemônica de algumas modalidades esportivas devem ser motivo de estudo crítico da parte do professor. Segundo Neira (2009, p.63), “[...] os aspectos que devem ser criticamente questionados são aqueles que transformam a prática esportiva em uma dessas agências: o rendimento a qualquer preço, a exclusão, o uso indiscriminado da imagem do esportista, a estrutura institucional, o comércio e seus efeitos.”

Assim, para que o esporte realmente possa contribuir com a formação do aluno cidadão, especialmente no espaço da escola, é preciso que os professores de Educação Física possam operacionalizá-lo no sentido de promover no aluno os questionamentos sobre o seu verdadeiro sentido, superando as formas tradicionais de prática e discurso ainda recorrentes nos dias atuais.

Outro dado observado em relação às respostas dos alunos pesquisados, especificamente os do 3º ano do Ensino Médio, foi que esses indicaram que o professor de Educação Física contribui para a diminuição da violência na escola ao evitar a competição excessiva.

Embora esse dado apareça somente no gráfico destinado a esse nível de ensino e num percentual de 5,5% das respostas, o mesmo indica que os alunos dessa série, por terem um grau de maturidade maior em relação aos respondentes do 6º e 9º ano, têm a percepção de que a competição excessiva nas aulas de Educação Física contribuem para o surgimento dos atos de indisciplina e violência. Infere-se que esse entendimento se dê pelo fato de que os alunos do último ano do Ensino Médio, ao longo de todo o período do Ensino Fundamental e Médio, tiveram experiências negativas resultantes da prática de atividades desportivas, que de acordo com Moreira (in PICOLLO, 1995 p. 19), apresentam

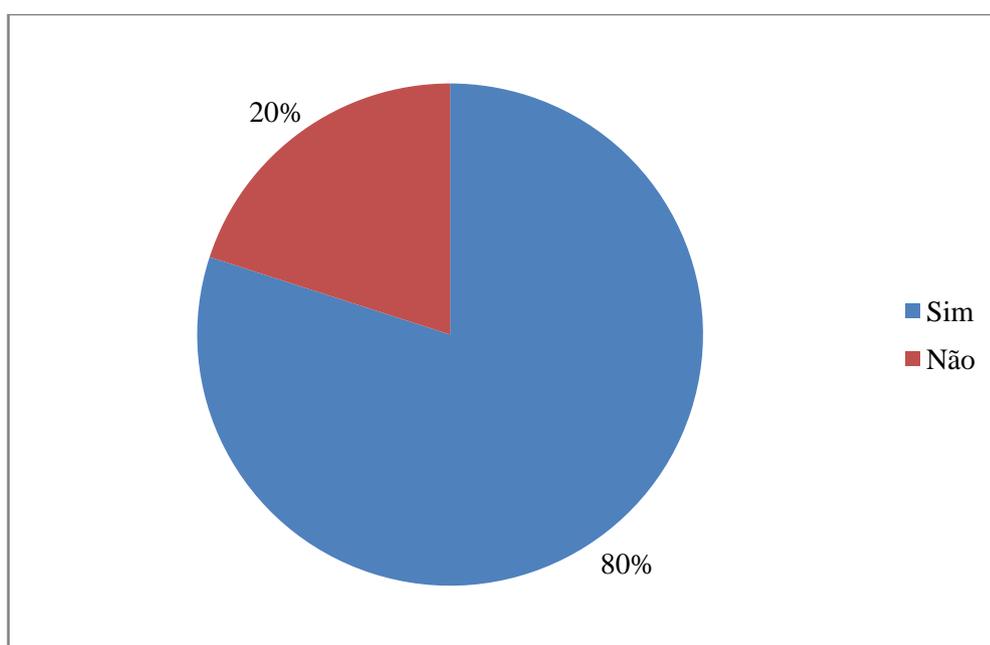
[...] característica de esporte competitivo, determinado pela obediência fiel às leis que o regulamenta; um esporte competitivo onde há a ausência de cooperação e prevalência de individualismo; um esporte que visa a vitória, permitindo a exploração e até incentivando a ideia de tirar vantagem do mais fraco.

Nesse sentido, o professor de Educação Física comprometido com os valores educativos a serem alcançados por meio de sua prática, deve estabelecer um equilíbrio com relação à competição, ou seja, em vez de negá-la, orientá-la, para que venha se tornar uma valiosa ferramenta na formação do caráter, favorável para a educação/formação moral, ética e

social e contribua de maneira preventiva nos atos relacionados à indisciplina e à violência na escola.

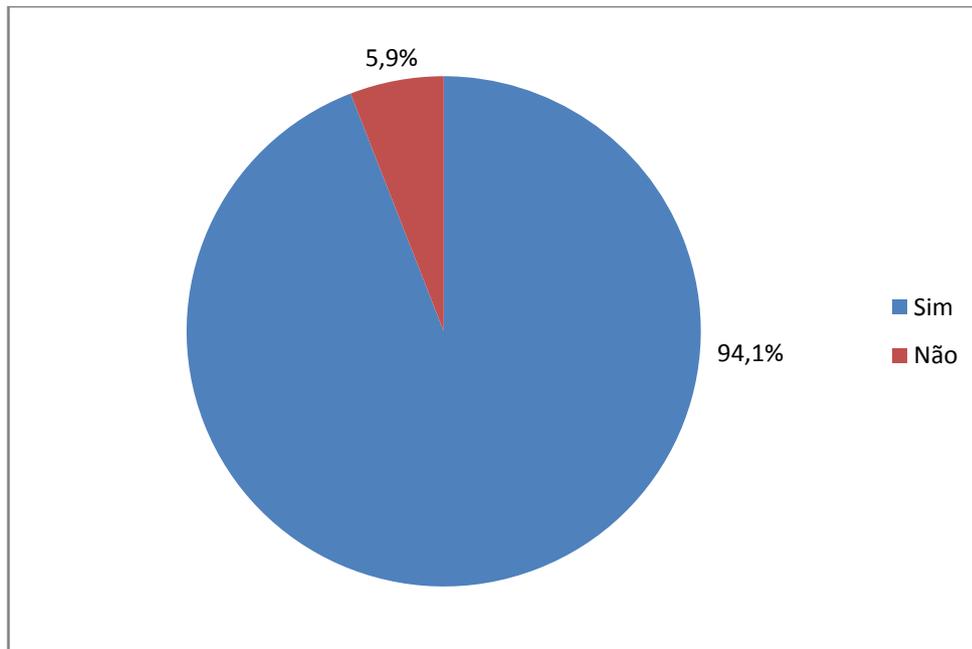
Ao serem questionados se a escola tem proporcionado eventos recreativos e desportivos que incentivem a confraternização entre os alunos e professores, durante o ano letivo, os alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 responderam: sim, 16 alunos (80%); não, quatro alunos (20%).

GRÁFICO 29 - Resposta dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 8 do questionário.



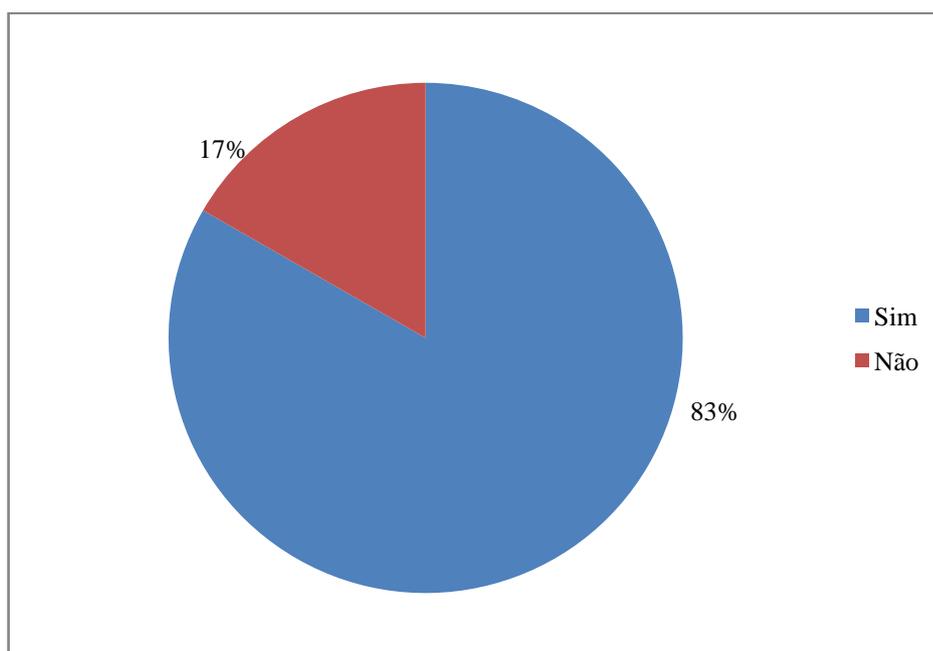
Os alunos do 9º ano das escolas 1 e 2, ao responderem a questão oito alunos afirmaram que: sim, dezesseis alunos (94,1); não, um aluno (5,9%).

GRÁFICO 30 - Resposta dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 à questão 8 do questionário.



Os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 na questão 8 responderam: sim, quinze alunos, (83%); não, três alunos (17%).

GRÁFICO 31 - Resposta dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 8 do questionário.



De acordo com os números indicados nos gráficos acima, referentes às respostas dos alunos nos três níveis de ensino das escolas pesquisadas, a maioria respondeu que as escolas têm proporcionado eventos recreativos e desportivos que incentivem a confraternização entre os alunos e professores. Algumas descrições das respostas dos alunos:

Sim, bastante. Proporcionam a fraternidade de times e torcidas.

Sim, a competição entre professores e alunos.

Sim.

Sim, jogos interclasse.

Poucos, mas tem sim.

Tem, só que insuficientes, deveria ter mais eventos.

Com base nos relatos e nos gráficos acima, observou-se que os eventos são realizados nas escolas, com ênfase nas atividades esportivas de torneios interclasse. Reverdito (et al, 2008 n. p.) refere-se aos jogos interclasses como:

[...] um evento organizado e promovido no âmbito escolar entre as turmas e séries. Cada escola detém particularidades na organização do evento, o qual varia de acordo com a disponibilidade de espaço físico, recursos humanos, materiais e calendário. De modo geral, é uma época em que as atividades de sala de aula dão lugar às atividades esportivas.

Os alunos gostam de participar dessas competições e cobram dos professores e da escola a sua realização. Nesse sentido, os jogos interclasses constituem uma importante ferramenta de motivação para a participação dos alunos em atividades esportivas competitivas. Todavia, o professor de Educação Física deve direcionar essas atividades no sentido de propor aos alunos um modelo educativo de competição, orientando-os para que não seja reproduzido dentro da escola, o modelo exacerbado de competição que acontece fora dela, e está marcado pela necessidade de superar qualquer custo o adversário, visto como um inimigo e não um oponente. Isso acaba por resultar em violência entre os competidores e também entre os torcedores. Nesse sentido, segundo Reverdito (et al, 2008 n. p.),

Ademais, o que nos apresenta é a necessidade urgente de transformação do cenário em que se encontram as competições escolares, especialmente no interior da escola. É preciso uma reflexão sustentada na ação e uma ação sustentada na reflexão, para ser capaz de romper com esse modelo alienante e obsoleto de competição. Portanto, é necessário criar um ambiente facilitador de relações sociais, sustentado por princípios e procedimentos pedagógicos.

As competições escolares não podem se sustentar apenas como pretexto de atrair os alunos para atividade extraclasse como cumprimento dos dias letivos, como acontece quando há a necessidade da reposição de aulas. É preciso que a proposição desse tipo de competição no espaço escolar venha dotada de uma proposta pedagógica clara, tenha como princípios a cooperação e os valores sociais. A esse respeito, Scaglia;Montagner e souza, (2001 apud REVERDITO et.al., 2008 n. p.) exemplificam que:

[...] o primeiro princípio pedagógico referencial é ensinar a todos competir. Pressupõe-se, segundo os autores, que a competição deve ser oferecida de forma equilibrada, permitindo aos alunos, constantemente, se depararem com situações complexas e desafiadoras a serem resolvidas. Todos devem ter oportunidades iguais, visto que a competição é um dos conteúdos abordados nos esportes, e vivenciar um tempo suficiente para explorar as possibilidades reveladas no jogo. Na condição de mediador, o professor deve ensinar mais que competir, facilitando um ambiente em que o aluno possa deparar com situações que irão guiá-lo para uma aprendizagem de comportamentos e atitudes. Nesse sentido, o professor deve ser capaz de ensinar o aluno a gostar de esporte, para que possa praticá-lo por toda a sua vida.

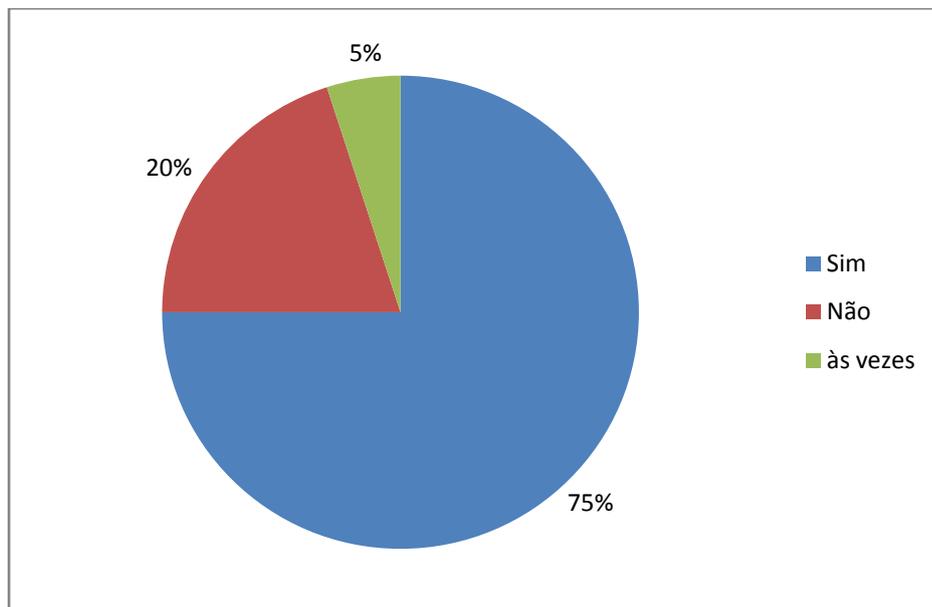
Acrescenta-se a esse princípio pedagógico, o incentivo a um maior número de envolvidos, através da coparticipação, citada por Barbieri, 2001; Mota, 2003; De Rose Jr.; Korsakas (2006 apud REVERDITO et.al, 2008 n. p.),de acordo com os quais,

A coparticipação valoriza a participação ativa dos alunos em todo o processo do evento, garantindo sua interferência como agente construtor e responsável pela gestão, co-responsabilidade e integração, de tal modo, que favoreça seu comprometimento, gerenciando situações de interesses individuais e coletivos. Por exemplo, na organização das tabelas, na especificação dos itens que compõem o regulamento, divulgação, arbitragem, comissão de alunos para tratar de situações pertinentes às competições, contribuindo para a aquisição de valores como cooperação, solidariedade, convivência, entre outros.

Portanto, as competições esportivas dentro da escola são uma oportunidade para contribuir de maneira educativa com a formação moral, afetiva e cooperativa. Trata-se de ensinar a competir competindo, tornar essa atividade mais interessante e significativa para os alunos e contribuir para a compreensão de princípios que proporcionem uma aprendizagem social dirigida aos valores humanos.

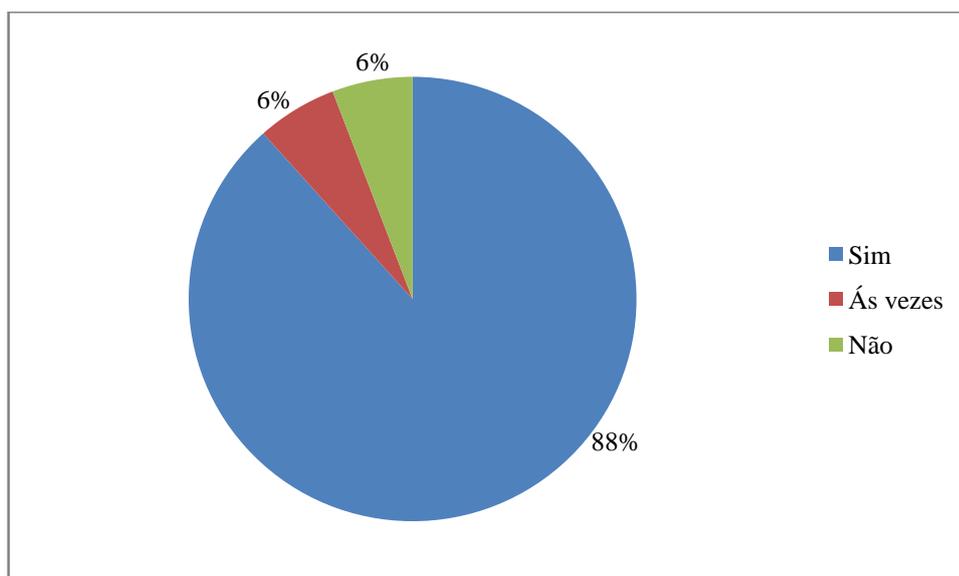
Ao serem questionados se há o envolvimento da direção e demais professores nos eventos recreativos e desportivos realizados na escola, os alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 responderam:Sim, quinze alunos (75%); não, quatro alunos (20%); às vezes,um aluno (5%).

GRÁFICO 32 - Resposta dos alunos do 6º ano das escolas 1 e 2 à questão 9 do questionário.



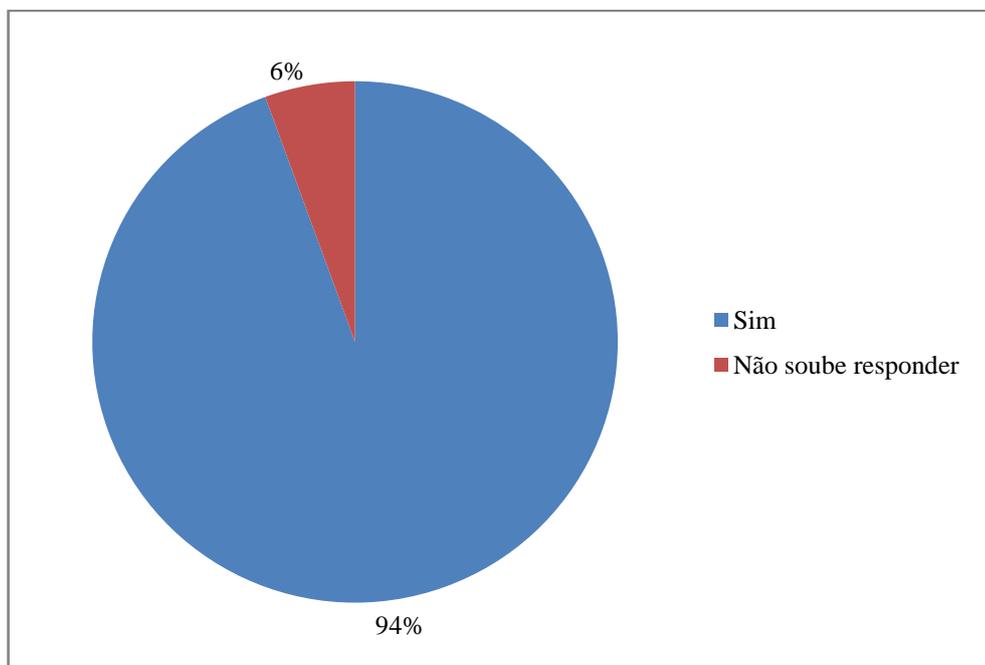
Os alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 responderam na questão 9 do questionário: Sim, quinze alunos (88%); às vezes, um aluno (6%); não um aluno (6%).

GRÁFICO 33 - Resposta dos alunos do 9º ano das escolas 1 e 2 questão 9 do questionário.



Os alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 responderam na questão 9 do questionário: Sim, dezessete alunos (88%); não soube responder, um aluno (6%).

GRÁFICO 34 - Resposta dos alunos do 3º ano do Ensino Médio das escolas 1 e 2 à questão 9 do questionário.



Na última questão direcionada aos alunos das escolas pesquisadas, ao serem indagados se há o envolvimento da direção e demais professores nos eventos recreativos e desportivos realizados na escola, a maioria das respostas foram positivas quanto à participação desses agentes.

Sim. Tem o envolvimento de professores e direção.

Sim. Eles (professores e diretores) participam.

Quando tem eventos, participam sim.

Somente algumas vezes eles participam.

Não. Não há o envolvimento.

Sim. Os professores até participam dos jogos, eles formam um time e vão jogar.

Sim. Participam na maioria das vezes na organização e até mesmo na prática.

Para Reverdito (et al, 2008 n. p.), “A realização do evento não é apenas de responsabilidade da disciplina Educação Física, mas responsabilidade da escola. Por isso

a interdisciplinaridade é essencial. Por meio da interdisciplinaridade, a competição pode ser abordada por diferentes áreas do conhecimento.”

Na realização desses eventos recreativos e desportivos deve haver um envolvimento de todos os profissionais que atuam na escola, tanto na organização quanto na execução das atividades, como objetivo de incentivar a troca de experiências entre as demais disciplinas.

A participação também deve ser extensiva à comunidade externa, de modo a oportunizar seu envolvimento com as atividades desenvolvidas no ambiente escolar, para que ela possa conhecer os objetivos educativos propostos nesses eventos.

É a oportunidade de apresentar para os demais membros da comunidade, sobretudo os pais, o papel relevante que a Educação Física tem com a formação integral do educando.

Para Silva (2009, p.18), “A escola é um espaço privilegiado de encontro de pessoas onde as manifestações humanas devem ser valorizadas, buscando-se uma verdadeira inclusão social de toda a comunidade escolar, através dessa poderosa máquina cultural: o Esporte”.

Dessa forma, trabalhar a prática esportiva no contexto dos jogos interclasse deve ser responsabilidade dos agentes envolvidos na comunidade escolar, e deve, inclusive, fazer parte da proposta pedagógica da escola, incentivar o crescimento individual e coletivo por meio da participação de todos.

CONCLUSÃO

Educação Física é Educação, na medida em que reconhece o homem como o arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana. Onde não será necessário "levar vantagem em tudo".

Vítor Marinho de Oliveira

Esta pesquisa analisou a disciplina de Educação Física como uma das alternativas para desenvolver a autonomia do aluno, a cooperação, o respeito às regras, à ética e à solidariedade, sobrepondo-se às situações de conflitos e violência em meio escolar. Para o alcance dos objetivos, analisamos a relação professor-aluno e as relações de sociabilidades estabelecidas com os professores das diversas áreas.

Os conceitos de indisciplina e violência nos ajudaram a definir melhor o significado de cada termo e compreender como os professores e alunos os percebem, assim como sua ocorrência na escola. Além disso, foi possível compreender que a disciplina faz parte da organização pessoal, social e do viver em sociedade, e os fatores que contribuem para o seu surgimento no âmbito escolar; assim como a importância do relacionamento interpessoal professor-aluno, qual o papel dessa relação no manejo das questões que envolvem a indisciplina e violência na escola. Foi possível ainda, verificar a contribuição da disciplina de Educação Física na escola e as possibilidades pedagógicas com suas atividades para atuar de maneira preventiva.

Metodologicamente, aplicamos o questionário aos alunos e professores que ministram a disciplina de Educação Física de duas escolas da Rede Estadual de Ensino da cidade de Paranaíba no estado de Mato Grosso do Sul. Com o intuito de preservar a identificação das escolas onde foi realizada a pesquisa, essas foram denominadas de escolas 1 e 2. A escolha se deu em função de ambas possuírem espaço físico favorável para a realização das aulas de Educação Física. Constatamos que, embora o espaço físico e o número de salas de aula da escola 1 sejam maiores em relação ao da escola 2, o número de alunos desta é superior ao daquela.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, foram escolhidos os alunos do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio das escolas mencionadas e respectivos professores que ministram a disciplina de Educação Física.

Após análise do questionário aplicado aos professores de Educação Física das escolas 1 e 2, observamos que, embora alguns tenham mencionado terem participado de cursos de aperfeiçoamento, constatamos haver pouco interesse em buscar aprimoramento profissional. Ao serem questionados sobre indisciplina e violência escolar, os mesmos atribuem a sua ocorrência a fatores externos, como a família, a sociedade e o próprio aluno. Não percebem que a indisciplina e a violência também podem ser geradas pelos professores, ou pela escola.

Os professores da disciplina de Educação Física afirmaram que recorrem ao diálogo para solucionar os problemas de indisciplina e violência nas aulas. Nesse sentido, compreendem a importância da sociabilidade, da boa relação interpessoal entre os professores e alunos e do seu papel como mediador para orientar os educandos no sentido de evitar a falta de civilidade e a agressividade com os colegas e com os professores.

Por outro lado, sobre as dificuldades dos professores das outras disciplinas em relação às situações que envolvem indisciplina e violência nas aulas e na escola, esses responderam que não há uma aproximação com os alunos e não há diálogo entre eles, além de observarem a falta domínio de sala e a superlotação de classe como elementos prejudiciais ao desenvolvimento das relações interpessoais e da boa convivência. Portanto, veem que há diferenças de relacionamentos entre os profissionais que ministram outras disciplinas em relação à de Educação Física.

Quanto à visão de como a Educação Física na escola contribui na redução da indisciplina e da violência, os professores dessa área responderam que essa disciplina utiliza o esporte como estratégia. Nota-se que a prática esportiva ainda exerce grande influência nas aulas de Educação Física e apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais contemplarem outras atividades, como as rítmicas e expressivas, essas ainda não têm sido valorizadas na prática cotidiana das escolas.

Quanto às diferenças de relacionamento interpessoal entre o professor de Educação Física e os demais professores com os alunos no sentido de contribuir ou não para a minimização da violência, os respondentes alegaram que as atividades lúdicas, que tem como característica principal o brincar e as desportivas, por serem atrativas para os alunos, permitem que aqueles profissionais tenham maior aproximação com os discentes. No entanto, no seu fazer pedagógico, o professor de Educação Física não pode ser considerado somente um instrumento de animação social. Nesse sentido, vislumbramos a necessidade de sempre buscarem capacitação para realizarem um trabalho competente, se reconhecerem como profissionais construídos historicamente e terem a exata dimensão do alcance social de sua prática.

Nos dados obtidos pelos questionários relativos às percepções dos alunos quanto ao papel da disciplina de Educação Física na minimização das questões relacionadas à indisciplina e à violência, observamos a ênfase nas atividades esportivas. Assim constatamos que para esses agentes, as atividades incentivadoras da confraternização e do trabalho em equipe contribuem na prevenção dessas situações.

Também para os alunos, o que difere o trabalho do professor de Educação Física dos outros professores é o fato de as aulas serem ministradas fora da sala e o uso mais intenso do diálogo. Observamos que de acordo com as respostas, os alunos entendem que a descontração proporcionada nas atividades desenvolvidas nos espaços fora da sala de aula encoraja os mesmos a estabelecerem uma relação de proximidade com os professores de Educação Física. Contudo, esses dados apontam para que os profissionais das outras disciplinas também possam dinamizar suas aulas e, sempre que possível, desloquem o seu fazer pedagógico para esses espaços, com vistas à melhoria nas relações interpessoais estabelecidas com seus alunos.

A análise dos questionários respondidos pelos alunos apontou para um alto índice de ocorrência em que eles se fizeram presentes, seja como participantes diretos, seja como espectadores de atos de indisciplina e violência no meio escolar. Esses dados apontam para a necessidade de se reavaliar as normas dentro do ambiente escolar e assim evitar atitudes de indisciplina e de violência. Inferimos que as exposições dos alunos em experiências desse tipo prejudicam a sua autoestima, bem como interfere negativamente nas relações de ensino e de aprendizagem.

De acordo com os dados obtidos, embora os alunos apontem o diálogo como alternativa utilizada por alguns professores para lidarem com o problema da indisciplina e da violência na escola, ainda assim constatamos a presença de algumas providências tomadas pelos professores e relacionadas à aplicação de advertência, suspensão, encaminhamento para a diretoria e para a coordenação. Os mesmos relataram que essas atitudes são adotadas tanto por professores de Educação Física, quanto por professores das outras disciplinas. A diferenciação apontada está no fato de que os professores de Educação Física utilizam a restrição à participação nas atividades práticas como forma de obter o controle da disciplina. Constatou-se que essa prática é frequente e está relacionada com a dificuldade que alguns professores têm em lidarem com questões relativas à autoridade e também aos limites.

A prática de esportes também é considerada pelos alunos como instrumento essencial na minimização das questões de indisciplina e de violência na escola. Percebeu-se que segundo a percepção dos respondentes, a Educação Física trata somente das atividades esportivas, indicando que a prática pedagógica ainda privilegia essas atividades no cotidiano

das aulas. Todavia, não se trata de desprestigiar a prática de esportes, mas sim direcioná-la para além da técnica e das regras, contextualizando-a de acordo com a realidade sociocultural onde está inserida.

Embora os alunos relatem a promoção de eventos esportivos e recreativos como forma de confraternização entre os alunos e professores, essas devem ser organizadas no sentido de garantir que a mesma não se torne mais uma competição esportiva excludente. Nesse sentido, devem garantir a participação de todos os alunos, mesmo aqueles que não estejam envolvidos diretamente nas atividades competitivas, como por exemplo, na divulgação, na organização do espaço, nas atividades rítmicas e culturais desenvolvidas no intervalo das competições como forma de contribuição para a aquisição de valores, sobretudo de convivência e cooperação.

Concluimos que a pesquisa nos forneceu elementos para a compreensão das possibilidades de atuação do professor e da Educação Física no desenvolvimento das ações educativas no sentido de facilitar as relações interpessoais e favoreceras mudanças de comportamento no sentido de coibir todo ato considerado indisciplinado e violento.

Por meio de sua prática pedagógica o professor de Educação Física deve analisar criticamente os conteúdos, readequá-los sempre que possível em favor do desenvolvimento da criatividade, da responsabilidade, da autocrítica, da emancipação, da afetividade e da socialização. Nesse sentido, as relações estabelecidas entre professor e aluno, sustentadas no diálogo e no respeito mútuo, proporcionarão o entrosamento necessário para a construção de condutas construtivas no sentido de minimizar as ações negativas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília (DF): UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, M.. **Escola, violência e fantasia**. Brasília (DF): Câmara dos Deputados, 2003.

ABRAMOVAY, M.. (Coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos**. Brasília-DF: Kaco - Gráfica & Editora, 2010. 314 p. 2010 - Secretaria de Direitos Humanos – SDH. Disponível em:

<http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_gangues_sem_a_marca.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2014.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. et al. **A Violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

AQUINO, J.G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**. ano XIX, nº 47, dezembro/98.

AQUINO, J.G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas escolares. Proposições**. Campinas, v. 17, n. 3, p.137-148, dez. 2006. Quadrimestral. Disponível em:

<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/51_artigos_auadd.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2014.

[ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO](#). Gianazzi, 27/11/2013 16:55 Opinião - Pelo fim da superlotação de salas de aula. 17ª Legislatura - São Paulo, 2 de Novembro de 2014. Disponível em:<<http://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=347136>> Acesso em: 2 nov.2014.

BACCARELLI, Maria Trevizan et al. Relacionamento interpessoal professor-aluno na Educação Física. **Conexões: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 8, n. 2, p.19-32, Agosto 2010. Disponível em: <<http://www.fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/download/523/356>>. Acesso em: 3 set. 2014.

BENEVIDES, R. O nosso Vietnã In: Lerner, J. (Org.). **A Violência No Esporte**. Secretaria da Justiça e da defesa da cidadania. São Paulo, 1996

BLAYA, C. **Violência e Maus-Tratos em Meio Escolar**. Rio de Janeiro: Instituto Piaget. 2006.

BRITO, C. S. **A indisciplina na Educação Física escolar**. Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, (Mestrado). Curitiba, 2007. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2053_1476.pdf>. Acesso em:

18 nov. 2013.

_____. Indisciplina e violência na escola. **XIX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2053_1476.pdf> Acesso em: 21 Nov. 2013

_____. A Disciplina e a indisciplina na educação física escolar. **Revista EFDeportes**, v. 15, n. 148, set. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd148/a-disciplina-e-a-indisciplina-na-educacao-fisica-escolar.htm>> acessado em: 11 mar. 2013.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**. Campinas: Editora Unicamp, [s.d], 1997.

CANDREVA, T. (Org.). A agressividade na Educação Infantil: o jogo como forma de intervenção. V.12 n.9 – **Revista Pensar a Prática**, UFG 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/4520/4695>> Acesso em: 17 nov. 2013.

CHAER, G.; DINIZ, R. R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: <http://www.ppec.ufms.br/Dissertacoes/Dissertacao_Bruno_Andrade_Martins.pdf> Acesso em: 25 jan.2015

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Ano/vol. 16, número 002. Universidade do Minho. Braga, Portugal.

COBIANCHI, E. L. **Indisciplina na escola, uma abordagem investigativa**. Cornélio Procopio – 2009. Disponível em: <http://www.esab.edu.br/arquivos/monografias/Monografia_Emerson%20Cobianchi.pdf> Acessado em 21 nov.2013

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Resolução CONFED nº 046/2002 – Intervenção do Profissional de Educação Física**. Rio de Janeiro: CONFED, 2002. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=82> Acesso em: 21 Dez.2014.

CORREIA, M. S. N. **O papel da educação física escolar diante do fenômeno da violência na escola**. Disponível em: <<http://www.ceap.br/artigos/ART17022012153948.pdf>> Acesso em: 20 nov.2013

DAYAN, S.P. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto. 2008

DAYRREL, J. A Escola “faz” as suas juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol.28, n. 100 – Especial p. 1105 -1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

DAYRREL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DARIDO, S.C.; et al. A educação física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.
Disponível em: / <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/rpefglau.PDF> Acesso em: 07 set.2014.

DARIDO, S. C.; RANGEL-B. I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L.A.; MOTA E SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES N., L.; PONTES, G.; CUNHA, F. **A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.

DARIDO, S. C. **Diferentes Concepções Sobre o Papel da Educação Física na Escola LETPEF** - Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física. Departamento de Educação Física -UNESP- Rio Claro, 2003.
Disponível em:
<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41548/1/01d19t02.pdf>>
Acesso em: 22 Abr. 2015

DARIDO, S. C. Temas transversais e a Educação Física Escolar. Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 76-89.

DEBARBIEUX, E. **Violência nas escolas: dez abordagens européias**. Brasília: UNESCO, 2002.

DIAS, K, P. **Educação Física x Violência: uma abordagem com meninos de Rua**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996.

FERREIRA, V. **Educação Física, interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

FILHO, I, A, T, V. **Teoria Histórico-cultural e suas implicações na atuação do professor de Educação Física Escolar**. Rio Claro: **Revista Motriz**, vol.15, nr.03, jul e set de 2009.
Disponível em: <http://www.bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nexAction=lnk&exprSearch=535216&indexSearch=ID> Acesso em: 11 de março 2015

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, J, B. **Educação de Corpo Inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARI, T. C. et al. A realidade dos professores de Educação Física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 14, n. 1, p. 109-137, 2006. Disponível em:
<http://www.revistamineiradeefi.ufv.br/artigos/arquivos/7828138ea2673071ec9aa11cf361c7ed.pdf> Acesso em: 20 de out. 2014.

GASPARIN, L. G. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas. 5.ed. Coleção Educação Contemporânea. Autores Associados, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf> . Acesso em: 23 de jan.2015.

GOLBA, M, A. A. **Indisciplina escolar na perspectiva de alunos**. Universidade Tuiuti do Paraná. Programa de Pós Graduação. Curitiba, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/pedagogia/di_indisciplina.pdf> Acesso em: 18 nov. 2013.

GOMES, C. A. PEREIRA, M. M.. A formação do professor em face das violências das/nas escolas. **Cadernos de Pesquisa**, 39(136), 201-224, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a1039136.pdf>Acesso em: 10 de Abril. 2015.

HURTADO, J, G. G. M. **O ensino da Educação Física: uma abordagem didática**. Curitiba: Educa/Editer, 1983.

JUNIOR, J. M. O professor de Educação Física e a Educação Física escolar:como motivar o aluno. **Revista da Educação Física**. UEM. Maringá, v. 11, n. 1, p.107-117, 2000. Disponível em: <http://educem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3805/2617>Acesso em 11 de Nov. 2014.

JÚNIOR, M.S; GALVÃO, A. M. O. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, set./dez. 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a05v31n3.pdf>> Acesso em: 3 de Agosto de 2014.

KAMINSKI, M. G. A. **A prática pedagógica do professor de Educação Física e a violência no contexto escolar**.Ponta Grossa –PR., 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2514-6.pdf>>-Acesso: em19 nov. 2013.

LEITE F.F. et AL. A Utilização Das Lutas Enquanto Conteúdo Da Educação Física Escolar Nas Escolas Estaduais De Araguaína-TO.**Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5, n.3, Pub.3, Julho 2012.Disponível em: <http://www.itpac.br/arquivos/Revista/53/3.pdf>. Acesso em: 11 Março de 2015.

LERNER, J. A. Fragmentos da memória: A primeira vez In: Lerner, J.A **Violência No Esporte** (Org.). Secretaria da Justiça e da defesa da cidadania. São Paulo: 1996

LIMA, J. L. **Educação Física x Violência escolar**. Universidade Federal de Rondônia. 2010. Disponível em: <http://artigocientifico.uol.com.br/acervo/4/51/tpl_3313.html> Acesso em: 18 nov. 2013.

LOURENCETTI, N., S., S. **O conceito de Indisciplina e aulas de Educação Física: o que pensam os estudantes?** TCC. (Graduação em Educação Física - Licenciatura) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

MARANTE, W. O. **Motivação e educação física escolar: uma abordagem multidimensional.** Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-27012009-094851/> Acesso em: 11 Fev.2014.

MARINHO, E. A.R. Uma Reflexão sobre a indisciplina no ambiente escolar. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.** 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1054.pdf. Acesso em: 13 agosto 2014.

MARQUES, M. Os Jogos Cooperativos como um caminho para a Educação Física Escolar e o desenvolvimento Psicossocial. **Anais do VI Congresso Goiano de Ciências do Esporte.** Goiânia 10 a 12 de Junho de 2009.

MARTINELLI, T; Pacífico, A; FUGI, N.C.; MILESKI, Q.; G.; A valorização do brinquedo na teoria-histórico-cultural: Aproximações com a Educação física. **Ver. Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar Educacional (ABRAEE)** Vol. 13, nº. 2 Jul./Dez. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a07.pdf> Acesso em: 19 de Jan.2015.

MESAQUE, S. C. (Org.). O papel da Educação Física escolar diante do fenômeno da violência. Abr. / mai. / jun. 2010 ano XVI, n 61 , p.149-154 – **Revista Integração.** Disponível em:<<http://www.ceap.br/artigos/ART17022012153948.pdf>>. Acesso em: 19 nov.2013.

MUÑOZ PALAFOX, G.; TERRA, D.V.; PIROLO, A. L. Educação Física: uma abordagem histórico-cultural de Educação. **Educação Física/UEM**, v. 8, n. 1 p. 3-09, 1997.

NEIRA, M.G. Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo? **Movimento & Percepção.** Espírito Santo do Pinhal, SP, N. 14, Jan./jun. 2009. ISSN 1779-8678. Disponível em:<<http://www.gpef.fe.usp.br/publicacoes.htm>> Acesso em: 14 de Abril de 2015.

NEVES, P. "É feio menina brigar": Gênero e violência na escola. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos.** Universidade Federal de Santa Catarina. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277834183_ARQUIVO_St37_PauloNaves_final.pdf> Acesso em: 20 abr. 2014.

NISTA-PICCOLO, V. L. **Educação Física escolar: ser... ou não ter?** 3. ed. Campinas (SP): Editora Unicamp, 1995.

OLIVEIRA, L. G. Reflexões sobre a indisciplina escolar sua diversidade conceitual. **UNIVALE - IX congresso nacional de educação – EDUCERE - III encontro sul brasileiro de Psicopedagogia.** Disponível em:

<<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0006.asp>> - Acesso em: 17 de nov.2013.

OLIVEIRA, V. M. **Educação Física Humanista**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1985.

_____. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense. 2004.

OLIVEIRA, I. P.B. Educação Física e a linguagem do Hip Hop: um diálogo possível na escola. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 12, n. 2, p. 166-189, abr./jun. 2014. Disponível em:

<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/viewFile/1139/pdf>. Acesso em: 24 de out.2014.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Educação física /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.

PAULO, C. M.; RAMOS, G. N. S. Aulas de educação física: acordos e desacordos. In: **III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana**. 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SPQMH - DEFMH/UFSCar, 2007, p.162-179. Disponível em: http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/3colq_acordos.pdf Acesso em: 24 de Fev. 2015

PESCAROLO, J. **Relação Família e Escola**. 2010. Disponível em: <<http://www.naoviolenca.org.br/sobre-a-relacao-familia-escola.htm>>. Acesso em: 16. Agosto 2014.

PIMENTEL, A..**A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural**. *Psicol. educ.*, São Paulo , n. 26, jun. 2008 . Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 24 ago. 2015.

PIROLA, S. M. F. **As marcas da indisciplina na escola: caminhos e descaminhos das práticas pedagógicas**. 2009. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Ciências Humanas, Departamento de Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2009. Disponível em: <<https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/OTPCSWFGHKVR.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

REBELO, R.A.A. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**. 6. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.

REVERDITO, R. S. et al. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**. v. 11. n. 1. p. 37-45, jan./jul. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/1207/3279> Acesso em: 10 maio 2015.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

ROCHA, B. **Interações sociais em aulas de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

RUOTTI, C.; ALVES R.; CUBAS V. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SANCHES, A.B. (Org.) **Educação física a distância: módulo 2**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física. 2008.

SANDRI, S.F. **Professores de Educação Física: (Des) Motivados nas Práticas Pedagógicas das Escolas Públicas Estaduais de Francisco Beltrão/Paraná?**
Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/870-4.pdf>
Acesso em: 13 out.2014.

SANT'ANA, A. S. S. **A indisciplina na educação física escolar**. Florianópolis, SC, 2012. Dissertação (Mestrado). Disponível em:
<<https://www.repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96303>> Acesso em: 16 nov. 2013

SANTIN, S. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre, RS: ESEF – UFRGS, 1994.

SANTOS, M. C. **A Experiência na relação professor-aluno: Uma análise reflexiva a partir das contribuições teóricas de John Dewey e Paulo Freire**. 226 f. Dissertação (Mestrado) – UEL, Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014. Disponível em:
http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2014/2014_-_SANTOS_Marcela_Calixto.pdf. Acesso em: 20 de Jan. 2015

SEBASTIÃO, L.L. FREIRE, E. S. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 12, n. 3, nov. 2009. ISSN 1980-6183. Disponível em:
<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/pef/article/view/6766/5982>>. Acesso em: 02 Nov. 2014.

SILVA, N. A. **A Importância Da Afetividade Na Relação Professor -Aluno**. Brasil, 2013, 44 páginas. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:
<http://monografias.brasile scola.com/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm> Acesso em: 13 Abril 2015.

SILVA, S. A. S. **As competições esportivas na escola como fator pedagógico de inclusão social**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1563-8.pdf>
Acesso em: 02 de Maio. 2015.

SOARES, C.; TAFFAREL, C, N, Z. (Org.). **COLETIVO DE AUTORES: Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA, E.R. **A reorganização do espaço da sala de educação infantil**: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural. Marília. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: www.marilia.unesp.br/Home/Pos./Educacao/vieira_er_me_mar.pdf Acesso em: 12 de Março 2014.

VILLELA, F.; ARCHANGELO, Ana. **Fundamentos da escola significativa**. Ed. Loyola: São Paulo, 2013.

WAINBERG, J. A. A violência na sociedade contemporânea. Organizadora: Maria da Graça Blaya Almeida. **Dados eletrônicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 161 f.

ZALUAR, A. e LEAL, M. C. **Violência extra e intramuros**. São Paulo, Rev. Bras. Ciências Sociais, v. 16, n. 45, fev. 2001. Disponível em: http://www.fadisma.com.br/guardasmunicipais/conteudos/gmra2/VIOLENCIA_EXTRA_E_INTRA_MUROS_ALBA_ZALUAR.pdf> Acesso em: 23 nov.2014.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

APÊNDICE A - Questionário aplicado aos alunos das escolas 1 e 2.

Dados Pessoais

Nome:

Sexo: () Feminino () Masculino

Série: () 6º ano ou () 9º ano do Ensino Fundamental () 3º ano do Ensino Médio

Unidade escolar: () E. E. Aracilda Cícero Corrêa da Costa.

() E. E José Garcia Leal

1- Na sua visão, como a Educação Física tem contribuído na minimização indisciplina e da violência na escola?

2- O que diferencia o trabalho realizado pelo professor de Educação Física dos demais professores da escola que possibilita evitar atos de indisciplina e de violência na escola?

3- Você já se envolveu ou presenciou atos de indisciplina e violência durante as aulas de que disciplina? Como e por que isso aconteceu?

4 – Como os professores resolvem os problemas de indisciplina e violência na escola?

5- Como os professores de Educação Física resolvem os atos de indisciplina e Violência na escola?

6 – O que diferencia o relacionamento do professor de Educação Física dos demais professores quando o aluno comete um ato de indisciplina ou de violência?

7- De que forma o professor de Educação Física tem contribuído para a diminuição da indisciplina e violência na escola?

8- A escola tem proporcionado eventos recreativos e desportivos que incentivem a confraternização entre os alunos e professores, durante o ano letivo?

9- Há o envolvimento da direção e demais professores nestes eventos?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

APÊNDICE B - Questionário aplicado aos professores de Educação Física das escolas 1 e 2.

Dados Pessoais

Nome: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Faixa etária

(anos): _____

Formação Profissional

Graduado (a) em: _____

Instituição: _____

Possui pós-graduação? () Sim () Não

() especialização

() mestrado

() doutorado

Área: _____

Instituição: _____

Tempo de magistério: _____ anos. () efetivo () convocado

1 – Que cursos de aperfeiçoamento realizou sobre a temática indisciplina e violência na escola?

2 - O que você considera como indisciplina e violência em meio escolar?

3 – Que procedimentos adota para resolver os problemas de indisciplina e violência durante suas aulas?

4 - Em sua opinião quais são as dificuldades dos professores de outras disciplinas em resolver problemas de indisciplina e violência nas aulas e na escola?

5 – Na sua visão, como a Educação Física na escola contribui na redução da indisciplina e violência?

6 – Quais são as diferenças de relacionamento interpessoal do professor de Educação Física dos demais professores com os alunos que contribuem ou não na minimização da violência?

7- Em 2014 que eventos foram realizados na escola envolvendo professores e alunos, diretor, coordenadores pedagógicos, funcionários e pais que contribuíram na diminuição da indisciplina e violência na escola?

8 - Em sua opinião, como ocorrem as relações interpessoais entre os professores e alunos, diretor e demais funcionários da escola?
